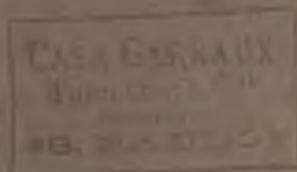


O GARIMPEIRO

ROMANCE



ODRAS QUE SE ACRÃO A VENDA NA MESMA CASA :

Bernardo Guimarães

O ERMITÃO DE MUQUEM, ou a história da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	38000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombolas, a Garganta do Inferno, a Dança dos Ossos. 1 v. br. 28000, enc.....	35000
POEMAS. Cantos da solidão. 1 v. enc.....	65000

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 48000, enc.	65000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 28000, enc.	38000
VIVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch. enc.....	28000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-8º enc.....	35000
A mesma obra, 2 v. in-4º, encadernados.....	65000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 4 v. in-8º. br. 128000, encadernado.....	108000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	168000
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição. 1 v.....	15500
A MAL, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	78000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	28000
	18000

Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc.....	35000
CHRYSALIDAS. Poemas. 1 v. in-8º br. 28000.....	25600
PHALENAS. Poemas. 1 v. in-8º.....	38000
RESURREIÇÃO, romance. 1 v. in-8º br. 28000, enc....	38000

L. Guimarães Junlor

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8º br.....	48000
CURVAS E ZIG-ZAGS, caprichos humoristicos. 1 v. br. 28000, enc.....	in-8º 38000

Rozendo Moniz

FAVOR E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8º br. 28000, enc....	35000
--	-------

J. H. Pereira da Silva

JERONYMO CÔRTE REAL. 1 v. enc.....	35000
MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 28000, enc.....	35000
GONZAGA. Poemas. 1 v. in-8º enc.....	38000

CAS :

1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000

O GARIMPEIRO

ROMANCE

POB

BERNARDO GUIMARÃES

16.081

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO

69, Rua do Onvidor, 69

1878

~~Perrans Pochees~~

463.9533

f 902.9

O GARIMPEIRO

I

A FAZENDA

As regiões que formão os municipios de Araxá, Patrocinio e Bagagem, na provincia de Minas, encerrão paysagens as mais rizonhas e encantadoras que se podem imaginar, e quem uma vez tem percorrida esses fertéis e pittorescos sertões, nunca mais os perde da lembrança.

É impossivel dar uma idéa do aspecto geral dosse paiz. A cada eminencia que se transpõe, uma nova perspectiva nos surprehende, um novo panorama se desenrolla aos olhos do viandante. Aqui o solo ondula graciosamente em colinas de suave declive, separadas umas das outras por cristalinos correjos, orlados de capões, cujo

tope escuro se destaca vivamente em meio do brilhante e verde claro matiz das campinas. Além se achata em vastos chapadões, que canção a vista, e impacientão o viandante, que os percorre. Acolá os espigões se abaúlam, como leivas gigantescas divididas pelos buritinães que se estendem como filas de guerreiros ao longe dos brejaes. Aqui o horisonte é limitado ao longe por uma linha de serras, cujos topes, longe de serem coroados de asperos alcantis, são lizos e risonhos taboleiros cobertos de viçozas e succulentas pastagens. Acolá uma linha escura forma o fundo do painel, é a selva profundo e immensa, que lá se vai perder pelo coração dos desertos sem fim. De todas essas encostas, por todos esses valles, á sombra de todos esses selvaticos vergeis jorrão e murmurão porennemente com pasmosa abundancia as mais limpidas e frescas agoas. O humilde regato, que aqui transpodes de um salto, algumas leguas além ainda ao alcance de vossas vistas já é largo e caudaloso rio.

Tudo é bello e grandioso, tudo é risonho e enlevador por aquellas immensas solidões.

Inumeras manadas de gado e de egons, mugindo e relinchando pelos vargedos de viço perennal, bandos de emus e siriemas vagando

pelos macegães, allegião a solidão d'aquelles sertões abençoados.

De tres em tres, de quatro em quatro legons lá alveja no fundo da vallada, entre moitas de laranjães, coqueiros e bananeiras, a casa do abastado lavrador, que o viandante fatigado saúda sempre com indizível prazer, pois saba que á sua porta o espera a mais franca e cordial hospitalidade.

Posto que alli ainda não tenham penetrado os beneficios do progresso material, todavia a condição moral e intellectual da população é, e sempre foi excellente. Os habitantes dessas regiões são notaveis pela amenidade dos costumes, e pela amabilidade do tracto.

Nessas paragens os homens são robustos, activos e intelligentes, as moças são bem feitas, meigas e formozas.

Todas essas vantagens são devidas talvez em grande parte á doce e sempre igual temperatura do clima, á inexcedível uberidade do solo, á belleza e magnificência de seus horisontes incomparaveis.

Entre a Bagagem e a villa do Patrocinio, no meio de dois espigões separados por um pequeno correjo, situado n'um valle delicioso, que ia

morrer nas faldas de um serrote visinho, era a fazenda do Major ***. No sertão não ha fazendeiro algum tanto abastado, que não tenha um posto elevado na guarda nacional. Portanto para não declinar o nome de nosso personagem, o designaremos sempre pelo do seo posto.

A casa do Major era baixa, mas espaçosa, circumdada pelas suas faces, que olhãvao para o lançante do espigão, de uma larga varanda aberta, e pelos fundos reunida entre moitas de laranjeiras, coqueiros, jambeiros e outras arvores fructiferas, que em pittoresca desordem asombriavão em torno.

Na frente havia um vasto curral em um canto do qual erguia-se uma velha e truculenta gameleira, dessas que estendem seos galhos gigantes-cos dez braças em derredor, e que servia de sombra e aprisco para o gado, para os carros e outros utensilios de roça.

No fundo do quintal, que era um vasto vergel de arvores frustiferas plantadas premiscuamente e sem symetria alguma, corria o correço, que descia das alturas visinhas sempre fresco e crystalino, á sombra de espessos e viçozos capões. Do outro lado, pela beira do correço, corria uma orla de capoeira inculta e emmaranhada.

Em certo lugar o riacho, como que fatigado de correr e retouçar por entre as pedras, vinha espreguiçar-se e adormecer em um largo e crystalino tanque, em cujas bordas havia uma linda vargemzinha toda alcatifada de rasteiro e mimoso capim. Era alli a fonte e o quaradouro em que as escravas da casa costumavão lavar a roupa. Alli tambem a filha do Major, a formosa e interessante Lucia, costumava trazer, nas horas de scsta, a sua cestinha de costura, e junto com Julia, sua irmãzinha de nove annos, assentada no grammal á sombra de uma moita de arbus-tos, trabalhava cantarolando alguma singela copla, ou conversando com as escravas.

— Joanna, tu não queres ir a villa agora pelas festas do dia 7 de Setembro?

— Sinhasinha váe?

— Eu hei de ir por força; ha parada, papae é Major, não pode deixar de ir, e bem vós que não pode deixar-nos aqui sozinhas.

— E então? como é que sinhasinha ha de ir sem sua negra? quem é que ha de lhe lavar e engomar os vestidos, pentear seo cabello, o fazer o mais preciso? Sinhasinha cuida que ha de me deixar aqui? não vê... não hei de ser eu que hei de perder festa; só se me amarrarem...

já estou velha; é preciso aproveitar o meo tempo.

— Has de ir, Joanna, não tenhas cuidado, não posso passar sem ti... A festa dizem que vae ser muito arrojada; temos de lá ficar uns oito dias. Ha cavalludas, Joanna.

— Cavalludas! ainda mais isso! que bom! e eu que sou doida por cavalludas; não pode haver brinquedo mais bonito. A quanto tempo não ha disso por aqui! Esta terra já não é o que era dantes. No meo tempo, ah! siuhasinha! se Vin. visse! que bonitas cavalludas não se corrião aqui e no Araxá! era um gosto! hoje isto já não presta para nada. Que é dos corredores de fama que então havião? já morreu tudo. Agora isso ha de ser alguma cousa atõa.

— Estás enganada, Joanna, estas vão ser muito boas. Aquelle moço, que aqui passou outro dia, não te lembras? aquelle moço alto, de cabello preto e anelado...

— Ah! já sei... o Sr. Elias, aquelle moço de Uberaba...

— Isso mesmo, Joanna; elle tambem vae correr, e pediu a meo pai o cavallo rosilho.

— Oh! aquelle sim, que bonito cavalleiro não ha de ser! é um mocetão sacudido, e muito bem parecido.

— Não achas? Joanna; não é um moço bem bonito? eu também gostei muito delle.

— É um figurão, e parece ser muito bôa pessoa. É pena ser tão pobre.

— Quem te disse que elle é pobre? você o conhece?

— Eu não; mas está se vendo, sinhasinha; nem um pagem, nem um camarada... elle só com seo cachorro, sua espingarda e sua mala na garupa... então gente rica anda assim?

— Ora, isso não quer dizer nada; ha muita gente rica que anda assim por gosto.

— Não creia nisso, minha sinhá; estava-se vendo que elle é mesmo pobre. Quem sabe, se mesmo o cavallo em que anda não é emprestado!

— Arre lá! Joanna, replicou a moça com um sorriso que não disfarçava o seo enfado. Também que nos importa que elle seja pobre ou rico; entretanto eu duvido que nessas cavalhadas appareça um cavalleiro mais bem feito e mais bonito.

— Ah! sinhazinha! está me parecendo que Vin. ficou... não quero fallar... não; Deos me defenda.

— Ficou o que?... Joanna; falla...

— Sinhazinha, não fica zangado com sua negra?

— Não, pódes fallar sem susto.

— Ficou mordida...

— Mordida! não entendo.

— Pois se não entende, melhor; e callo minha bocca!

A escrava, com quem Lucia entretinha esta conversação, era uma creoula algum tanto idosa, mas esperta, viva e palradeira, bôa e fiel escrava, muito estimada de seos senhores e especialmente de Lucia, a quem na infancia tinha amamentado. As ultimas palavras que dirigio á moça, foram proferidas com certa intenção, ao mesmo tempo que fitava nolla um olhar malicioso. A moça comprehendeu, corou e sorriu levemente, e tratou de desviar a conversa daquelle assumpto.

— Mas, Joanna, eu tenho muita costura que fazer de amanhã em diante, tu e a Paula hão de me ajudar, se é que querem ir á festa.

— A estas palavras, as quatro ou cinco raparigas que alli se achavão tambem occupadas na lavagem de roupa, acudirão a um

tempo, a garrular como uma chusma de periquitos.

— E eu tambem estou ahi, sinhazinha; Paula não é capaz de engommar melhor do que eu; sinhazinha ha de me levar, não é assim?

— E a mim tambem, sinhazinha, ha que tempos que eu não vou na villa.

— Calla-te; você ainda outro dia foi na desobriga, e eu fiquei; agora é que eu devo ir, sinhaziuha.

— E eu então? vocês todas tem ido á villa este anno, e eu, pobre de mim, ainda nem para ouvir uma missa.

Lucia via-se zozna no meio daquella algazarra de pedidos importunos que chovião sobre ella a um tempo a atordoar-lhe os ouvidos, como um bando de maritacas.

— Pelo que vejo, vae a não ficar ninguem em casa! Hão de hir aquellas que fôr possível. Havemos de ver isso depois. Por agora tratem de seo serviço e não estejam a me aborrecer.

Estas palavras, a que Lucia então procurava dar um tom severo, não produzirão senão um effeito passageiro. A tagarelagem

e as importunações continuáram na mesma, dahi a pouco, e não terião fim, se o sol que se ia escondendo atraz das collinas, não viesse avisar que era tempo de se recolherem.

As negras tratáram de arrumar a roupa em gamelas e balaios, que puzerão na cabeça; Lucia tomou em um dos braços seo balainho de costura, deo a mão á sua irmãzinha, e todo aquelle alegre e interessante grupo á um de fundo foi desapparecendo por entre o laranjal.

Dahi a pouco ouvia-se a sineta da casa chamando a familia e os escravos para a reza da Ave-Maria, e ao som dessa reza, dos ultimos cantos do gallo e dos gorgeios do sabiá, enviando á tarde um derradeiro adeos, a paz e a benção do céo descião nas azas cinzentas do crepusculo sobre aquellas tranquillidades solidas.

Lucia tinha dezoito annos, seos cabellos erão da cor do jacarandá brunido, seos olhos tambem erão assim, castanhos bem escuros. Este typo, que não é muito commum, dá uma graça e suavidade indefinivel á physionomia.

Sua tez era o meio termo entre o alvo e

o moreno, que é, a meo ver, a mais amavel de todas as cores. Suas feições, ainda que não erão de irreprehensivel regularidade, erão indicadas por linhas suaves e harmoniosas. Era bem feita, e de alta e garbosa estatura.

Retirada na solidão da fazenda paterna, desde que sahira da escola, Lucia crescêra como o arbusto do deserto, desenvolvendo em plena liberdade todas as suas graças naturaes, e conservando ao lado dos encantos da puberdade toda a singeleza e innocencia da infancia.

Lucia não tinha uma dessas cinturas tão estreitas que se possão abranger entre os dedos das mãos; mas era fina e flexivel. Suas mãos e pés não erão dessa pequenêz e delicadeza hyperbolica, de que os romancistas fazem um dos principaes meritos das suas heroínas; mas erão bem feitos e proporcionados.

Lucia não era uma dessas fadas de fórmias aereas e vaporosas, uma sylphide ou uma bayadere, dessas que fazem o encanto dos salões do luxo. Tomal-a-hieis antes por uma das companheiras de Diana a caçadora, de

fórmãs esbeltas, mas vigorosas, de singelo mas gracioso gesto.

Todavia era dotada de certa elegancia natural, e de uma delicadeza de sentimentos que não se esperaria encontrar em uma roceira.

Esses dotes ella os devia em parte ao céo, que tanto a favorecêra, e em parte a sua mãe, mulher espirituosa e sensível, e que se esmerára em dar-lhe uma excellente educação, que Lucia procurava transmittir a sua pequena irmã, desde o berço.

Quanto ao Major, homem de espirito acanhado, frio e positivista, mas bôa alma, o melhor dote que julgava poder dar ás suas filhas, era dinheiro e só dinheiro.

A gentil sertaneja bem raras vezes ia á villa do Patrocínio; sua vida deslisava-se n'aquelle ermo tranquilla e uniforme, como o murmurio monotonico de sua fonte, e sua alma era pura e alegre como uma manhã de Abril, placida e serena como uma noite de luar. Mas a vida não lhe corria inactiva, e nem seu coração estava vazio.

Além de sua irmãzinha, em quem concentrava as suas mais ternas afeições, e a quem

servia de mestra e de mãe na falta da verdadeira, que ha muito havião perdido, erão seus cuidados uma linda e mansa vaquinha favorita, da qual todos os dias com suas proprias mãos tirava o alvo e espumante leite; erão suas pombas, seo pequeno jardim, e seo lindo oratorio, que sempre trazia enfeitado de frescas e fragrantas flores, e em que todas as noites, com sua irmãzinha ao lado, rezava por alma de sua mãe.

Lucia tinha prazer todas as vezes que se offerecia occasião de ir á villa a qualquer festa, ou simplesmente para ouvir missa. Era uma agradável interrupção a sua vida monotona de roceira; ia esparecer um pouco o seo espirito na sociedade; ia ver e gozar da companhia de suas amigas de escola. Mas, passados alguns dias, começava a sentir saudades de sua vaquinha, de suas pombas, de suas flôres e de seo oratorio.

N'aquella occasião, em que havião festas esplendidas e arrojadas, como a muitos annos não se fazião n'aquelle lugar por occasião do anniversario da independencia, havia ainda mais um incentivo, e póde-se fazer idéia da alegria infantil com que Lucia e Julia fazião os preparativos da pequena viagem, e da impaciencia com que esperavão o dia da partida.

Para Lucia havia ainda mais um poleroso motivo de emoção e alegria. O gentil mancebo, que pousára em sua casa, e que ia correr nas cavhadas, não lhe sahia da lembrança. Ao pensar nelle Lucia sentia no coração um alvoroço estranho, como nunca sentira em dia de sua vida.

A CAVALHADA

A villa do Patrocínio está em uma das mais lindas e aprasivois situações. Occupa o alto e os lançantes de uma collina de pendor suave, encostada de um lado ao topo de uma serra, e gozando pelos outros lados da mais risonha e extensa perspectiva, de largos e formosos horizontes.

Nas vespéras da festa, a que nos reportamos (ha de haver mais de vinte annos), a alegre e fauceira villa estava mesmo louçã e garrida, como menina da roça, que se enfeita com alegre soffreguidão para ir á festa na povoação visinha. As fazendas e arrailetes, n'um raio de dez legoas em redor, tinham ficado despovoados. As casas da pequena villa já não crão sufficientes para accommodar tanta gente; os ranchos improvisados e cobertos de capim, as barracas e os carros de

bois; outras barracas ambulantes, com seu toldo de couro, agrupados em desordem pelas campinas e vargedos visinhos, abrigavam uma multidão de familias sertanejas, que ao sol sempre brilhante d'aquellas paragens, onde se desconhecem as neblinas e agoaceiros, alardeavam seus vestidos de côres vivas e variegadas, seus grossos rosarios e trancelins de ouro com pezados relicarios e medalhas pendentos do pescoço, derramando-se pelo seio com incrível profusão. Os rapazes montados em lindos poldros ou em possantes mulas ajaezadas de prataria, as esporeavam pelas ruas, procurando fazer admirar as excellentes qualidades de suas cavalgadas, e o seu desempenho e galhardia em dirigil-as. As violas, violões, e guitarras resoavam por todos os cantos d'aquella villa que sempre foi notavel por seu gosto pelas symphonias e serenatas.

A arena ou circo, em que se devia correr as cavahadas, era no meio do largo da Matriz, em uma esplanada que fica na parte mais eminente do outeiro em que está situada a villa. Era um arco circular de cento e vinte passos, mais ou menos, de diametro, em torno da qual os particulares iam construindo em desordem e sem symetria alguma seus palanques

toldados e guarnecidos em roda de colxas de damasco, de seda e de chitas de variadas e brilhantes côres.

Dous dias antes da festa, á tarde, fazia sua entrada na villa pela estrada do sertão uma familia, que entre outras muitas que ião chegando, attrahio particularmente a attenção do povo que vagava pelas ruas, é que se apinhava pelas portas e janellas. Era um homem idoso, tendo a seo lado uma jovem e gentil cavalleira, que cavalgava com summa graça um lindo ginete branco, uma menina de nove a doz annos, e alguns pugens e mocamas á cavallo.

— Que moça tão bonita é aquella? perguntavão d'ali.

— É a Lucia! pois não conheço a Lucia? ah! cada vez mais bella!

— É a Lucia! ah! vem a Lucia! susurrava-se em outro grupo; e moços, velhos e meninos a correrem ás janellas para verem aquella peregrina formosura, cuja fama á muito já se tinha espalhado por toda aquella redondeza.

— É um sol de formosura! exclamavão sympathicamente os velhos. É o retrato de sua mãe, que eu conheci muito no meo tempo, mas retrato favorecido ..

— É na verdade bonito, dizião as moças, mas, coitada, por viver sempre na roça, está com um ar tão cançado.

— Ora, prima, se a senhora não fosse tão bonita, eu diria que isso é inveja. Veja com que graça e desembaraço ella governa o cavallo... queria que ella estivesse a olhar sempre para todos os lados.

Quando uma moça é bonita, airosa e bem feita, se cavalga um lindo ginete, e sabe bem dirigil-o, scos encantos ganhão novo realce. Com o movimento as faces se incendem de côres mais vivas, os olhos despedem mais fulgor, o porte como que se torna mais garboso e senhoril. Lucia que reunia todas aquellas condições em grão eminente, estava fascinadora. Sua entrada na villa produzio uma verdadeira expectação.

— Que bonita moça! e como governa bem o seu lindo cavallinho! dizia-se ainda em um grupo de moços, que se affastara a um canto para vê-la. Eu prefiro este espectáculo a quanta cavallinda ha neste mundo.

— Tens razão. Entre as cousas lindas, que ha neste mundo, uma das mais lindas é ver uma linda moça montada em um lindo cavallo.

— Oh ! se as mulheres tambem corressems cavalhadas, e pilhassemos um terno de cavalheiras como aquellas !... que dizes, Elias ?

— Isso é impossivel, respondeo este, como aquella não póde haver outra no mundo. Mas nesse caso eu quizera correr cavalhadas toda a minha vida !

— Ah ! meo Deos ! a primeira argolinha, que eu correr, e que hei de tirar por força, ha de ser offerecida a aquella incomparavel formosura.

— Alto lá, eu corro primeiro que tu, e serei eu que primeiro terei a honra de offertar-lhe o anel... que ventura, já estou sonhando como gracioso sorriso com que ella tem de agradecer-me.

— Que esperanza ! na primeira corrida vocês todos hão de errar, eu aposto ; e eu que serei um dos ultimos a correr, serei o primeiro a levar a argolinha a gentil dama, e o que vocês ainda não sabem, o pai della com quem muito me dou, me ha de convidar a jantar em sua casa. Olhem, não vão morrer de inveja.

O grupo, como se vê, era de corredores de cavalhadas, e entre elles achava-se Elias. Lucia o tinha avistado, e tinham-se saudado com

os olhos. Elias ao ouvir as palavras de seus companheiros remedia-se por dentro, e começava a sentir as primeiras inquietações do amor. Quando passara pela fazenda do Major sentira irresistível atracção pela moça; mas attendendo a sua posição de moço pobre e sem posição, não ousára affagar muito aquelle sentimento, que esperava em breve se desvaneceria. Quando porém a viu entrar na villa radiante de belleza, e como que rodeada de uma aureola de prestigio, quando a viu tornar-se o alvo da admiracção de tantos ricos e galhardos moços, que parecião porfiados em merecer della um olhar ou um sorriso, Elias sentio um não sei que picar-lhe o coração, e comprehendeo que nunca poderia ver de bom grado aquella belleza passar ao poder de outrem.

Depois de dar o tempo necessario para o descanso dos recémchegadas, que se appareão em uma das melhores casas do largo, Elias foi um dos primeiros a visital-os, no que não só cumpria um dever como tambem satisfaria ao mais ancioso anhélo de seu coração. A recepção foi cordial e affectuosa. É escusado dizer que Lucia ao ver o moço, corou de um modo muito expressivo.

Havia já lá, na salla do Major, um jovem trajado com elegancia e certo requinte de mão gosto, porem á ultima moda. Sobre o collete brilhavão-lhe a grossa cadeia do relógio, guarnecida de uma infinidade de pendurucalhos, a luneta com seo competente trancelim, e no peito da camisa um formidavel alfinete de diamante. O collete tinha tambem uma scintilaute abotadura metalica. Era em tudo o typo acabado do peralvilho da cõrte, todo frisado e almiscarado. Era um negociante fluminense a pouco estabelecido no logar. Fora a principio mascate ambulante, mas havia um anno, que se instalara no Patrocínio com loja e balcão, e segundo dizião, estava bem principiado, e em vias de enriquecer-se. Gostava muito de Lucia, e fazia a cõrte ao Major que o não olhava com más olhos; pois via nelle um ricasso em esperança, e por conseguinte um excellente genro.

Elias vio com desespero que por toda a parte não encontrava senão rivaes. Essa circumstancia, porém, longe de desalentar-o, mais estimulava e incendia a sua nascente paixão.

O jovem negociante era de conversação jovial e zombeteira. Para se inculcar de fina e polida educação escarneria de tudo quanto era do ser-

tão, e naquella occasião, para dar mostras de seu espirito, começou pelas cavalladas.

— Na côrte ninguem iria ver cavalladas senão para rir-se. É um divertimento do tempo de El-Rei nosso senhor. Que papel ridiculo não fazem esses papalvos, que ali vão galopar enfeitados de chapeos armados, bandas, fitas e europeis como figuras de entremez!... E a embaixada, Santo Deos! ha nada mais estúpido! admira que ainda hajão homens serios, que assim se atrevão a prestar-se ao debique em publico sobre um cavallo dansador, repetindo de boca cheia umas asneiras que ninguem entende! é espectáculo proprio só para bobos ou creanças.

— Ora deixe-se disso, senhor Azevedo, replicou o Major, o senhor e bem difficil de contentar. O nosso povo gosta de cavalladas, é doudo por ellas. Não podemos ter circos nem theatros, como nas grandes cidades; que remedio senão nos servirmos com a louça de casa.

— Orão! fação banquetes, fação bailes, fação corridas de touros; não faltão meios de divertir-se o povo; mas deixem-se dessa triste bobice das cavalladas.

— Mas talvez V. S. goste de ver estas. Os cavalleiros são excellentes; temos soberbos cavallos, e estão muito bem doutrinados.

— Qual ! nestas cousas quanto melhor, peor. Quanto mais perfeito anda o negocio, mais ridiculo. Antes fosse uma verdadeira mascarada carnavalesca e doudejante ; mas aquella comica gravidade, aquella insipida regularidade, é cousa tristemente ridicula.

— É para V. S. acostumado aos brilhantes e variados espectaculos da côrte ; mas para nós, pobres roceiros, não ha nada mais divertido do que ver um guapo cavalleiro dirigindo um bom e bem doctrinado ginete, tirar uma argolinha, e encaminhando-se a um palanque e offertal-a a uma formosa dama...

— Sim ; e depois com cara d'asno vir volteando o circulo com um molho de fitas na ponta da lança, ao som de musicas e foguetarias, e ir collocar-se de novo muito concho no seo posto. Ha nada mais insipido ! São cousas que se devem deixar para os artistas do circo equestre, que as fazem muito melhores, e disso ganhão a vida.

Elias, que ouvia com impaciencia as palavras do negociante, que o humilhavão e o ferião em seu amor proprio, julgou que não devia deixar sem resposta os motejos d'aquelle pelintra, com quem sem saber porque enberrara desdo princi-

pio, e assentou de confundil-o e esmagal-o. Elías, que alem de ter feito os estudos preparatorios, por seo amor á leitura tinha adquirido variada instrução, era de feito muito superior ao seo adversario.

— Perdão, replicou Elías com polidez, não lhe acho razão, meo senhor, e entendo que a cavallhada é um divertimento muito nobre, muito agradável, e muito util.

— Deveras! e não me fará o favor de dizer em que?...

— Em que? em muita cousa. O senhor bem sabe que as cavallhadas não são mais do que uma imagem, um simulacro das antigas justas e torneios. Mas esses divertimentos barbaros, em que se derramava sangue, e que muitas vezes custavão a vida aos justadores, não podem compadecer-se com as luzes e costumes da civilisação actual, e admira que, mesmo nos sanguinarios tempos da media idade, fossem tolerados entre povos christãos. A cavallhada porém ficou como uma imitação d'aquellas luctas cavalheirescas, que não custando o sangue, nem a vida a ninguem, offerece um brilhante e nobre espectáculo aos olhos do povo. A equitação é uma arte util, necessaria mesmo, ninguem o póde contestar. A

cavallhada produz estimulo e emulação entre os moços para se exercerem nesta vantajosa e nobre arte, dando-lhes occasião de alardear o seo garbo e dextreza em dirigir um possante e fogoso ginete aos olhos do publico, e as vezes tambem de uma amante querida, qua do fundo do seo palanque o anima com um olhar, ou com um sorriso. Dizendo estas ultimas palavras, Elias lançou furtivamente sobre Lucia um olhar rapido.

— Triste meio de agradar ás bellas, fazendo papel de truão! exclamou com uma gargalhada o joven negociante.

— É mais nobre e cavalheiresco, retorquiu Elias, do que o namoro nos bailes e nas igrejas que é tão commum hoje. E ainda nisto a cavallhada é uma semelhança dos antigos torneios, nos quaes os campeões tinham sempre uma dama dos seos pensamentos, pela qual iam romper lanças na sanguinosa liça.

— Oh! meo senhor! já lá se foi o tempo dos D. Quixote e das Dulcinéas, disse o negociante.

— É verdade; hoje estamos no tempo dos melcatrefes e dos bonecos almiscarados; duvido que melhorassemos nesse ponto. O uso de correr cavallhadas tambem produziria ainda uma outra vantagem, e seria inspirar aos nossos fazendeiros

o gosto pela criação de bons e bonitos animaes, tendo mais capricho na escolha e apuração das raças cavallares, cousa de nenhuma importancia, e que em nosso paiz se trata com o maior desleixo. A cavallaria é uma das armas mais poderosas, principalmente nas guerras da America, onde ella é indispensavel, e sem bons cavallos e bons cavalleiros não póde haver boa cavallaria. Quando a arte da guerra fôr uma arte inatil, quando a carreira militar fôr uma profissão ignobil e desprezivel, então a cavallada será um espectaculo só proprio para bobos e crianças.

— Não creia que hão de ser as cavalladas, que se correm de annos em annos, quando-se correm, que nos hão de dar bons cavalheiros, nem bons cavallos. Infelizes de nós, se não houvessem outros meios de obter-os, como as escolas de equitação, as corridas de parellas...

— Mas onde está na-la disso entre nós? As escolas de equitação serão uteis, sem duvida, mas as cavalladas e todos os espectaculos equestres serão um complemento della, porque estimularia os moços a se exercerem nessa arte offerecendo-lhes occasião de exhibirem em publico sua agilidade e galhardia. Ninguem fre-

quentaria as escolas de musica ou de qualquer outra arte agradável, se não houvesse occasião de apresentar em publico, em occasiões solomnes como nas igrejas e nos theatros, seo talento e maestria. Para nós, porém, que desde a infancia andamos a cavallo, essas escolas são muito dispensaveis, e mesmo sem ellas sabemos, não só governar, como domar e doutrinar os mais fogosos animaes, e quando é occasião de nos apresentarmos em publico, em breve o senhor poderá julgar se somos ou não bons cavalleiros.

— Ah! pelo que vejo, o senhor tambem é um dos corredores da cavallhada? nesse caso peço-lhe mil perdões pelo que tenho dito, mas meo amigo, a fallar-lhe com franqueza, não lhe invejo o gosto.

— Embora!... O senhor acha ridicula a cavallhada, mas, pergunto eu, qual será mais ridicula uma cavallhada ou um baile? Quem se presta mais ao debique publico, aquelle que dirige e sopêa um generoso corcel no meio da liça, soperando uma lança ou brandindo uma espada, ou aquelle que ao lado de uma danna arrasta os pés em um salão, fazendo mesuras, trejeitos e requiebro? Qual

será a prenda mais util e mais nobre, a dança ou a equitação? qual será mais proveitoso ao paiz, um bom dansarino ou um bom cavalleiro.

O negociante sentio-se algum tanto desconcertado com as calorosas tiradas do joven sertanejo em defeza das cavalladas e que erão interrompidas continuamente pelos applausos e animadores apartes do Major. Lucia, que não suppunha Elias tão instruido e bem fallante, o escutava com intima satisfação e o applaudia, ora com um gesto, ora com um sorriso.

— Seja como quizer, meu caro senhor, disse o negociante. Não sabia que era cavalleiro e tão entusiasta, agora que o sei, não me animo mais a contraria-lo. Fiquo cada um com sua opinião que não vale a pena questionar sobre semelhante cousa.

E dirigindo-se ao Major, mudou bruscammente de conversação.

No entanto Elias teve occasião de dirigir timidamente a Lucia algumas palavras sem importancia, só pelo prazer de falar com ella e de lhe ouvir a voz. Por fim sempre se animou a pedir permissão para offerecer-lhe

a primeira argolinha que tirasse nas corridas do primeiro dia.

No dia 7 houve pela manhã a missa cantada, o Te Deum e a parada do costume. Tudo era farda; no meio daquella multidão de uniformes os homens vestidos á paizana formavão uma minoria imperceptivel. As familias que querião ir á igreja, erão conduzidas pelas crianças e os escravos, pois os pais e os irmãos adultos por via de regra estavão debaixo de forma. Assistindo-se aos festejos de gala nas villas do interior, dir-se-hia que não ha povo mais militarizado que o nosso. Entretanto não ha povo mais essencialmente pacifico, menos prospero á carreira das armas.

A lei lhe impõe o dever de envergare uma farda e entrar em forma em certos dias do anno, e eis em que consiste o militarismo e a emissão unica da guarda nacional.

Á tarde tiverão lugar as cavalhadas.

As tres horas, já os palanques toldados de colxas de côres brilhantes estavão atulhados de familias. Por baixo e em torno d'elles formigava remoinhando uma multidão inquieta, esperando com impaciencia o começo do espectáculo.

Por fim o estouro das girandolas e o ropi-

que dos sinos derão signal da vinda dos cavalleiros.

Dahi a um instante, estes divididos em duas turmas de dez cada uma, entrarão na arena a galope por lados oppostos, montados em lindos ginetes ricamente ajazados, e enfeitados de fitas, europeis, penachos e ressonantes guizos, e meneando as lanças ornadas de cumpridas fitas. Não havião mascara, nem estavam trajados a character, como é costume em algumas partes; mas segundo o uso do sertão, trazião uniforme militar á moda do tempo, cada um a seo talante, e com primor e riqueza que podia. Uma das turmas porém trazia farda azul, e outra escarlate, figurando aquella os christãos, e esta os mouros.

Depois de fazerem diversas evoluções, postarão-se as duas turmas em fila defronte uma da outra nas extremidades do circulo. Cada cavalleiro tinha o seo pagem da lança, a pé, conduzindo pela redea mais um cavallo á dextra.

É escusado descrever todas as evoluções das corridas, porque supponho que os leitores pela maior parte tem assistido a este divertimento, se bem que elle hoje vá cahindo em completo desuso e esquecimento.

Elias era o segundo da fila dos mouros, e logo na primeira corrida ia sendo victima de um infeliz contratempo. Seu cavallo nimiamente fogoso e pouco acostumado ao estrondo da musica e da fogueitaria, desgorvenou-se, e era quasi impossivel ao cavalleiro fazel-o trilhar a linha marcada. Corria ou antes corcoveava á direita e á esquerda, como um poldro bravio. Elias exasperado o castigava rigorosamente. O cavallo falseou de uma das mãos, e cahio de peito em terra. Elias saltou fóra dos arreios; o cavallo levantou-se immediatamente; mas uma roseta da espora tendo-se embaraçado no sellim, Elias cahio, e foi arrastado pelo circo umas dez braças no maior perigo do mundo.

— Jesus! Maria! Misericordia! foi o grito de alarma, que resoou por todos os palanques.

Mas Elias se desvencilhara, e estava prestes a montar de novo; mas seus companheiros não querião consentir; elle porém insistio vivamente, até que um pagem, vindo a toda pressa do palanque do Major, veio pedir-lhe por parte deste e de sua filha Lucia, que não corresse mais naquelle cavallo.

— Sinhasinha teve tamanho susto, que ficou fóra de si, e quasi cahio, disse o pagem.

Ao saber que Lucia tinha desmaiado, Elias teve impetos de matar ali mesmo o cavallo á lançadas e correr aos braços della; mas no mesmo tempo não podia deixar de abençoar do intimo d'alma aquelle incidente, que viera revelar de modo tão positivo o gráo de interesse que inspirava á jovem e gentil roceira.

O jovem fluminense, que nunca largava a companhia do Major, estava em seo palanque.

— Oh! minha senhora! exclamou elle com certo despeito ao ver o susto e inquietação de Lucia, não vale a pena tomar tanto cuidado pelo pobre rapaz. Deixe-o; está no seo torneio; e se aqui não se quebrão lanças, nem rompoem-se couraças em honra das amantes, ao menos quebrão-se as costellas no chão. É resultado do entusiasmo cavalheiresco.

Lucia apenas respondeo com um olhar de desprezo.

Elias, mudara os arreios para outro cavallo e as corridas continuarão. Elle ostentou-se sempre o mais garbozo e mais habil cavalleiro.

Chegou a hora da corrida de cabeças.

São cabeças de papelão collocadas sobre quatro postes nos cantos, e uma quinta no meio da arena. Os cavalleiros, voltando a arena a galope, cada

um por sua vez tem de enfiar-as na ponta da lança, tendo a ultima, a do chão, de ser tirada com a ponta da espada; é este ultimo o passo mais difficil, e em que poucos são felizes.

Elias quando largou a lança, tinha nella enfiadas todas as quatro cabeças. Depois, em vez de desembainhar a espada como os outros, virão-no abrir alguns botões da farda, tirar do seio um curto punhal, e dependurando-se dos arceios com a presteza e agilidade de um gaúcho, quasi sumir-se debaixo do cavallo, e depois reaparecer com a cabeça cravada na ponta do punhal. Os applausos e os foguetes retumbarão por todos os lados.

— Ah! meu Deus! exclamou Lucia involuntariamente e cobrindo os olhos com o lenço ao ver o moço naquella arriscada posição.

— Não se assuste, minha senhora, acudio o fluminense, o rapaz está em seu elemento; é um excellente artista. No circo equestre do Bartholomeu este rapaz podia fazer fortuna.

Chegou por fim o momento de correr á argolinha, que é de todos os exercicios da cavallada o mais difficil.

Os cavalleiros de ambas as turmas se reúnem de um só lado. Em frente delles, na outra extre-

midade, está pendurada a um cordão preso a dous altos postes, uma argola de metal de uma polegada de diametro. Os cavalleiros, cada um por sua vez sahindo a galope da fileira, têm de tentar onfiar-a na ponta da lança.

Quando chegou a sua vez, Elias tinha montado de novo o fogoso rosilho; quando derão fé, já era tarde para estorval-o. O cavallo sahio aos trancos, n'um galope aspero e descompassado; mas a despeito disso, quando Elias passou entre os postes, a argolinha tinha desaparecido do cordão. Como é de estylo, dous cavalleiros vierão escoltal-o, e elle, ao som de applausos, musicas e foguetes, dirigio-se ao palanque de Lucia. Esta, com o mais amavel dos sorrisos nos labios e com mão tremula de emoção, na fórmula do costume, atou-lhe na ponta da lança um mólho de largas e compridas fitas, e este volteou de novo a arena á toque de musica e estouros de foguetaria. Era o heróe da festa.

Seguiu-se a embaixada. Um parlamentar, montado em um formoso e bem doctrinado ginete, sahio caracolando, dansando, pinoteando para o meio da arena, e em um discurso bombastico no estylo do *Carlos Magno*, intimou por parte do rei dos christãos ao chefe dos infieis que se rende se

a discrição, etc. Mas o turco descrito não está por isso, e com a mais despejada arrogancia jura por Mafoma, que se não renderá, e desafia a colera do christão vencedor. Então ha a corrida desordenada. Os cavalleiros christãos em massa investem sobre os turcos, os quaes não podendo sustentar o choque, correm atropelladamente pelo circo, uns para aqui, outros para acolá, sempre perseguidos pelos christãos. Emfim os mouros vendo-se apanhados, põem rapidamente o pé em terra e, largando scos cavallos, correm a procurar refugio e padrinho cada qual com um palanque de sua escolha, e assim aquelles perros infieis, obrigados cada um aos pés de uma belleza christã, de cujas mãos querem receber o baptismo, ficão inteiramente a salvo da sanha dos perseguidores.

Elias, que era mouro, atracou-se logo no palanque do Major, e foi apadrinhar-se com Lucia. Esta com alegre alvoroço e quasi pensando em sua imaginação infantil, que aquillo era uma realidade, adiantou-se sorrindo a dar a mão ao cavalleiro. Como é costume n'essas occasiões, este foi convidado a jantar em casa de sua madrinha.

Assim passou-se alegremente o primeiro dia

de festa. Os outros dous, que se seguirão, correrão igualmente animados e folgarão sem incidente algum, cabendo sempre a Elias as honras do dia nas cavalhadas.

III

NA ROÇA

Festas acabadas, músicos a pé. Por vir muito a pello, cabe-me agora do bico da penna este annexim popular.

Acabada a festa, tudo cahio na tristeza e monotonia, não direi ordinaria, porém muito peor ainda, pois contrastava horriavelmente com a alegria e festivo alvoroço dos dias que acabavão de escoar-se, e dos quaes sómente restavão as saudades.

Elias, de garboso e brilhante cavalheiro que era, passou a não ser mais que mero peão, isto é, voltou a sua condição de moço pobre e sem posição.

O Major teve de demorar-se alguns dias ainda na villa. Elias durante esse tempo não deixou passar um dia sem ir a sua casa; era porem muito maior a frequencia de seo rival, cuja in-

portuna assiduidade já escandalisava os olhos do publico. Lucia raras vezes lhe apparecia, e só quando era chamada por seo pae. Outretanto não praticava com Elias, aquem vinha sempre complimentar com ar modesto, mas com as faces incendiadas em certo rubor, que significava muito. Este procedimento enchia de despeito, e feria dolorosamente a amor proprio do negociante:

— Sempre é da roça! dizia elle com seus botões para desabafar seo desgosto. Estas matutas são assim mesmo; parece que têm medo dos homens de certa classe e de certa educação mais elevada, e só se ligão com os da sua relé. Quando lhes apparece em casa alguma pessoa mais bem trajada e de manieras mais polidas, apenas animão-se a espiar por trás das portas... Mas esta moça... julguei, que tivesse um bocadito mais de espirito... qual! é como as outras, ou peor. La se avenha ella com o palerma do seo cavalleiro andante. Lé com lé, cré com cré. Admira que o bobo do Major não perceba ertas cousas e não veja que aquelle lorpas lhe anda fazendo côrte á filha. Queira Deos que dali não sahia alguma alhada! Muito me hei de divertir com isso.

Fallando assim porein o nosso negociante nem por isso estava desanimado, nem abandonava o campo. Sabia que o rapaz não era do logar, e tinha de ir-se embora. Mesmo que não fosse, estava firmemente convencido de que o Major, homem de importancia e de fortuna, jamais se resolveria a dar sua filha a um pobre diabo, que não tinha onde cahir morto, só porque sabia correr cavalhadas. Assim pensava, e guardava-se para melhores tempos.

Elias, que viôra da Uberaba expressamente para tomar parte nas cavalhadas, — pois tinha bem merecida nomeada de bom cavalleiro por todos aquelles sertões, — Elias viera recommendado ao Major por pessoas importantes daquella localidade, e portanto a sua assuidade em casa deste tinha explicação muito natural, e o Major estava longe de presumir que o moço tivesse a velleidade de pôr olhos apaixonados em sua filha. Estulto e cego, que pensava que o amor calcula as difficuldades e mede as distancias das posições, e que não via que aquellas duas creaturas erão proprias para se inspirarem mutuo e ardente amor.

Mas, ai delles ! approximava-se o tempo de se separarem, e esta lembrança os enchia de angus-

tia e melancolia. Virão-se, amarrão-se, e sabião que erão amados ; mas nunca por una palavra que fosse, tinham confessado um ao outro aquelle sentimento, e agora ão separar-se sem um adeos, um aperto de mão, um protesto, que os confortasse naquella longa, e quem sabe se eterna, separação !

Elias andava excogitando um meio de despedir-se de Lucia e protestar-lhe seo eterno amor, quando o Major o veio tirar desse embaraço e encher da mais viva alegria. O Major tomára sympathia e affeição pelo joven uberandense, e como lhe era recommendado por pessoas a quem não podia deixar de servir, o convidou para sua fazenda, onde, dizia o Major, teria muito em que empregal-o, até que podesse procurar melhor arranjo.

Faça-se idéa do prazer e ufania com que Elias partio, atravessando a villa no lado da sua amada, montado no proprio rosilho em que tantas brilhaturas fizera nas cavalhadas.

Installado na fazenda do Major, Elias foi alli tratado com affectuosa bondade, como se fôra um membro da familia. Era o escripturario, ou antes o secretario particular do Major, e posto que a escripturação de um fazendeiro

do sertão seja quasi nenhuma, todavia o pai de Lucia, na sua qualidade de Major do estado maior e occupando um cargo de policia, que raras vezes exercia, tinha varios officios a fazer e a responder, e não deixava de tirar proveito da boa lettra e das luzes do Elias.

Elias era tambem excellente musico, tocava diversos instrumentos, tinha uma boa voz, e todas as noites divertia os serões da familia cantando modinhas e cançonetas, acompanhando-se com uma viola, unico instrumento que havia em casa. Portanto, além de gentil cavalleiro, Elias era tambem insigne trovador. Tudo isto reunido á alguma instrucção e á uma conversação agradavel; tornava a sua companhia sempre amavel e desejada. Assim, quando acontecia ausentar-se por alguns dias em algumas commissões, de que as vezes o Major o encarregava, sua falta era muito sentida no seio d'aquella pequena e respeitavel familia.

Lucia e sua irmã mostravam muita vontade de aprender um pouco de musica. Tendo um tão bom mestre em casa, o pai não pôde deixar de condescender com os desejos de suas filhas, e encarregou a Elias de nas horas vagas, dar-lhe algumas lições.

Todos os dias, pois, em horas indeterminadas, vio-se Elias, na espaçosa varanda, assentado em um comprido e antigo banco de cedro entre as duas meninas, debaixo das vistas do Major, bem entendido, occupado em ensinar-lhes os rudimentos da musica, e a dar-lhes lições de solfejo. A perspectiva que tinham em frente era magnifica: a vista se perdia por vastas e risonhas campinas e remotos horizontes, banhados pela luz de um sol esplendido. E por entre a algazarra dos merlos, pintasilgos e patativas, que chilravão em torno da casa, e os gorgeios cadenciaes do sabião que cantava ao longe, ouvião-se os ensaios timidos daquellas duas vozes infantis. Era de sobejo para encantar e exaltar a imaginação impressionavel do mancebo, que nessas horas de doce occupação esquecia-se de si, de sua pobreza, de seu futuro, para se entregar ao enlevo do mais puro e do mais ideal dos amores. As duas alumnas tambem por sua parte, e principalmente Lucia, tinham aquellas horas pelas mais bem empregadas da sua vida. Mas Elias já tinha lido a Julia de Joào Jacques Rousseau, e no meio de suas dozes emoções as vezes estremecia ao lembrar-se da sorte dos dous

amantes no romance do immortal philosopho de Genobra.

O contacto intimo daquelles dous corações que parecião creados um para o outro, acabou de abrasal-os em uma paixão energica e profunda, dessas que não se extinguem senão com a vida. No seio da solidão as paixões tomão maior vulto e se enraizão mais na alma, do que no meio do bulicio e das distracções do mundo. A alma solitaria é como a fonte do deserto, resguardada dos ventos, que no regaço limpido e immovel guarda fielmente a imagem do arvoredo que a sombrea.

Lucia e Elias se amavão, todavia nem uma só palavra de amor lhes havia ainda escapado dos labios; os olhares e os sorrisos dizião tudo; elles sabião muito bem que se amavão, e era quanto bastava para sua felicidade. Como dous cysnes, deixavão-se levar descuidosamente pela torrente placida e voluptuosa das emoções presentes, sem se lembrarem que mais além não podião ser arrastrado e despedaçados por furiosas cachoeiras, ou engolidos em trevos sorvedouros.

Elias suspirava por uma occasião de poder estar a sós com Lucia, e de declarar-lhe de

viva voz o seo amor; mas essa occasião por si mesma não podia offercer-se. Todos os dias tomava a firme resolução de pedir furtivamente á moça uma entrevista, cujo logar e hora já tinha premeditado. Mas quando era occasião de fallar-lhe, um invencivel acanhamento como que lhe paralisava a lingua; receava profanar com aquelle pedido a pureza angelica daquella creatura.

Um dia enfim ravestio-se de animo a superar os seus escrupulos.

— Ah! Se eu um dia podesse lhe fallar sem testemunhas, e revelar-lhe tudo quanto sinto! disse elle baixinho a Lucia n'uma occasião em que o pai se ausentára por um momento.

— Mas... isso... não póde ser, murmurou Lucia com voz breve e decisiva, mas cobrindo-se de tal vermelhidão, que os teria trahido completamente, se alli houvessem olhos perspicazes e perscrutadores.

— Talvez possa, continuou Elias sorrindo. Sei que a senhora passa as vezes horas inteiras sózinha na fonte do quintal. Ficará muito assustada, se eu um dia lá apparecer?

— Sem duvida!... não; não vá; senão, nunca mais lá voltarei.

— Nada receie; eu a respeitarei tanto ou mais do que se estivessemos aqui, em presença de seu pae.

— Não vá, não... tenho medo. Agora nunca mais irei lá sósinha.

— Perdão, minha senhora!... não lhe teria feito este pedido, se soubesse que me tinha tanta aversão.

— Aversão!...

Os tamancos do Major, resoando no soalho, annunciavão a sua volta, e impozerao silencio aos dous amantes.

No primeiro dia que se seguiu a este colloquio, Lucia cumprio restrictamente a ameaça que fizera de não voltar mais á fonte; mas só Deos sabe quanto isto lhe custou. No segundo dia foi, porém acompanhada de sua irmã e de Joanna; pensava seriamente nas consequencias daquelle passo, e tinha medo; mas o coração a arrastava para lá. Elias, que tudo observava com a vista perspicaz do amante, que ouvia a voz della, sentia-lhe os passos, e quasi adivinhava quando estava em casa, e que, além disso, subindo um pouco pela encosta do espigão podia devassar o estreito trilho que embrenhando-se pelo pomar ia ter á fonte, não pôde deixar de manifestar seu

descontentamento não por palavras, mas por ser ar triste e taciturno.

Ao terceiro dia Lucia não pôde conter-se, tomou sua cestinha de costura, e lá desceu a sentar-se á sombra, no gramal da fonte. Elias bem o presentio; mas era já muito tarde para ter tempo de dar as voltas necessarias a fim de occultar seus passos; e portanto lá não appareceo.

— Cumprio a sua promessa de não ir mais á fonte? perguntou-lhe elle no outro dia á hora da lição.

— Cumprí, sim senhor; sósinha não vou lá mais.

— Entretanto, se me não enganar, parece-me que a vi hontem descer sósinha para lá...

— Quem? a mim? o senhor viu?...

— Sim, senhora, vi; e creio que era mesmo a senhora.

— Pódo ser... á tarde faz tanto calor aqui em casa; e demais estou certa que o senhor lá não ha de apparecer, não é assim?

Elias sorriu-se, e Lucia sentio o rubor afoguear-lhe as faces.

Elias costumava caçar pelos campos do arredor, mui abundantes em perdizes, codornizes e outras caças.

No dia seguinte, logo após o jantar, arreou seo cavallo, pegou a espingarda, chamou seo cão, e sahio. Deo longas voltas para poder, sem ser observado, entrar pelo capão que desdas cabeceiras bordejava o corrigo até os fundos do quintal. Apenas se embrenhou no matto, apeou-se, atou o animal á uma arvore, e desceo costeando o corrigo por estreitos trilhos feitos pelos pés do gado e de animaes silvestres.

Elias contava quasi com certeza encontrar Lucia na fonte, e não se enganou. Ella lá estava com effeito, não naquelle doce descuido d'alma, em que a temos visto outras vezes, mas inquieta, anhelante, como a corsa espavorida, que cuida ouvir a cada instante o latir dos cães e as vozes do caçador.

A entrevista durou apenas alguns minutos. Elias, que tinha estudado mil phrases apaixonadas, apenas disse, tomando-lhe a mão e beijando-a:

— Eis-me aqui, D. Lucia; perdoe-me esta audacia... se soubesse quanto a amo!

— O senhor é bem animoso, disse ella entre risonha e enfadada. Não lhe tiuha pedido que não viesse aqui?...

— Bem vos queria obedecer; mas o amor

foi mais forte que eu. Vim para ouvir de seus labios uma só palavra de que depondo a minha felicidade, a minha vida. Diga-me, a senhora me tem amor?...

Lucia hesitou um instante, fitou os olhos no chão, e murmurou timidamente :

— Muito!...

— Anjo! exclamou Elias cahindo a seos pés e procurando derramar em palavras de ternura o prazer que lhe transportava a alma; mas não pôde dizer mais nada. Quando o coração está cheio de felicidade, a vida toda se concentra ali, a cabeça fica erma de idéas, e a lingua fica paralizada.

Mas Lucia immediatamente o tirou daquelle embarço, dizendo-lhe com ar inquieto :

— Está satisfeito o seo desejo. Agora retire-se, retire-se quanto antes. A cada momento pôde aqui chegar alguém...

E tirando uma flôr que tinha no cabello, a entregou a Elias. Este enlaçando-lhe o braço em torno ao collo, tomou-lhe a mão e beijou-a com ardor. Foi tudo quanto ousou fazer.

— Adeos!

— Adeos!

Quando Lucia tendo dado alguns passos voltou

o rosto para ver ainda uma vez *seo* amante, avistou-o de joelhos, beijando a relva em que ella estivera reclinada. Fez-lhe vivamente aceno com a mão, para que se retirasse, e sumio-se entre o laranjal.

Eis em que consistio aquella entrevista tão ardentemente desejada. Parece que não valia a pena tomarem tanto trabalho, sujeitarem-se a tantos sustos e inquietações, para trocar duas palavras, dar um beijo na mão e receber uma flôr. Mesmo debaixo dos tectos do Major não faltaria occasião azada para fazerem outretanto muito a *seo* salvo. Mas era sempre uma entrevista, e uma entrevista tem grande importancia nos olhos dos amantes, principalmente se tem logar ao ar livre, tendo por testemunhas o céu, o bosque, a fonte. É mais uma prova de confiança mutua, uma garantia mais solemne da lealdade e pureza do amor. O beijo da entrevista é o sello imposto ao contracto que liga para sempre duas almas.

Os amantes são de ordinario mui facéis em capacitar-se de que ninguem adivinha o sentimento que lhes occupa o coração; cegos, não se apercebem que em cada palavra, em cada gesto, em cada olhar estão trahindo a todo o momento

a paixão que julgão escondida nos mais intimos seios d'alma, e que entretanto lhes vae transparecendo em todo o seo ser. O Major não era dotado de grande perspicacia, nem tinha muito conhecimento do coração humano, cousa que nem em si mesmo tivera occasião de estudar, pois nunca vivera a vida do coração. Todavia chegou a desconfiar, e em breve se convenceo da existencia de uma mutua affeição entre Lucia e o seo jovem protegido, e — já bem tarde — arrependeo-se de ter dado a este tão franco gasalhado em sua casa. Casar sua filha com um pobretão, que além da roupa do corpo só possuia um cavallo, um cão e uma espingarda, um estranho, sem nome, sem fortuna, sem posição, era cousa cuja possibillidade nem por sombra passava-lhe pelo espirito. Seo primeiro cuidado foi portanto atalhar logo o mal, antes que tomasse maior vulto. Desde logo tractou de supprimir as lições de musica. Não o fez porém abertamente; mas todas as vezes que era occasião de tomar lição, achava pretexto para atrapalhal-os, inventando algum serviço urgente, ora para o mestre, ora para as discipulas. Além disso occupava mais que de costume a Elias em commissões e viagens, de modo que este pouco tempo parava

em casa. Assim julgava elle impedir o progresso do mal, emquanto procurava ageitar um meio suave e natural de se ver livre de tal hospede.

Lucia e Elias portanto já raras vezes se vião. Estava mais que claro que tudo aquillo era manobra do Major, que por certo já suspeitava a existencia de sua reciproca affeição. Elias comprehendeo que era tempo... de que?... de pedir Lucia em casamento?... não por certo. Na posição precaria e quasi desvalida em que se achava, não se abalançaria a dar semelhante passo; só podia esperar um — não — redondo, categorico e humilhante. Era tempo de dizer adeos a Lucia, ao amor, á felicidade, e tambem á ultima esperança, que lhe restava n'alma.

A persuasão de Elias ainda mais se confirmou, quando um dia o Major, com o tom o mais benevolo e paternal do mundo, lhe disse:

— Meo amigo, creia que lhe quero bem, e sinceramente desejo o seo adiantamento. Um moço como o senhor, que teve estudos, e tem tantas habilitações, não deve estar-se perdendo em uma roça, onde as suas prendas e habilidades de nada lhe podem servir. Em qualquer povoação que se estabeleça, pôde com facilidade ganhar dinheiro e posição, no passo que aqui,

na roça, fallo com franqueza de amigo, está perdendo completamente o seo tempo. De minha parte, qualquer que seja o logar para onde deseje ir, póde contar sempre com o meo pequeno prestimo naquillo em que lhe poder ser util... e ..

— Tem razão, Sr. Major, interrompeo vivamente Elias; V. S. prevenio-me em um proposito que eu ja ha muito tinha formado. Vejo que aqui em sua casa sou um ente inutil e que não é á sombra de seo telhado que poderia encontrar fortuna, nem felicidade.

— Agastou-se commigo?... não o estou mandando embõra... é apenas um conselho de amigo.

— Não me agastei, Sr. Major; ja lhe disse que era esse o meo proposito, só receava, que V. S. o não approvasse; agora que sei o contrario, dê-me as suas ordens, que pretendo partir o mais breve possivel.

Elias bem sabia o motivo daquelle procedimento do Major, e nada tinha que lhe replicar. Era um modo polido de despendil-o. De feito não era possivel de modo mais benevolo e lisonjeiro cravar-se o punhal no coração de uma victima. As palavras do Major cahirão-lhe como rochedos sobre o coração com pezo esmagador. Forçoso lhe era deixar Lucia, talvez para sempre!

— Ah! pobreza! pobreza! maldita pobreza! exclamava Elias em transportes de frenesi, entrando para o seo aposento. Pobreza! tu és o peor dos males que affligem a humanidade, peor que a fome, peor que a lepra, peor que a morte mesmo. De toda a parte és repellida, como se fóras um mal contagioso. Alem de faltarem ao pobre todas as comodidades materiaes da existencia, são-lhe vedados todos os prazeres do coração. O pobre não póde, não deve amar... Ah! se eu fosse rico!... porque não quiz a sorte, que eu possuísse um pouco de dinheiro? mas quem me impele de o ter? os outros, que o ganhão, são por ventura melhores do que eu?... Sou moço, e, graças ao céo, tenho saude, robustéz e a intelligencia necessaria para saber ganhar dinheiro... A Bugagem está ali perto... é um garimpo riquissimo... pouco custa cavar a terra, e lavar o cascalho. Major! Major!... tu me expelles de tua casa por ser pobre... mas, ah! Major! queira Deos, que bem cedo não te arrependas do pouco caso que hoje fazes de mim, e não venhas humilhado implorar o perdão a meos pés. Major! por ti só tu nada vales; e esse teu vil procedimento eu o lançaria ao desprezo, sem que me custasse um só momento de sonno. Mas

tua filha vale um thesouro, e é por amor della que eu soffro, e é por ella e para ella que eu juro e protesto... serci rico, ou do contrario nem tu, nem ella, nem mais ninguem neste mundo me verá a face.

As relações entre Lucia e Elias estavam pois completamente interceptadas. A muito tempo não se vião senão á hora do jantar, e isso as poucas vezes que acontecia Elias jantar com a familia. Este era para elles o peor dos martyrios. Ião-se separar sem poderem dizer-se um extremo adeos... Um medianeiro seria para ella naquella occasião um presente do céu, para se communicarem suas angustias, receios, e esperanças, se esperanças podião ter. Só Lucia poderia achar um meio de communicação entre elles. Lucia lembrou-se de Joanna; era a unica pessoa a quem podia incumbir tão milindrosa tarefa. Ella sabia muito bem que a velha e matreira creoula ja estava ao facto de seos amores com Elias, e portanto nada arriscava encarregando-a de um recado ou de um bilhete.

— Joanna, tu has de me fazer uma cousa ?...

— Porque não, sinhasinha ?... qual é essa causa ?

— Entregar-me este bilhete a... meu mestre.

— Para que isso, minha sinhá?... esqueça-se desse moço; amanhã elle vai-se embora...

— É por isso mesmo; quero dizer-lhe adeos. Entregas?

— Eu sei!... Nhonhô sabendo não ha de gostar; elle ja anda resabiado, o me recommen-dou que não deixasse sinhasinha andar sosinha.

— E que necessidade ha de que elle saiba?... isto não faz mal; o moço tem de retirar-se, e talvez nunca mais nos encontremos, disse a moça suspirando.

— Ah! sinhá! eu... não... sei...

— Vae; leva isso e cala-te. Se elle te der alguma cousa para trazer-me, entrega-me fielmente, ouviste?

— Sinhá mandou... que remédio tenho eu...

Nessa noite Elias recebia o seguinte bilhete:

« Meo pai ja tem conhecido de nosso amor, e como bein se esta vendo, não o approva. Vejo que nossa separação é inevitavel. Não posso explicar quanto tenho soffrido. Não sei o que será de mim, e nem vejo remedio para nossa desgraça. Tudo poderão fazer de mim menos arrancar-me do coração este amor que lhe con-sagro. Adeus, não se esqueça desta infeliz, que

aconteça o que acontecer, ha de amal-o sempre, sempre. »

Na manhã seguinte Elias mandou-lhe a seguinte resposta :

« Teo pai tem dado a entender claramente qde não me quer mais em sua casa. Devo deixar-te, e amanhã mesmo estarei longe de ti ; este golpe ferio-me cruelmente, mas não me desalenta. Sou pobre, e é essa a razão porque teo pai me despreza. Mas devia lembrar-se que sou moço, e, louvado Deos! tenho robustêz e intelligencia. sei trabalhar, e amanhã posso ser rico. Adeos, Lucia ; não percas a esperança, e ama-me sempre, que para tudo ha remedio. Eu vou trabalhar para me tornar digno de ti aos olhos de teo pai. O teo amor me alenta e me enche de coragem e de confiança em minha estrella. Ah ! possas tu nunca faltar-me com elle ! Eu parto com o coração ralado de angustia e de saudade. Terá noticias minhas... dentro em dous annos estarei de volta, ou... Adeos. »

No dia seguinte Elias seguindo caminho da Bagagem via sumir-se alem no horisonte longiuo a fazenda do Major, e sentia como que um

vão d
aque
delici
para
porta.

véo de lucto abafar-lhe o coração, ao passo que aquella aprasivel morada, que antes formara as delicias de Lucia, ia d'ora em diante tornar-se para ella um deserto horrendo, um exilio insupportavel.

IV

O GARIMPO

Tinhão-se passado cerca de seis mezes, depois que Elias se retirára da fazenda do Major.

As vastas e profundas selvas, nos seio das quaes corre ruidoso e turbulento o ribeirão da Bagagem, tinham tombado nos golpes do machado, deixando descortinada uma larga zona em uma e outra margem. No meio dos destroços da floresta vião-se dispersas em desordem as frageis e provisórias habitações dos garimpeiros, cobertas das compridas palmas do coqueiro baguassú. Por aquelle terreno bronco e selvatico, onde so se esperaria encontrar o tosco sortanejo, ou o africano semi-nú, girava uma população polida e bem trajada, composta de pessoas de todas as procedencias, que de remotas paragens acudião a explorar o novo descoberto, cuja fama se espalhava muito ao longe,

e alli reinava movimento e animação como em uma grande praça commercial.

Em quanto a alavanca e o almocafre retinião pelas grupiáras extrahindo o cascalho precioso, os golpes do machado reboavão pelas florestas, e de espaço a espaço um baque, vestrugindo as longo das encostas, annunciava a queda de mais um tronco robusto e secular. O ronco das catadupas servia como de acompanhamento ás cantigas e algazarras dos garimpeiros, que ao longo da beira do rio lavavão allegromente o esperançoso cascalho.

Era uma tarde de novembro, pura, calma e cheia de esplendores. Já todos abandonavão o trabalho, patrões e trabalhadores, e se recolhião a seos ranchos. Começava a acalinar-se o rumor e agitação do dia, e ouvia-se já á voz do sertanejo, que assentado á porta do rancho entonavão ao som da viola seos toscos cantares, cujas notas prolongadas e melancolicas ião echoando ao longe pelas ribanceiras,

Um moço de alta estatura, de olhos e barbas negras, com os braços cruzados, e o chapéo de lebre enterrado nos olhos, estava em pé junto a margem do rio, encostado a um rochedo, inspeccionando com ar sombrio e preocupado

o serviço de tres ou quatro trabalhadores, que lavavão as ultimas bateadas.

— Então, Simão? nada ainda? disse elle a um velho camarada, que acabava de deitar fora o cascalho de uma bateiada.

— Nada por ora, meo patrão, respondeo o camarada, isto aqui não pinta; amanhã havemos de abrir outra grapiará alli mais em baixo...

— Entretanto, tu bem vês: ha aqui as melhores formações: ferragem, olho de pomba, palha de arroz, captivo, nada falta; e entretanto ha mais de dous mezes que aqui estamos trabalhando, e nos devemos dar por felizes, se o serviço tem dado para salvar a metade das despezas. O diabo que as leve as taes formações ou informações; não as entendo; isto é uma burla. Acho que se fossemos plantar batatas, fariamos melhor negocio. Anda, Simão; quebra essas batêas, atira no rio esses almocafres, e vamo-nos ombóra para nosso paiz. É escusado andar procurando no seio da terra o que lá não guardámos.

— Tenhu paciencia, meu patrão, respondeo o camarada. Demos ainda um pequeno serviço amanhã... alli, alli mais em baixo.

patrão, e eu que não me chame Simão, se a coisa alli não pintar. Tenha fé e reze a Nossa Senhora, e verá se amanhã ou depois o diamante graúdo não vem allumiado no fundo da batêa.

— Historias ! meo Simão ; todos os dias me dizes isso, e o resultado é sempre o que estamos vendo.

— Mais dois dias só, patrão ; e eu que seja enforcado, se não acharmos cousa que sirva.

— Não creias nisso, Simão ; a sorte me persegue ; tenho de ser pobre e desgraçado toda a minha vida, murmurou o moço no tom do mais profundo desalento.

— Não desanime assim, patrão ; não se lembra mais da cigana, que leu a sua sina, e disse que a sua estrella é de pedra...

— Sim, e é de pedra mesmo, ou mais dura do que pedra. O diabo leve quanta cigana ha neste mundo, e todas as suas predicções.

Nisto os trabalhadores puzerão tristemente os seus almocafres ao hombro, pegarão suas batêas, e se retirarão. Elias e Simão ficaram ainda.

Simão era um velho alto e magro, mas robusto e bem constituido, de côr bronzada, e

que parecia ser de raça mixta de indio e africano. Desde menino fôra camarada do pai de Elias, no qual sempre servira com a maior dedicação e lealdade. O pai de Elias tambem o estimava e queria como a um verdadeiro amigo, e tendo fallecido a quatro ou cinco annos, sem poder deixar áquelle seo unico filho outra herança mais do que uma excellente educação, que infelizmente não pôde concluir, em seos ultimos momentos rogou ao velho caboclo, que acompanhasse sempre, que nunca abandonasse a seu filho, que ficava com 17 a 18 annos de idade.

Não era preciso que o velho o rogasse; Simão nunca abandonaria o jovem patrão, a quem na infancia carregára nos braços e a quem votava affeição de pai.

Simão era garimpeiro mestre, muito conhecedor de terrenos diamantinos, de que tinha adquirido grande pratica na Diamantina, donde seo defuncto patrão e elle mesmo erão naturaes, e onde tinham residido nos primeiros tempos de sua vida.

Simão era verdadeiramente um habilissimo garimpeiro, e parecia que farejava o diamante; mas infelizmente para o seo jovem amo,

para quem sómente trabalhava, e para quem desejaria descobrir um thesouro, a sua grande habilidade tinha ficado sempre em falta, o que summamente o affligia ; mas nem assim desesperava.

— É aqui mesmo na Bagagem, meo amo, — dizia-lhe elle ás vezes, — é neste chão mesmo que está enterrada a sua estrella de pedra.

Quando Elias foi para o Patrocínio correr cavalhadas, Simão que vinha com elle, quiz ficar na Bagagem.

— Já que estou aqui, patrão, vou vêr se acho a sua estrella de pedra. Tambem o patrão não vae para longe; se precisar de mim, é um pulo. Compre um pedacinho de grupiúra, e deixe-me trabalhar.

Ah ! meo velho Simão ! exclamou o moço, logo que os outros se retirarão, estou perdido ! estou desesperado ! não sei o que faça.

— Garimpar, patrão, garimpar ! não desanime tão depressa ; joguemos a ultima cartada.

— Mas, Simão, se isto continuar assim, e contiúua, estou certo, em breve não terei mais com que pagar as poucas praças que tenho no serviço.

— Não importa, patrão ; pode mandal-as em-

bora; eu sosinho trabalharei. Quando se tem de ser feliz, tanto vale ter um, como dez ou cem praças; e não sei porque é, tenho mais fé quando trabalho sosinho.

— Trabalha para ti, meo pobre Simão; estás velho, precisas guardar alguma cousa, para quando não poderes mais trabalhar. Eu mesmo, infeliz de mim! não sei se te poderei valer em tempo algum. Deixa-me entregue á minha má ventura; é loucura lutar contra o destino... ah! Lucia!... Lucia... nunca mais te verei!...

E o moço pendeu a cabeça e tapou os olhos com as mãos, mergulhado em profunda tristeza.

— Pobre de meo patrão!... o que é isso?... tenha animo! quem porfia, mata cassa... O patrão ha de ser rico, e ha de se casar com essa Lucia, em que esta sempre a fallar. Ha uma voz que sempre me diz cá dentro, que o patrão ha de ser rico, e ha de mesmo. Já fiz uma promessa a N. Senhora do Patrocinio, e ella nos ha de valer.

— Assim te ouça ella, Simão. E eu não queria lá grandes riquezas. Bastava achar neste chão uma somma qualquer para me

servir de principio; cinco contos, quatro, dous mesmo já me chegavão para servir de base a excellentes especulações. Com actividade e o pouco de intelligencia que Deos me deo, eu os faria multiplicarem-se em minhas mãos em pouco tempo. A não me cahir do céo, só do seio da terra eu poderia arrancar esse começo; os homens não m'o dariam, e nem eu jamais lhes iria pedil-o. Mas este chão ingrato é como o céo, surdo a meos rogos.

— E eu, patrão, tenho fé que deste chão mesmo é que havemos de arrancar, com o favor de Deos e Maria Santissima, não digo um principio de riqueza, mas uma riqueza inteira.

— E entretanto ha seis mezes que trabalho sem descanso, e em vez de principio, aqui vim encontrar o meo fim, a morte de todas as minhas esperanças; aqui acabei, completei a minha miseria, e a minha desgraça.

— Meo amo hoje está muito abatido!... vá passear, vá girar o commercio. Vamos ter uma bonita noite. Vá divertir-se.

— Não, Simão; estou muito aborrecido; não tenho desejos de ver a cara de niuquem. Se queres, podes retirar-te.

— E o patrão o que fica fazendo aqui sozinho.

— Fico a tomar o fresco por um instante; estou com a cabeça a arder-me.

Já era quasi noite. Elias assentou-se em uma pedra, e com a cabeça entre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos, apenas se achou só, começou a desabafar suas mágoas, fallando consigo mesmo e quasi chorando de desespero.

— Já lá vão seis mezes, e até hoje nada! nada absolutamente!... Eu teria feito melhor, sem duvida, se tivesse aventurado o pouco que possuia, em uma moza de lansquenet. Ao menos teria ganhado ou perdido depressa e sem trabalho esse pouco que tinha, e eu seria o unico trabalhador... E que me importaria diamantes e todas as riquezas do mundo, se não fosses tu, Lucia, que me accendeste no peito uma sede de riquezas, que eu nunca sentiria se não te conhecesse. Mas tu não tens a culpa, tu, a mais bella, a mais ingenua e a mais nobre das creaturas. A culpa é de teu avaro e ignobil pai, que põe a preço de ouro a posse de tua mão. E assim se profana vilmente, assim se vilipendia a

sorte de um anjo sobre a terra. Estás calculada em ouro, e eu, desgraçado de mim! por mais que rogue ao céu, por mais que cave a terra, não posso achar esse ouro!... E em vez de achal-o, tenho cavado mais fundo ainda o abysmo de minha miseria. Não importa! proguirei ainda. Já agora consumine-se até as ultimas a minha má sina. Já bem pouco me resta. Venderei meo cavallo, meos arreios, minha faca de prata, e darei tudo ainda a devorar a esse maldito garimpo, que até aqui tão desapiedadamente me tem tractado. E quando evaporar-se a ultima esperanza... as cachoeiras desse ribeirão são fundas e escabrosas, e minhas pistolas não negão fogo...

Elias ia talvez continuar ainda daquelle triste monologo, inspirado pelo desespero, quando um som de passadas que se avizinhavão, o fizeram levantar subitamente o rosto. Era um homem algum tanto idoso, bem trajado e de agradável presença, qua a passos vagarosos se encaminhava para elle.

— Perdão, disse o desconhecido comprimendo-o. Perdão, se vim talvez indiscretamente perturbar em suas tristes reflexões, e se, sem o querer entrei no segredo de sua desgraça...

— Ah! o senhor ouvia-me?...

— Sim, senhor; mas sem o querer; espero que me desculpará...

— Sem duvida; nem posso levar a mal o acaso que por aqui o trouxe a ponto de ouvir as minhas loucuras. Demais a minha infelicidade, ainda que eu o queira, daqui em diante não poderá ser um segredo.

— Todavia não deixei de ser por demais curioso, eu o confesso. Eu estava alli entre aquellas burras apanhando algumas formulações do cascalho e examinando-as, o ouvi tudo. Devia-me retirar, é verdade; mas o que ia ouvindo, começou a interessar-me por tal sorte, que como apezar meo alli fiquei pregado a escutal-o. Mas póde estar certo que o interesse que me inspirou, e não uma vã curiosidade, aqui me trazem para juncto do senhor, e que suas palavras cahirão em ouvidos de quem sabe respeitar os segredos e as magoas alheias.

— Não tenho disso a menor duvida, e muito folgo de ter esta occasião de travar conhecimento com um homem, que segundo todas as apparencias, é digno de toda a estima e respeito. Só lhe peço que não dê importancia alguma ás loucuras que eu estava dizendo; estava desaba-

fando minhas mngoas com estes rochedos; são delirios da imaginação de um homem a quem a fortuna persegue.

— Perdão; eu sou mais velho, tenho também soffrido muito, e portanto me desculpará se lhe fallo com uma franqueza algum tanto rude. É uma vergonha para um moço, como o senhor, ainda na flôr dos annos, e que, ao que parece, tem bastante intelligencia e actividade, deixar-se assim abater covardemente ao primeiro golpe da adversidade...

— Mas ah! se o senhor soubesse as circumstancias fataes em que me acho. Não é a falta de fortuna que eu lamento...

— Já sei; desculpe-me interrompel-o; eu ouvi tudo, e nem assim acho justificação ao seo desalento. O senhor ama uma rapariga, não é assim? e é por amor della que deseja adquirir alguma fortuna. É mais um mctivo para querer viver, e proseguir em novos e perseverantes esforços para adquirir uma posição brilhante, em que possa fazer a felicidade sua e della. Deve ser bem fraco esse amor, que succumba logo diante da primeira difficuldade, que não sabe lutar contra a adversidade, e ao primeiro contratempo julgando tudo perdido, só acha refugio no suicí-

dio, sem se lembrar que com esse procedimento pusillanime vai encher de lucto e desesperação o coração de sua amante. Se todos assim procedessem, recuando logo desde as primeiras tentativas, quasi ninguem no mundo lograria seos intentos, quasi ninguem alcançaria as riquezas, as honras e a felicidade.

— Mas que posso eu fazer?... atirei-me n'um aby-mo sem sahida, e no qual devo ficar para sempre sepultado.

— Pois a sua intelligencia, servida por dons braços juvenis e vigorosos, não lhe poderá abrir um caminho para sahir desse abysmo, que eu creio que só existe na sua imaginação? Admira que um homem na sua idade e com tão boas disposições, tenha tão pouca fé no seu futuro, e tão pouca confiança nos homens!

Elias nada tinha que replicar ás justas e severas reflexões daquelle desconhecido, cujo exterior o cujas palavras sisudas logo á primeira vista inspiravão a d'um tempo respeito e sympathy, e esperava com anciosa curiosidade o resultado daquella singular entrevista, que o accaso lhe preparava em tal occasião com um homem que nunca tinha vista.

— Saiba porem, continuou o desconhecido,

que não vim aqui só no intuito de animal-o e dar-lhe conselhos. Quero abrir-lhe, se puder ser, o caminho para desvial-o desse abysmo, em que ainda não cahio, como suppõe, mas em que o desespero o ia precipitar. Venho fazer-lhe uma proposta; estará disposto a acceital-a?

— Falle, senhor; qual é ella? estou bem certo que não me proporá nada, que não seja para meo beneficio.

— E é sem duvida alguma. Em primeiro lugar entendo, que este descoberto da Bagagem não póle offerecer vantagem nenhuma a quem com pequenos capitães quer tentar um começo de fortuna. É um garimpo fallaz e traiçoeiro. Sou da Bahia, e garimpeiro tambem; vim aqui examinar este novo descoberto, de que se me contavão maravilhas; vejo o contrario, e posso fallar com pleno conhecimento de causa. Ha aqui, na verdade, e tem-se extrahido grandes e magnificos diamantes, como não os ha em outros garimpos. Mas esses não chegão a todos, e o seo apparecimento mesmo é um engodo perigoso, que so serve para arruinar milhares de garimpeiros, e somente felicita a um ou outro filho predilecto da fortuna. Pode-se dizer que esta terra — e o senhor é um exemplo — vingá-se

cruelmente daquelles que lhe rasgão o sio. Não acontece o mesmo no Syncorá ; ali o diamante é negocio que pode chegar a todos, e qualquer moço activo e intelligente acha alli meios seguros de fazer em pouco tempo alguma fortuna.

— Tudo isto pode ser, observou Elias ; mas para subir á grandes alturas, é preciso por o pé nos primeiros degraus, e esses me faltão.

— Isso lá é verdade ; mas tenha paciencia ; escute-me ainda um instante. Tenho lá no Syncorá muitas lavras, que comprei por baixo preço, mas que informão muito bem ; estão em abandono por me faltar uma pessoa de confiança que possa pôr á testa do serviço, e meos negocios não me deixão tempo para ficar alli preso á collo dos bateiros, como é indispensavel. O senhor inspirou-me confiança e sympathia desde a primeira vez que o vi, pois saiba que não é esta a primeira, e tenho ouvido fazerem-lhe por toda parte auzencias as mais honrosas. A sua infelicidade, de cujo segredo por um singular acaso agora estou de posse, acabou de inspirar-me um decidido interesse pela sua sorte. Se quizer pois ir administrar o serviço dessas lavras, lhe darei sociedade com lucro razoavel no producto dellas, e fora disso tambem sempre me achará prompto

a valer-lhe com o meo pequeno prestimo. Creia que não tenho interesse nenhum em enganar-o, posso ser-lhe util, e desejo sinceramente dar-lhe a mão. Por estes dias tenho de voltar para o Sincorá. Agora resolva-se. Aceita os meos offercimentos ? quer ir commigo ?...

O partido é excellentes, pensou consigo Elias. Mas para o Sincorá !... para tão longo de minha Lucia !... não sei se terei animo.

— A sua proposta é a mais vantajosa possível ; respondeo Elias depois de um breve silencio, e não tenho palavras para explimir a minha gratidão por esse seo generoso procedimento para com um estranho, que mal conhece, fundando apenas em uma vaga sympathia e em uma reputação, que bem podia não ser merecida. Todavia o caso merece que se reflecta um pouco, e não posso já e de prompto resolver-me. Amanha, se lhe approuver, lhe darei a resposta. Onde e a que horas o poderei encontrar ?

— Amanhã ao meio dia, naquelle rancho de telha, que lá se avista do outro lado do rio entre dous baguassús... está vendo ?...

— Estou... já sei ; amanhã ao meio dia lá estarei.

— Pois bem !... vá dormir sobre o caso ; boa noite.

— Boa noite.

Já ia escurecendo. Elias encaminhou-se vagarosamente para o seu rancho, onde foi não dormir, mas velar sobre o caso.

Elias não teve muito que pensar para tomar resolução definitiva. O inesperado da proposta, e a idéa da distancia que o ia separar de sua querida Lucia, o espantáráo á principio. Mas entre a possibilidade de uma fortuna, e a situação desesperada em que se via na Bagagem, não havia que hesitar. Quanto á distancia, por ventura alli mesmo á algumas legoas apenas da fazenda do Major, não estava elle tão separado della, como se estivesse no fim do mundo? e por ventura não o separava della tambem um abysmo peor do que todas as distancias, a pobreza? e não era esse abysmo, que ia procurar encher e suporar, indo para bem longe? amal-o-ia mais, ser-lhe-ia ella fiel, estando elle perto?

Tendo-se pois resolvido definitivamente, communicou sua intenção e contou a aventura da tarde a seu velho camarada, que accentado ao pé do fogo acceso no meio do rancho, fumava tranquillamente o seu caximbo.

— Então Vm. vai-me deixar? patrão, disse o velho, fitando em Elias olhos lastimosos.

— Como assim ? pois tu não me comprinhas ?

— Eu!... para tão longe?... ah! meo patrão? podesse eu... mas já estou velho e mofo; essas viagens já não são para mim... que necessidade tenho eu de ir largar os ossos lá tão longe.

— Mas nesse caso, meo bom Simão, também não vou.

— E por que não, meo patrão?

— Como hei de deixar-te aqui sósinho e desamparado?

— Não lhe dê isso cuidado. Ainda sei trabalhar. Deus é de misericórdia, e nunca ha de faltar a este pobre velho um prato de feijão e um ranchinho em que dorma. Já que é para seo bem, vá, meo patrão; Vm. não deve perder um lance de fortuna, que vem mesino agora a talho de foice, por amor de um velho camarada, que já para pouco presta. Também o patrão já não é tão criança que não possa sahir sósinho pelo mundo, e eu, a dizer a verdade, mais lhe iria servir de peso que de outra cousa.

— Comtudo, Simão, não tenho animo de deixar-te assim. Se adoeceres...

— Não banze com isso. Tenho por aqui muito conhecimento, e muito patrão bom, que ha de ter dó de mim. Vá, patrão, e N. S. do Patro-

ciúo permitta que seja para bem. No entanto cá para mim, a minha fé é mesmo com este garimpo d'aqui. É deste chão, que nós havemos de um dia arrancar a sua estrella de pedra.

— Não creias tal, Simão; deste chão só podem brotar para mim espinhos e urtigas, lagrimas e miserias.

— Está bem!... um dia Vm. se ha de enganar; bote sentido no que estou dizendo. Vá para o seo Sincorá, e N. S. da Guia que lhe acompanhe. Vá procurar sua estrella de pedra lá por esse mundo de meo Deos, e deixemo cá ficar procurando ella por aqui mesmo. Havemos de ver quem acha primeiro.

Elias nenhuma importancia ligava á aquelles presentimentos do pobre Simão. Era simplicidade ou caduquice de seo velho camarada. Depois de conversarem mais algum tempo sobre sua proxima separação, ambos adormecerão: o camarada sobre um couro ao pé do fogo, e o patrão sobre sua pobre cama estendida sobre um girão a um canto do rancho.

D'ahi a alguns dias Elias abraçou chorando seo velho camarada, — era o unico amigo, que deixava na Bagagem! — deo-lhe todo o di-

nheiro que ainda lhe restava, e tirando uma carta da algibeira, entregou-lh'a dizendo-lhe :

— Esta carta é para Lucia, Simão ; tu mesmo a irás levar em sua casa na fazenda do Major *** ; é um ultimo favor que quero te merecer. Ninguem lá te conhece, pedirás pousada, e é impossivel que despertes a menor suspeita. Lá procurarás entregal-a occultamente a uma velha escrava por nome Joanna, que a levará fielmente ás mãos de Lucia.

— Vá sosegado, patrão ; a carta ha de ser entregue.

A carta de Elias era assim :

« Já lá vão seis mezes que nos separamos e que me acho aqui na Bagagem, onde a fortuna aqui me não sorrio. Manda-me agora o destino, que eu vá tental-a bem longe d'aqui, porem com muito melhores esperanças. Parto hoje para o Sincorá. Não te assustes, minha querida, com a distancia que vai separar-nos. Em qualquer parte que eu vá, te amarei sempre com o mesmo ardor e lealdade. Falta-me ainda anno e meio para cumprir o meo fadario. Mas não esmoreçamos ; conserva-me fiel e puro o teu amor, tua confiança no

futuro e na Providencia, e o céo nos protegera.
Adeos, até o prazo marcado. »

Dahi a um instante Elias, em companhia de
seu protector, partia para o Sincorá.

Hi per
pa que
de da
na riqu
pesvel
is e co
cintras
mucas
le forte
ge the
tundo
A Bug
e ma
ci, vido
moy tod
sto sim
de haque

O BAHIANO

Já perto de dous annos erão passados, depois que Elias descorçoado de encontrar no solo da Bagagem ao menos os elementos de uma riqueza, que se tornára condição indispensavel para sua felicidade, ralado de saudades e com o espirito oscilando entre as mais sinistras apprehensões e as mais lisongeiras esperanças, partira para longes terras em busca de fortuna, fiado na protecção de um homem que lhe era inteiramente desconhecido, abandonando seo destino á mercê da fatalidade.

A Bagagem já então apresentava o aspecto de uma povoação nuscente, cheia de commercio, vida e animação, como são em seo começo todos os descobertos diamantinos. Já não erão simplesmente os toscos ranchos cobertos de baguassú espalhados em desordem ao longo

das margens do rio. Por entre elles alvejavam já não raras algumas casas caiadas e envidadraçadas, com garças pousadas entre um bando de pardacentas pombas silvestres.

Algumas ruas menos irregulares se vão formando, e nellas vão-se já bonitas e bem sortidas lojas e casas de negocio de toda a especie.

A Bagagem contava em seo seio talvez vinte mil almas á custa dos municipios visinhos, que ficarão despovoados. Quasi todo o Patrocínio, o Araxá, grande parte do Piracatú e Uberaba tinham-se mudado para as mattas da Bagagem.

O Major *** tambem não ficára izento da mania geral, e, tentado pelo demonio do garimpo, deixou quasi em completo abandono sua lavoura, e veio estabelecer-se na Bagagem com sua familia e quasi toda a escravatura. Outro motivo tambem influio no animo do Major para dar esse passo. Lucia, depois da partida de Elias, tinha cahido em profunda tristeza e abatimento; sua saude se alterava, e ella definhava, como a planta minosa, a quem falta a seiva da terra e o orvalho do céo. O Major bem conhecia o verdadeiro motivo daquella

indisposição de sua filha ; mas, ou para affectar que nem a possibilidade concebia de uma paixão amorosa, ou mesmo porque respeitava a delicada susceptibilidade dos sentimentos de Lucia, fingia ignoral-o. Portanto julgou conveniente arrancar-a á solidão daquella fazenda, e no meio da agitação e dos passatempos da sociedade, procurar alguma distracção á constante e profunda melancolia da moça.

O Major tinha construido uma bonita e acciada casinha no lançante de uma colina a margem direita do ribeirão, algum tanto isolada do resto da povoação. Era um templosinho, de que Lucia era a deosa tutellar, e onde affluíam uma multidão de devotos a render-lhe cultos e adorações. Mas ella triste como a Juriuty, a quem exilárão da sombra silenciosa de scos bosques, sentia indisivel saudade dos laranjnes da fazenda paterna, de seo jardim, de sua fonte, e mais ainda de um ente, cuja imagem em seo espirito andava sempre ligada á daquella saudosa solidão. A carta que Elias escrevera no sahir da Bagagem, fora-lhe fielmente entregue ; a idéa da distancia enorme que se ia interpor entre ella e seo amante, ainda mais aggravou o seo

estado de prostração, augmentando-lhe os sustos e inquietações. A imagem de Elias estava sempre presente ao seo espirito, triste como a lua melancolica a mirar-se no seio immovel de um lago solitario. De seos labios nunca escapava um sorriso que exprimisse verdadeiro prazer. Se algumas vezes sorria, seo sorriso era como um clarão frouxo a custo escapado da alma por entre nuvens de tristeza.

Todavia, mais por effeito do tempo do que das distracções que seo pae lhe procurava, a feliz e vigorosa organização de Lucia conseguiu triumphar e impor um termo aos progressos e estragos do soffrimento moral. Não lhe voltou aquella inalteravel e serena alegria dos primeiros annos, nem se lhe desvanecerão as magoas e inquietações do coração. Mas ao pungir da dôr violenta que o lacerava, substituiu-se uma melancolia calma e resignada, como noite de luar succedendo silenciosa e triste aos horrores da tormenta.

A graça e gentileza de Lucia, seo adornevel recato, e aquelle toque sympathico de melancolia que a envolvia como um véo, não podião deixar de attrahir a attenção e produzir impressão sobre a população da Buga-

gem, composta em grande parte de fazendeiros abastados dos arredores, que desprezando a enchada e o machado, puzerão nas mãos de seus escravos o abrião e a batêa, e de jovens negociantes de todas as procedencias, que vinhão de remotas paragens tentar negocio com os garimpeiros. O Major, por seu lado, para dar uma diversão ás idéas melancolicas de sua filha, procurava entretel-a e distraill-a por todos os meios, e para esse fim costumava dar em sua casa frequentes reuniões, a que convidava a melhor sociedade da Bagagem.

Muitos desses negociantes, muitos filhos de fazendeiros abastados, subjugados pelos encantos da gentil roceira, offerterão a Lucia suas homenagens; mas para logo desistirão, não achando brecha por onde pudessem entrar nos arcanos daquelle coração mysterioso. Outros, mais audazes ou interpetrando mal a fria amabilidade com que ella os tractara, abalançarão-se a revelar sua paixão, e mesmo a pedil-a em casamento.

— Minha filha, já tens vinte annos; acho que já é tempo de pensar no casamento, e tenho para ti um noivo, que de certo não rejeitarás. É o senhor F.; pedio-me hoje a tua mão. Acho-o muito capaz de fazer a tua felicidade.

Esta pequena allocução Lucia ouvia sempre ao menos uma vez por semana, e todas as vezes com imperturbavel e glacial frieza lhe respondia :

— Peço-lhe, meo pai, que não me falle por ora em casamento; não me sinto com inclinação alguma para esse estado. Talvez mais tarde... Meo pai bem vê que minha irmã é ainda muito criança. Enquanto ella não crescer mais e não puder lhe servir de companhia, eu não posso, nem devo casar-me. Julgo-me necessaria para ambos.

O pai parecia acceder a estas razões e respeitava as repugnancias da filha. É verdade tambem, que dos pretendentes que até ali tinham aspirado á mão de Lucia, posto que fossem todos dignos e bellos moços, todavia nenhum estava em condições de assegurar-lhe uma posição muito brilhante pelo lado pecuniario; e o Major, que como bom pai desejava a felicidade de sua filha, mas que não concebia a felicidade sem a riqueza, esperava que Lucia encontraria ainda um marido millionario, e portanto facilmente condescendia com suas recusas.

Assim passarão-se mais alguns mezes, sem

que nada alterasse a monotonia tristeza do viver de Lucia, sem que uma esperanza viesse alental-a, e nem um novo golpe da sorte reavivar a chaga de seos antigos soffrimentos.

Por esse tempo chegára á Bagagem um rico viajante, elegantemente trajado, com numeroso sequito de pagem e camaradas, e apparatusa bagagem. Era um jovem bahiano, bem feito, bonito, e de maneiras agradaveis e insinuantes. Do Sincorá, onde se enriquecera com a compra de diamantes, viéra a Bagagem continuar na mesma especulação, e examinar e explorar este novo descoberto. A chegada de um hospede destes, a uma de nossas povoações do interior, produz tanta ou maior expectação do que a visita de um soberano a qualquer grande capital do mundo civilisado.

Leonel — assim se chamava o recémchegado — tornou-se logo extremamente popular. Além de seo agradável exterior e da affabilidade de suas maneiras, era dotado de prendas e qualidades que o tornavão apreciado e desejado em todas as companhias; tocava admiravelmente violão, e cantava com muita graça as modinhas e lundús da sua terra. Além de tudo era sumamente liberal, e tractava-se com um luxo

que, relativamente ao lugar, podia-se chamar sumptuoso.

Não tardou muito que Leonel fosse também apresentado em casa do Major ***. Como sabemos, este costumava dar em sua casa algumas partidas ou pequenos sarões para procurar dar alguma diversão á melancolica disposição do espirito de sua filha. Com o apparecimento de Leonel, essas partidas, que já não esmorecendo pelo nenhum resultado que produzião no espirito de Lucia, recommearão com nova animação. O Major era calculista, e preparava as cartas para um grande jogo. Contava que a bella figura, as dedicadas maneiras do jovem bahiano não deixarião de produzir impressão no coração de sua filha, e a curarião para sempre de sua antiga e louca paixão. Por outro lado estava convencido — e não sem razão — que ninguem que tivesse coração de moço, podia chegar-se a Lucia sem sentir a irresistivel influencia de seus lindos olhos; a experiencia de todos os dias o estava confirmando. Leonel, que por sua conversação viva e alegre, por suas prendas e bellas maneiras era a alma daquellas pequenas reuniões, não tardou com effeito em sentir o magico influxo do brilho daquelles grandes olhos avel-

ludados, daquelle meigo e melancolico sorrir. Concebeo logo por ella uma paixão ardente, que não podia mais dissimular.

Cerca de quinze dias depois que Leonel apparecera pela primeira vez em casa do Major, os dous. debruçados a uma janella em casa deste, travá:ão entre si a meia voz a seguinte conversação:

— Senhor Major, não devo occultar-vos por mais tempo que concebi por sua filha o mais ardente e extremoso amor, se é que já o não tem adivinhado. Seria para mim a suprema felicidade, se eu pudesse ganhar tambem o coração della, como ella soube conquistar o meo. Desejaria saber se o senhor acolhe bem este meo sentimento, que lhe affianço, é puro e sincero, para saber se devo ou não continuar minhas visitas á sua casa.

— Eu sempre o receberei com os braços abertos, retorquiu o Major com vivacidade, e de todo o coração folgo que minha filha inspirasse esses sentimentos a um moço tão distincto e de tão bellas qualidades. Mas ella?... sabe, se lhe corresponde? o senhor não lhe fez ainda declaração alguma?...

— Ella... é sempre affavel e boa para con-

inigo; mas acho-a sempre tão fria, tão reservada, que não sei o que deva pensar.

— Não lhe dê isso cuidado, senhor Leonel; é effeito do acanhamento; foi criada na roça, e ainda não sabe bem desenvolver-se em uma conversação. Mas não desanime por isso; quando se familiarisar mais um pouco com o senhor, ha de perder esse acanhamento, eu lhe affianço. Dá-me muito gosto em continuar a frequentar esta sua casa, e posso assegurar-lhe, que Lucia será sua...

— Assegura? mas, meo Deos! por que modo? se quer prevalecer-se da autoridade paterna para impôr uma alliança, que talvez lhe agrade, oh! nisso nunca consentirei.

— Eu, senhor Leonel, impôr?... nunca! Prezo muito a minha filha para obrigar-a a casar com quem quer que seja, contra sua vontade; mas não creio possível, que ella rejeite...

Neste momento tocou a musica, e uma menina chegando-se aos conversadores, chamou-os para dansarem ou verem dansar...

— Vá dansar com ella, disse o Major, animo e perseverança! sem isso nada se arranja neste mundo.

VI

A RECUSA

No dia seguinte ao desta conversa, o Major foi bem cedo ao quarto de sua filha.

— Então, minha Lucia, foi logo dizendo sem mais preambulos, que tal te parece esse bello moço bahiano, que ultimamente tem frequentado a nossa casa ?...

— Que tal me parece ?... disse Lucia com embaraço ; tão cedo, uma tal pergunta ! accrescentou sorrindo, p palavra, que não sei lhe responder, meo pae.

— Deixa-te de visagens ; responde-me. Que tal te parece o senhor Leonel ?...

— O que parece a todos, um moço bem parecido, de muito boas maneiras, e que talvez seja muito bda pessoa.

— Talvez, não ; é mesino um excellente moço e, alem de tudo muito rico.

— Mas, a que vem tudo isso, meo pai ?

— A que vem ? ainda me perguntas ? pois sabe que esse excellente moço, esse bello e rico bahiano, foi a tua boa fortuna que o trouxe aqui para... teo marido.

— Já esperava por isso, murmurou Lucia dentro d'alma; é mais um pretendente ! Que praga, que nunca se extingue !

Para meo marido ! exclamou ella ; ah ! meo pai, por piedade, não me falle nisso.

— Sim, para teo marido replicou o Major com enfado ; rejeitarás ainda este ?

— Meo pai, não lhe tenho dito tantas vezes que não quero, que não devo me casar por ora ?

— Mas com este, minha filha !... olha bem o que fazes. Rejeital-o é dar um *couce* na fortuna.

— E acceitar este ou outro qualquer, meo pae, é cravar-me um punhal no coração. Tenho presentimentos de que se me cazar, serei muito desgraçada.

— Criança !... deixa-te dessas loucas apprehensões ; essa repugnancia ha de passar com o tempo.

— Nunca, meo pai ; nunca passará.

— Está bein, Lucia ; és uma criança sem juizo. Vae pensar bem no que te proponho e

deixa-te de hesitações. Os annos voço, e a belleza foge-lhe nas azas. Mais tarde, quando quizeres te casar, não acharás mais marido que te queira. Anda, vae reflectir um pouco sobre o caso, e se és uma menina de juizo, certamente mudarás de accordo. Fortunas destas não se encontrão duas vezes na vida. Pensa bem no que te digo, e amanhã espero achar-te convertida.

O Major sahio, e Lucia ficou sosinha por muito tempo encerrada em seo quarto a reflectir, deveras não sobre as vantagens do casamento, que seo pai lhe propunha, mas sobre as difficuldades de sua penosa situação, e sobre a lucta que se ia travar entre ella e o Major, visto o modo porque este se mostrava empenhado na realização deste ultimo enlace projectado. A respeito dos outros pretendentes o Major cedera quasi sem insistencia alguma ás primeiras palavras de Lucia. Mas, a respeito deste ultimo, não parecia resolvido a desistir, e retirára-se sem se dar por vencido. E o peor era que parecia estar coberto de razão, pois Leonel era em verdade um manco, que parecia proprio, a todos os respeitos, para fazer a felicidade de uma moça, e as mais ricas e formosas donzellas

da Bagagem torião tido inveja da sorte de Lucia. Encerrada em seo quarto Lucia reflectio muito e amargamente sobre a cruel situação em que se achava, e depois de ter chorado e rezado muito, pedindo auxilio ao céo, sahio do quarto resolvida a luctar até o ultimo transe, e disposta a acceitar antes o véo de freira, do que a grinalda de noiva.

Leonel, todo confiado em sua bella presença e seos dotes pessoaes, apazar da fria reserva de Lucia, não hesitava um momento que por fim ella acabaria por se lhe render

O Major nessa mesma tarde foi sondar de novo o coração de sua filha. Redobrou de instanciaes, multiplicou os argumentos, entre os envolveo ameaças mal disfarçadas; nada a abalou. Por fim desceo até a supplica, Lucia respondeo mergulhando a cabeça entre as colxas do leito, em que estava assentada, e desatando em prantos e soluços. O velho commovido por um momento nada ousou responder a esta explosão de lagrimas e soluços, e retirou-se triste e desconcertado, mas não desanimado.

Como de costume, o jovem bahiano appareceo á noite em casa do Major. Lucia, que até alli só sentira por Leonel a mesma indiferença que

para com os anteriores pretendentes, agora experimentava tambem um certo affastamento, uma repugnancia, que mal podia dissimular. Já não via nesse homem um simples pretendente; era um ameaço vivo da sua felicidade, era a morte de suas esperanças, por que no fundo da alma Lucia ainda nutria uma esperança, timida, vacillante sim, mas era sempre uma esperança, e era ella que ainda lhe alentava o coração, e dava-lha coragem para viver. E talvez, quem sabe? — com esse instincto admiravel de que são dotadas certas mulheres, — através das mais brilhantes exterioridades ella sabia penetrar no fundo dos corações, e achava em Leonel alguma cousa que lhe repugnava.

Quando Leonel entrou na salla Lucia decorou e estremeceo de modo que teria attrahido a attenção de todos, se não fosse a fraca claridade que reinava na salla, illuminada então por uma só véla. Não escapou porem a Leonel aquelle estremecimento de Lucia; mas, graças a sua vaidade, o interpretou como effeito do alvoroço que lhe causava a sua presença, e o tomou como bom presagio. Se pudesse ver melhor o semblante da moça, teria notado nelle a extrema

palidez e uma expressão de angustia e de horror que o tiraria de seu engano.

Passados alguns minutos de conversação banal, Lucia retirou-se para acalmar, ou antes para occultar a agitação de seu espirito. Sua agitação era das mais penosas. Creada na singeleza da roça, habituada apenas á convivencia de uma sociedade de costumes chãos e sem etiquetas, não estava acostumada a dissimular seus pezares e inquietações. Mas o instincto delicado de seu espirito advertia-lhe que era mister mascarar sua dôr com as exterioridades do contentamento e da tranquillidade.

A companhia ainda era pouco numerosa ; com um gesto o Major convidou Leonel para a mesma janella em que os vimos conversar pela primeira vez. O Major começou o dialogo :

— Senhor Leonel, tenho esperanças de que Lucia accitará com prazer a mão de esposo que o senhor lhe offerece. Mas, quando hontem conversámos, esqueci-me de tocar em um ponto que entretanto não devo-lhe occultar. O prazer que senti ao ouvir sua proposta, provavelmente me fez passar pela idéa esse

objecto. E assim, para encurtar razões. talvez o senhor Leonel, como outros muitos, esteja em engano a respeito de minha posição pecuniaria, e...

— Basta, senhor Major; peço-lhe que não toque em tal assumpto, se não quer offender-me. Eu nunca indaguei, e nem indago quaes são os seus haveres. Mercê de Deos, possuo alguma cousa para não precisar...

— Não se enfade, senhor Leonel; não é nesse sentido que fallo; bem conheço o seu desinteresse. Mas todavia ficaria com um escrapulo n'alma, se não lhe fizesse essa revelação e não lhe declarasse que estou arruinado.

— Devéras, senhor Major?...

— É a pura verdade; completamente arruinado. Este maldito garimpo, que seduz e cega o homem mais do que a meza do jogo ou a meretriz artificiosa, tem-me devorado em pouco tempo todos os meus haveres, uma soffivel fortuna adquirida a custa de longos annos de trabalho na lavoura e no commercio, sem a minima compensação. Minha fazenda, meus escravos estão hypothecados quasi até o ultimo, e em breve a miseria virá bater-me á porta. Desculpe-me esta franqueza; eu não

devia occultar-lhe as minhas circumstancias, porque não me ficaria viroso dur-lhe a minha filha em casamento, sem que o senhor soubesse que casava-se com a filha de um miseravel.

— Miseravel!... não diga tal, senhor Major! isso nunca! mas ainda que fosses um mendigante, mesmo assim eu toria orgulho de ser esposo de sua filha.

— Mas a deshonra... bem sabe que o publico é implacavel para com o negociante ou especulador infeliz.

— Qual deshonra, senhor Major! o máo successo de uma especulação, comtanto que esta seja licita, não deshonra a ninguém. Não se acobarde por essa fórma... não faltarão meios de rehabilitar-se. Tranquillise-se; o publico e o commercio não serão tão desapiedados como pensa. Póde-se fazer com seos credores um convenio que salvará tudo. Eu me entendi com elles, e, graças a Deos! estou em circumstancias de lhe poder ser util sem sacrificio meo.

Dir-se-hia que o Major mui de proposito fazia aquella confidencia a seo futuro genro para sondar sua generosidade e provocar

o seo offerecimento. Mas não era assim; o Major fazia-lhe aquella revelação porque entendia que era de seo dever, e procedia por um impulso de franqueza que lhe era natural. A principio portanto o generoso offerecimento do joven Bahiano o perturbou e desconcertou algum tanto; mas depois penetrou-lhe n'alma como o raiar d'uma dupla esperanza. Nesse enlace estava a felicidade da filha e a salvação de sua fortuna.

— Não senhor! perdão! nem fallemos nisso, replicou o Major algum tanto enfiado; longe de mim a idéa de lhe ser pezado; e o que diria o povo?...

— E que tem o povo com os nossos negocios, e nós com o que elle dirá?

— Dirá, e com apparencias de verdade, que contractando este casamento especulei com a sua generosidade...

— Não tem direito a dizer tal. Sabia eu por acaso do estado dos seus negocios, quando lhe pedi a filha em casamento? e entretanto desde que aqui cheguei, aspirei á ser seo genro. E ha nada mais natural do que o genro soccorrer ao sogro, ou o sogro ao genro? Sois demasiadamente escrupuloso, senhor Major.

-- Pode ser; mas...

— Mas... nem fallemos mais nisso, caro Major; são horas de nos divertirmos.

Algumas pessoas, que chegarão e vierão complimentar ao Major, acabarão de por termo á aquella conversação.

Leonel foi sentar-se ao pé de Lucia, que já tinha voltado á salla. A coitada parecia que estava assentada em uma cadeira de ferro em braza. Seo olhar era incerto, mudava de côr a cada momento, mal respondia ás palavras que Leonel lhe dirigia, e as vezes parecia querer levantar-se bruscamente, e deitar-se a correr pela casa a dentro. Mas aos olhos de Leonel tudo isto tinha uma explicação aliás plausivel para quem não conhecia o estado do coração de Lucia. Era o acanhamento que resulta da emoção, que sente toda a moça ao ver perto de si um homem apenas conhecido, e que em breve tem de ser seu marido.

O Major, por sua parte pouco, conversava, e andava pensativo occupado em reflectir nos meios que empregaria em um novo assalto que projectava dirigir contra o coração da filha, para reduzi-la a dar o sim. Agora que nesse casamento via tambem a rehabilitação

de sua fortuna, é facil conceber com que novo ardor e encarnecimento estava disposto a attacal-a.

Lucia, por sua parte, só esperava com a maior impaciencia pelo momento de recolher-se para dar livre curso a seos pensamentos e a suas lagrimas.

VII

O SACRIFICIO

No outro dia Lucia accordou, ou antes levantou-se — pois bem pouco dormira — cheia de sustos e de tristes presentimentos; mas procurou occultar do melhor modo que pode, suas inquietações, e premunir-se de força e resolução para affrontar os novos embates que a ameaçavão. Por um lado a atormentava a posição extrema em que se via collocada pelas instancias do pai, posição de que não via outro meio de escapar-se, senão rendendo-se a discricção, ou por meio de uma confissão, que em vez de applacal-o, attrahiria sobre ella a colera de seo pai. Por outro lado a torturava a cruel incerteza em que se achava a respeito da sorte de Elias, do qual nem noticias tinha, posto que já tivesse findado o praso de dous annos, dentro do

qual promettera voltar ou dar noticias suas. Pensava na distancia immensa que os separava, nos immensos perigos que o rodeavão por aquelles sertões infestados de assassinos e salteadores e infeccionados de epidemias mortíferas, e a esperança a abandonava, e sua alma se entregava á um desalento mortal.

Estava extremamente pallida e triste; lia-se-lhe no semblante os vestigios de uma noite velada no soffrimento, mas em sua physionomia como que transluzia a altivez de uma resolução inabalavel.

O Major, que espiava com impaciencia o momento em que Lucia despertasse, dirigio-se a seo quarto, logo que a sentio levantada.

— Minha filha... mas estás tão palida e desfeita!... estás soffrendo alguma cousa?

— Nada, meo pai... é um incommodo passageiro. Sempre que me deito tarde, passo mal.

— Ah! não admira; não estás acostumada a estas palestras e folguedos até alta noite.

— É verdade, meo pai; e quanta saudade não tenho da nossa boa vida da roça!... quando voltaremos para lá!

— Não sei dizer-te. Talvez breve, talvez nunca.

— Nunca!... como assim, meo pai?

— Para fallar-te com franqueza, isso depende de ti; está em tuas mãos.

— Em minhas mãos?... explique-se, meo pai; cada vez o entendo menos.

— Sim; de ti e só de ti depende isso.

— Não posso saber como?

— Senta-te ahi, e escuta me: tenho cousas importantes a dizer-te.

A estas palavras Lucia sentio um calafrio percorrer-lhe o corpo, e feixar-se-lhe o coração como a um sopro gelado.

Tremula e pallida assentou-se na cama, emquanto seo pai puchava uma cadeira e sentava-se junto della.

— Minha filha, começou o Major abaixando cautelosamente a voz, e quasi ao ouvido de Lucia, o que vou dizer-te, quizera poder occultar-te para sempre; não quereria por nada deste mundo tornar-te mais afflicta e triste do que te vejo a certo tempo.

— Pode fallar, meo pai; Deos me dará coragem e resignação pera tudo, seja qual for a nova desgraça, que vem annunciar-me.

— Sim, é uma desgraça, mas que tu, com uma só palavra, podes converter em felicidade para nós todos.

— Deveras, meo pai?... pois explique-se, que da minha parte esteu prompta a todo e qualquer sacrificio.

— Em poucas palavras vou dizer-te tudo. Depois que deixamos nossa fazenda para vir especular neste garimpo, os meos negocios têm ido de mal a peor. Tenho-me visto forçado a fazer despezas, que não posso comportar, e o rendimento, como terás podido observar, tem sido nenhum. Ultimamente uma sociedade, em que tomei parte, não tendo dado resultado algum depois de enormes despezas, acabou de arruinar-me completamente, bem como a quasi todos os outros socios. Minha fazenda e meos escravos chegam apenas para sastifazer aos immensos encargos que contrahi nessa malfadada empreza, e ficaremos por portas, se te não resolver...

— A que, meo pai?...

— A casares-te com o senhor Leonel.

— Ah! isso nunca!...

Estas palavras escaparão ao peito da moça com espontanea e rapida explosão. O Major lançou-lhe um olhar severo e exprobrador.

Lucia reportou-se.

— Mas, continuou ella mudando de tom,

que tem o meo casamento com a sua quebra, meo pai?

— Muito, minha filha. Leonel, sabendo que eu m'z achava nesses tranzes apertados, offereceo-me espontanea e generosamente seos serviços e, o que mais ainda, sua bolsa. Mas se recusas dar-lhe a mão de esposa, como poderei acceital-os?

— Ah! meo pai, não me obrigue a semelhante sacrificio; por piedade! a miseria! a miseria mil vezes!... mas já não sei o que penso, nem o que digo... meo pai, tenha piedade de sua filha.

— Ah! Lucia, minha querida Lucia!... pondera que não se trata sómente de ti. Já não fallo de mim, que estou velho, e que pouco me importa o modo porque passarei o resto de meos dias. Mas tua irmãsinha, tão linda, tão innocente, coitada! não terei a legar-lhe se não a miseria. Oh! e a miseria é tão triste para quem já viveo na abastancia.

Tendo dito estas palavras o Major enchugou duns grossas lagrimas, que lhe rolavão pelas faces macilentas.

— Meo pai!... exclamou Lucia, pondo-se rapidamente em pé, e apertando convulsivamente

as mãos uma na outra. Depois deixou pender a fronte, abaixou os olhos, e uma chuva de lagrimas que lhe brotavão das palpebras ardentes, circundavão-lhe as faces, e cahirão no pavimento aos pés do velho. Este também levantou se profundamente commovido, e, sustendo-a nos braços, já ia quasi desistir de suas pretensões. Mas a bella e nobre alma de Lucia já tinha acceitado o sacrificio.

— Tranquillise-se, meo pai, disse ella com tom firme e resolute, enclugando a ultima lagrima que lhe brotava dos olhos; nceito o marido que me quer dar, já que assim é preciso para felicidade sua e de minha irmã.

— O céo te abençoe, querida filha; nem eu esperava outra cousa da bondade de teu coração e da nobresa de teos sentimentos. Não te arreponderás, eu te asseguro: Leonel é um excellente moço que saberá te fazer feliz, e Deos abençoeará teu casamento, por que o mereças.

— Serei feliz!...por certo!...murmurou Lucia consigo; ao menos abreviarei o meo martyrio.

— Po so portanto, Lucia, continuou o Major, assegurar hoje desde o senhor Leonel que das o teu consentimento?...

— Meo pai tem a minha palavra, e de hoje em diante pôde dispor de mim, como lhe aprouver.

O pai sahio satisfeitissimo com o resultado desta ultima tentativa, porque não sabia medir o alcance e a importancia do cruel e doloroso sacrificio que acabava de impor a sua filha. Homem de alma fria, posto que bôa, julgava que as paixões sinceras e profundas não existem senão nas novellas, e que os sentimentos da mulher não são mais do que caprichos da imaginação, que com o tempo se desvanecem.

Lucia acabrunhada sob o pezo do sacrificio a que acabava de dedicar-se para a felicidade de seo pai e de sua irmã, foi sentar-se junto a uma mesa, e escondendo a cabeça entre os dous lindos braços nús. ahi ficou por muito tempo abandonando o coração aos golpes da dor que o torturava.

A voz de Joanna veio despertal-a.

— Sinhazinha !... disse-lhe com vóz mansa a rapariga, sacudindo-lhes o braço devagarinho.

— Que me queres ? respondeo Lucia sem levantar a cabeça. Vai-te... quero estar sozinha.

— Mas, sinhazinha, aqui está isto, que lhe mandarão entregar.

Lucia levantou a cabeça, e fitou em Joanna os olhos humidos de lagrimas. Joanna entregou-lhe uma carta; Lucia tomou-a, reparou o sobrescripto, e um rapido estremezimento convulsivo lhe percorreo o corpo. Rasgou com a mão tremula a carta, e leo o seguinte :

« Minha Lucia. Cá de longo, a mais de duascentas legoas de distancia, participo do prazer que sentirás ao ler esta carta, pois nem um momento ainda duvidei da sinceridade e constancia do teu amor. A fortuna, que ahi sempre se me mostrou esquiva, sorriu-me enfim aqui no Sincorá. Graças a Deos, tenho feito excellentes negocios. Enfim, Lucia, já sou rico, ou menos para nossa terra. Não me é possivel estar lá no prazo que te marquei, mas faço-te esta para tranquilizar-te. Em breve lá estarei. Eu quizera ter azas e voar para junto de ti... sou feliz, só as saudades me atormentão. Adeos, Lucia; até breve. Teo Elias. »

Descrever o que se passava n'alma de Lucia, em quanto com mão tremula e olhar desvairado

percorria esta carta, é cousa que não cabe no possível. Uma vertigem se apoderou della; apenas teve tempo para amarrotar depressa aquella carta fatal, e escondel-a no seio. De palida que estava, tornou-se livida, os olhos se lhe escurecerão, e teria cahido da cadeira em que estava, se Joanna, que ficava ao pé della, não a tivesse amparado.

— Santa Virgem! exclamou assustada a rapariga, sacudindo-a. Que tem! que tem. sinhusinha?...

Mas Lucia ainda não tinha perdido o vigor de sua bella organização, e em poucos instantes voltou daquelle breve deliquio.

— O que é isto, menina?... o que é que está soffrendo?... falle, não occulte nada a sua negra, exclamou a sollicita escrava. Eu vou fallar com nhônhô para mandar chamar medico.

— Não, Joanna, não é preciso; não digas nada a meo pai, eu te peço. Isto pas-a já; foi uma vertigem, porque passei mal a noite; mas já estou melhor.

Ah! porque não chegou uma hora mais cedo aquella carta fatal? teria sido a redempção daquella pobre alma que penava entre horrorosos martyrios; teria aberto para ella

um horizonte de esperanças e venturas. Mas naquella occasião era como nuvem negra que acabava de escurecer para sempre o horizonte de seu porvir.

VIII

E L I A S

O infortunio de Lucia tinha chegado a seu cumulo.

O seu casamento com Leonel estava definitivamente contractado, e era um acontecimento de que se fallava mais na Bagagem em todos os circulos. Era um lindo par, dous noivos em todos os sentidos dignos um do outro, e todos formavão a mais lisongeira idéa do risinho futuro de amor e de venturas, cujas portas o hymeneo ia abrir de par em par á aquelle par afortunado.

Os pretendentes de Lucia, porem, que havião sido preteridos, — e não erão poucos, — vingarão-se em apodos e maliciosas appreciações a respeito do noivo.

— Pobre moça ! Deos sabe o que será della com aquelle boneco enfeitado ? Deos

queira quea li não esteja encoberto um formidavel cavalheiro de industria !

— A fazenda de contrabando é quasi sempre a mais bem enfardada. Aquelle Major é bem simplorio. Não seria eu que daria minha filha a um homem, só porque anda com grandes equipagens e patacoadas, inculcando-se rico, sem lhe ver a carteira.

— As vezes um biltre, desses que ahi andão com ares de grão-senior, não passa de um mero cobrador, que nada tem de seo, e anda a imposturas com o dinheiro do patrão.

— Lá diz o dictado : quem vae casar longe, ou quer enganar, ou vae enganado. Este merlo porem que não cae no laço, e é capaz de enfiar o Major e toda a sua geração pelo fundo de uma agulha. Lá se avenhão.

Entre os pretendentes desprezados contava-se tambem Azevedo, o joven negociante fluminense que ja vimos junto de Lucia, no Patrocinio, e que era um dos seos mais assiduos e pertinazes adoradores. Como muitos outros negociantes dalli tinha mudado a sua loja para a Bagagem, deixando quasi em tapera aquella villa, por cujas desertas ruas crescia abundante capoeira, e vagueiavão livremente as omes, veados e siriemas.

— Não lhe agouro bem, dizia Azevedo referindo-se a casamento de Leonel. Estas moçoilas da roça na salla são umas santinhas; nem sabem fallar; são todas modestia e pudor. Mas por detraz das portas e pelos quintaes, ai! ai! ha que se lhe diga. O noivo, que rogue a Deos que não volte lá desses sertões do Sincorá certo rapazola que eu conheço.

Mas todos esses ditorios erão filhos do despeito de certos descontentes. A maioria da população bagagense, de quem o bahiano por suas liberalidades e suas maneiras seductoras tinha adquirido a estima e sympathia, approvava o applaudia sinceramente e de todo o coração aquelle feliz consorcio.

Leonel continuava a frequentar ainda com mais assiduidade a casa do major, onde quasi todas as noites havião bellas reuniões, tocadas e sarãos. Erão essas horas as mais crueis para Lucia, como bem se pôde avaliar, que em sua nobre e sublime dedicação fazia esforços heroicos para dissimular a angustia que lhe ralava o coração. Não queria que por modo algum seo pae suspeitasse quanto era duro e doloroso o sacrificio que lhe tinha imposto, e procurava fingir que de bon

mente se conformava com a sua nova sorte. A força de vontade conseguia dar a seu semblante e a suas palavras um ar, senão de contentamento, ao menos de certa serenidade melancolica, que dava novo realce a sua nobre e graciosa physionomia.

Corria então a quaresma, e como nesse tempo são prohibidas as benções matrimoniaes, forçoso foi adiar para mais tarde o casamento, que pelo voto de Leonel e do Major teria tido logar immediatamente.

Já uns quinze dias se tinham passado, depois que Lucia esperava resignada o dia tremendo, em que ia irrevogavelmente immolar a felicidade de seu coração aos interesses de seu pai e de sua irmã. O altar do hymeneo ia ser o patibulo, e o leito nupcial o tumulo de sua felicidade.

À porta da loja de um dos mais abastados negociantes da Bagagem apeava-se um jovem viajante, que pelo primor de seu traje, e pela luzida bagagem que trazia, mostrava ser homem de fortuna. O tom familiar, e o alegre alvoroço com que foi recebido, indicão ser elle um antigo conhecido do negociante.

— Oh ! bons olhos o vejão ; meo caro senhor Elias, exclamou o negociante abraçando-o com transporte. Não sabe que prazer me dá em tornal-o a ver. Veio mais bonito, mais sacudido, e pelo que vejo, fez fortuna lá por onde andou ? !

— Não perdi meo tempo, louvado seja Deus !... respondeo o moço.

— Entre, entre ; venha descansar ; depois conversaremos. Mandê desarrrear seos animaes ; não cousinto que vá pousar em outra parte.

— Obrigado ; acceito o seo obsequio.

Tendo sahido da Bagagem, levando na algibeira a miseria, e o desespero no coração, depois de dous annos de ausencia, Elias voltava com a carteira recheada de boas dezenas de contos de reis, só respirando amor, esperança e felicidade. Com o coração alvoroçado e a transbordar de alegria, durante toda a sua longa viagem não pensava em outra cousa senão no momento feliz de tornar a ver a sua querida Lucia, e chegara com a cabeça recheada dos mais brilhantes planos de ventura e de amor, planos que para elle já erão uma realidade, pois estava vencida a barreira que os separava, — a pobreza.

Meia hora depois, tendo já Elias accomodado sua bagagem, e dado as necessarias providencias para o arranjo de seus animaes, o negociante convidou-o para uma sala visinha.

— Venha para cá tomar algum refresco; venha conversar um pouco, e contar-nos que tal é isso por lá; contão-se maravilhas.

— Temos tempo, meo amigo; tenho muito que contar-lhe, mas isso será com mais vagar. Venho de longe, e sou d'aqui; portanto julgo que tenho direito de perguntar primeiro por noticias da minha terra, que novidades ha, se o commercio vae bem, se apparece muito diamante, etc., etc.

— Qual! meo amigo; isto por aqui vae sempre na mesma pasmaccira, e não promette grande cousa. Vae-se apenas tenteando o negocio. Ha mais garimpeiros arruinados do que baguassús por esses mattos. Este garimpo não anima; é como uma loteria, em que só ha sortes grandes, e essas muito poucas. Apparecem de tempos a tempos grandes diamantes; mas não ha serviço jornaleiro; ganha um, por cem que perdem.

— Eu já assim o pensava; nunca tive grande fé n'este descoberto. Não acontece assim na

Diamantina, e nem tão pouco no Sincorá. Quem dá alli um serviço, pôde ter a certeza de que ha de tirar ao menos para salvar as despezas.

— Pois aqui é o contrario ; quem garimpa, tem noventa e nove probabilidades de perder, e uma de ganhar. Os fazendeiros pensam que garimpar é o mesmo que plantar milho. quizerão colher o que não tinham plantado, e quasi todos vão dando com suas fortunas em vaza-barris.

— Entretanto, disse Elias chegando-se a uma janella, noto que a povoação apesar disso não deixa de ir crescendo. Estou vendo muitas casas novas, que não deixei quando daqui sahi, e tudo vae a melhor.

— O lugar vae em augmento, não ha duvida ; mas isso não pôde ir longe.

— A proposito. De quem é aquella linda casinha, que lá está no alto daquelle lançante ? como está bem situada !... dalli deve-se gozar a vista de toda a povoação.

— Oh ! aquella é de uma das principaes victimas da exploração destas lavras. É do Major *** ; não o conhece ?...

— Muito ! muito ! .. mas que me diz ? pois o Major *** tambem arruinou-se ? !

A conversação cahia enfim casualmente no ponto a que queria leval-a Elias, que ardia por ter novas do Major e de sua filha, os quaes já sabia que se achavão na Bagagem. Pode-se pois facilmente imaginar com que avidêz curiosa, com que mal disfarçada sofreguidão dirigio ao negociante a ultima pergunta.

— Consta, respondeo este com toda phlema, que todos os seos bens estão empenhados, e que se forem liquidar-se os seos negocios, não lhe ficará um real. E a proposito, por fallarmos no Major, perguntava-me o senhor a pouco por novidades. Pois saiba que a mais importante que temos, e que agora anda ahi pela boca de todos, é o casamento de sua filha...

— De Lucia ?.. atalhou vivamente o moço.

— Pois de quem mais ha de ser ?... então conhece-a ?

Elias não respondeo ; sentia como uma especie de vortigem, que o atordoava, como se um raio tivesse estalado junto dello. Agarrou-se ao peitoril da janella para não cair. Assim esteve por alguns instantes, depois dos quaes continuou farcejando debalde para dar á sua voz o tom da mais completa indiferença :

— Conheço-a muito; é uma linda menina; mas... dizem-me que era muito esquiwa; admirra-me que se resolvesse a casar-se, e quem sabe...

— Quem sabe o que?

— Quem sabe, se não vai de muito boa vontade!...

— E por que não? o noivo é um guapo mocetão, de bonita figura e fino tracto, e, o que mais é, muito rico. Ella como Vin. bem sabe, é a moça mais linda destes arredores; digo-lhe com veraz, que nunca vi casamento mais bem ajustado. O Major está um pouco arruinado, é verdade; mas o genro é riquissimo, e no que dizem por ahí, vai escorar o sogro, o que não lhe será penoso. Com aquelle casamento a felicidade entrou-lhe pela casa dentro.

— Entrou?!... pois já? exclamou o moço com visível perturbação.

— Ou vai entrar; é o mesmo, pois o negocio é decidido, e está por poucos dias. É mais um par de rolinhas amorosas, como dizia um amigo meo meio mettido a poeta, que veio fazer seu ninho aqui nas mattas da Bagagem.

Elias não teve animo de dizer mais nem uma

palavra
 nha as fr
 no obo
 unvellid
 piteiril d
 Posto q
 maseanc
 leou de
 o trator
 - O q
 geria ve
 o deliqua
 commodo
 - Nada
 emitente
 que de ve
 ip.
 - Ah!
 de. Deito
 embe tra
 unar; da
 dazani m
 - Accidit
 que maior
 Elio acc
 va a sô coo

palavra; o coração lhe batia desencontrado; tinha as fauces seccas, e a lingua se lhe pegava ao céu da boca. Tremulo e coberto de horrivel amarellidão mal se podia suster agarrado ao peitoril da janella.

Posto que já o sol tivesse entrado, e já fosse escasseando a luz do dia, o negociante não deixou de perceber a extrema perturbação e o transtorno das feições do rapaz.

— O que tem, meo amigo?... ainda agora parecia vender saude, e agora o vejo tão palido e desfigurado? está soffrendo de certo algum incommodo.

— Nada... quasi nada. São accessos de intermittentes, que apanhei no Rio S. Francisco, e que ás vezes ainda se repetem; mas passam logo.

— Ah!... ninguem lá vae, que as não apanhe. Deite-se neste canapé, enquanto vou lhe mandar trazer um cópo de vinho quente com assucar; dizem que é bom. Depois, se quizer, chamarei medico...

— Aceito o vinho; mas não será preciso tomar maior incommodo; isto passa logo.

Elias accitou o offerecimento mais para se ver a sós com o seo desespero, do que por neces-

sidade que tivesse de auxilio algum. Seu coração, que até alli se enchia a transbordar de esperanças e venturas, sentira-se subitamente atracado entre as garras da mais cruel decepção. Mil projectos desencontrados lhe tumultuavão na cabeça. Ora queria ir immediatamente ver Lucia, exprobrar-lhe sua perfidia, e apunhalarse á sua vista. Mas isso seria uma triste vingança; não; não convinha deixal-os vivos e felizes sobre a terra. Iria procurar primeiro o feliz seductor, esbofeteal-o, cuspir-lhe no rosto, e depois arrancar-lhe as entrinhas, e com o mesmo punhal, ainda fumegante do sangue do vil, immolar-se aos olhos da perfida... Mas... elle era innocente talvez; ignorava que aquella embusteira já tinha penhorado a outrem por um juramento sagrado o seo amor e a sua mão. A victima devia ser ella, somente ella. Mas como vingar-se della?... matal-a?... semelhantz idéa lhe repugnava... derramar o sangue de uma fraca mulher é a mais infame das cobardias, o mais monstruoso dos attentados. Desprezal-a?... mas o desprezo só é um castigo, quando recae sobre pessoa que nos ama, o Lucia! exclamava o infeliz estorcendo-se em ancias de desespero, Lucia não me ama; Lucia nunca me amou;

senão, jámais se teria tão facilmente esquecido de mim para se entregar a outrem. E assim, não ha remedio! nem o consolo da vingança me é dado! e a victima de todos estes embustes e perfidias serei eu, somente eu!

Elias foi interrompido em suas febris maquinações por seo hospede, que lhe trazia o vinho quente, em quanto uma escrava preparava-lhe a cama em uma alcova immediata á salla. Depois de trocarem algumas palavras banaes, o negociante julgou conveniente deixal-o a sós, visto o seu incommodo de saude, e depois de tel-o cuidadosamente deitado em seo leito, despolio-se recommendando-lhe que se abafasse bem.

Apenas porém o moço achou-se só, arrojou para longe de si coberturas e lençóes, saltou fóra da cama, e começou a passear a passos precipitados ao comprido da sala. Assim passou grande parte da noite com a idéa de sua desgraça a devorar-lhe o cerebro, e a fustigar-lhe o coração.

Por fim, á força de pensar, ou antes á força de delirar, começou a duvidar da realidade de seo infortunio; achou que tinha sido demasiado leviano em dar tão depressa inteiro cre-

dito ás palavras do negociante, e appellou para o dia seguinte.

Embalado nessa duvida consoladora, que o céo como que lhe enviára para dar algum repouso á sua imaginação tresvairada, adormeceu quando os gallos já começavão a amiudar seos cantos.

O dia amanheceu
de vultos
na florest
deixar-se
e balan
de caciqu
sagradas.
as brisas,
rimas de
na encosta,
das car
quinhos, e
no carc
desper
guça q
rmas do e
perdas ma

IX

ALÉM DE QURDA, COECK

O dia amanhecera esplendido.

Os vultos das grandes arvores isoladas, restos da floresta, que o machado tinha poupado, debuxavão-se em um céu puro e rico de folgores, e balanceavão os topes verdenegros, como velhos caciquos sacudindo os cocares nas danças sagradas.

As brisas, que sopravão frescas, trazião mil perfumes de flores selvaticas, e rumorejavão pela encosta, merelando seo sussurro no marulho das caxociras e a vozaria alegre dos garimpeiros, cujos almocafres e alavancas retinirão no carcalho das grupiáras. Toda a povoação despertava alegre e cheia de vida, como garça que á beira do lago se esponeja aos raios do sol, suadindo das brancas azas as perolas matutinas.

Quando Elias despertou, o sol já batia em cheio por ambas as margens do ribeirão. Abriu a janella, e deo com os olhos naquello magnifico e risonho espectaculo, que tão cruel e pungente contraste formava com o estado reamargurado de seu coração. O golpe que recebera na vespera repercutia-se agora em sua alma, ainda mais rude e doloroso. Alli esteve por mais de uma hora pensativo, perplexo, e mergulhado no mais profundo abatimento. Não atinava com o que deveria fazer, e desejaria alli ficar para sempre mudo, immovel, petrificado como uma estatua.

Por fim resolveo-se a procurar na agitação do corpo alguma diversão aos pensamentos que lhe escaldavão o cerebro. Pegou no chapéo, e sahio a tã e sem destino pelas ruas da povoação. Encontrou muitos amigos e conhecidos, que o cumprimentarão, e da boca dos quaes, sem que o perguntasse, ouvia a confirmação da fatal noticia do casamento de Lucia. Esse casamento andava de boca em boca, e era o acontecimento que então mais preocupava a imaginação do publico. Elias andava como que atordoado; aquelle movimento e borbórinho da população como que

lhe causava vertigens. Os cumprimentos e felicitações de seus amigos o perturbavão, e parecião-lhe um sarcasmo cruel. Assim vagou maquinalmente pelas ruas. Quando se recolheu a casa, era já meio dia.

Logo ao chegar á casa do negociante, veio-lhe ao encontro o seo arrieiro a pedir-lhe dinheiro para pagamento do milho e mais despeza da tropa. Tirou da carteira 20\$000 réis e apresentou-a ao caixeiro da casa, pedindo-lhe que a trocasse por miudos. O caixeiro depois de examinar a nota por um instante, devolveu-a a Elias.

— Perdão, meo amo, disse-lhe o caixeiro, não lhe posso servir: esta nota é falsa.

Elias enfiou. Não podendo ficar mais palido do que estava, tornou-se verde.

— Falsa! repetio com uma voz que lhe sahia do coração, e mal passava pelos labios.

— Falsa, sim senhor; se duvida, chamemos o patrão.

Não foi preciso chamal-o; elle vinha entrando nesse momento pela loja.

— Oh! bom dia, amigo; como passou? Levantou-se cedo, então por onde andou? andou matando as saudades? de certo ainda não almeçou? passou melhor do seo encommodo de hontem?

O pobre moço naquelle momento tinha talvez mais vontade de enforçar-se do que de responder á aquella chuma de perguntas com que seo hospede a queima-roupa o obsequiava.

— Já nada soffro; estou bom, respondeu Elias em tom breve. Appresentei esta nota a seo caxeiro para m'a trocar, e disse-me ser falsa. Veja.

— Falsissima! exclamou o negociante depois de examinar a nota um momento. São notas falsas procedentes da Bahia. Ha muito tempo o commercio está avisado, e o governo já têm expedido as mais terminantes ordens e tomado medidas energicas para descobrir os moedeiros falsos, e consta que as pesquisas feitas vão obtendo resultado.

— Bem! vou ver outra, interrompeo bruscamante Elias; e tirou da carteira uma nota de 50\$000 réis. E esta? tambem será falsa?

— Ainda mais falsa do que a outra se é possivel, exclamou o negociante, apenas olhou para a nota. Ah! meo caro senhor Elias, como é que foi deixar-se embaraçar por essa maneira?...

— Falsa! falsa!.. devéras?!... murmurava o moço com voz rouca e abafada.

— É o que lhe digo, meo amigo; ninguem aqui na Bagagem dará cinco réis por qual-quer dessas notas.

— Em que mundo undei eu pois, meo Deos! meo Deos! estou perdido! perdido para sempre!

É atirando-se sobre um tamborete, que estava perto do mostrador, apertava convulsivamente a cabeça entre as mãos.

— Perdido por tão pouca cousa? por uns 70\$000 réis! o caso não é para tanto, meo amigo.

— Prouvera ao céu fosse so isso!... soluçou Elias com voz apenas intelligivel.

— Como diz?... então não é so isso?...

Elias ja não ouvia mais; estava aniquillado debaixo da nova e horrivel catastrophe que acabava de fulminal-o.

Trahido em seo amor, vira na vespera derrocado em um monumento o formoso castello de suas esperanças, construido com tanto enlevo nos sonhos de dous annos de inquietações e trabalhos. Quando ia collocar 'a pedra do remate na cupula do edificio, ei-lo que de subito se desmorona até os fundamentos. Restava-lhe ainda a fortuna, consistente em

algumas dezenas de contos, que á força de vontade, intelligencia e actividade adquirira no Sincorá.

— De que me serve este dinheiro? dizia elle na vespera. Á força de muito querer e muito trabalhar eu o ganhei por amor de Lucia e para Lucia. Agora, que Lucia me abandona, eu o viria queimar-se com a mesma impassibilidade, com que vejo arder este cigarro.

Mal pensava o mancebo, que de feito no outro dia a uma só palavra toda aquella riqueza ia esvaecer-se como o fumo! mas ah! no momento da catastrophe, essa impassibilidade com que contava, tambem se esvaceo em presença da cruel realidade. Quasi todo o dinheiro que trazia do Sincorá, era falso; consistia em notas do mesmo padrão e valor daquellas que acabava de appresentar. Estava pobre como d'antes. O rochedo, que acabava de conduzir até o cimo da montanha em dous longos annos de fadigas e perseverantes esforços, acabava de rolar no fundo dos abysmos.

Era preciso ter n'alma uma triplice cou-raça de estoicismo para poder supportar impassivel aquelles dous rudes golpes, desfeixados

um após outro pela mão da fatalidade. Elias, posto que não fosse das almas as mais fracas, sentio-se humilhado, acabrunhado, e recalcado nesse antro da desesperação, para sahir do qual só ha uma porta, o suicidio.

Elias sentia viva necessidade de desabafar-se, de contar a algum seos infortunios; parecia-lhe que se não o fizesse, se lhe rebentaria o coração. Mas na Bagagem não tinha um só amigo de confiança a quem abrisse sua alma, a não ser o velho Simão. Esse Elias não sabia por onde andava, e ninguem lhe poderia dar noticias d'elle. Tinha pois de concentrar em si mesmo a tempestade, que ameaçava romper-lhe o coração.

Todavia não lhe era possivel dissimular a seo hospede o horrivel revéz porque acabava de passar, vendo em um instante reduzida a fumo a fortuna que á força de tanto trabalho e perseverança tinha sabido adquirir, no espaço de pouco mais de anno.

Depois de ter reunido por algum tempo o fel de seo infortunio, Elias chamou de parte o negociante, e contou-lhe como depois de ter tentado fortuna na Bagagem sem resultado algum, e vendo-se quasi redusido á miseria,

partiu para o Sincorá em companhia de um homem desconhecido, que o convidára. Chegando ali, esse homem com toda a franquesa e generosidade o protegeo e auxiliou, collocando-o á testa do trabalho de suas lavras, em cujos rendimentos lhe dava consideraveis interresses. Mas infelizmente esse homem, poucos mezes depois, morreo de febra intermittente, deixando a Elias quasi no mesmo estado em que sahira da Bagagem. Deo sepultura decente a aquelle bom e generoso protector, a cujas cinzas sempre será reconhecido, e chorou sobre sua sepultura lagrimas sinceras de dôr e de saudade. Com os pequenos recursos que adquirio durante aquelles poucos mezes, continuou a garimpar em umas dalas que lhe erão proprios. Mas essas lavras erão pobres, e mal lhe davão para se ir mantendo. Ja de nova a miseria o ameaçava de perto, quando um dia um moço de maneiras affaveis e de gentil e agradavel presença appareceu no serviço em que elle trabalhava. Era um rico negociante, que andava comprando diamantes na mão dos garimpeiros, e que os pagava a bom preço. Todos os dias continuou a apparecer no serviço, comprava os diamantes que ião apparecendo

sem reparar muito na qualidade nem no peso d'elle, e dava mostras manifestas de que queria protegê-lo e dar-lhe a mão. Por fim esse moço, estreitando cada vez mais suas relações com elle, e como reconhecesse nelle bastante intelligencia e fino tacto no conhecimento dos diamantes, o induzio a largar o garimpo e ser seu agente no negocios dos diamantes, dando-lhe avultados interesses. Graças a esse novo e opulento protector, que negociava em grande escala, e que todos os mezes enviava para a capital da Bahia partidas consideraveis de diamantes, Elias, que o servia com zelo e intelligencia, adquirio em pouco tempo um avultado peculio. Nesse tempo o preço do diamante teve grande alça nos mercados europêos, de modo que puderão realizar os mais vantajosos negocios, e Elias via o seu pequeno peculio duplicar-se, triplicar-se de mez a mez, e em breve pôde fazer avultadas transacções por sua propria conta. Emfim, em menos de um anno, achou-se possuidor de uma somma de 50 contos, o que, no sertão, ja se pode chamar uma fortuna. Mas o seu bom protector, que era ao mesmo tempo seu commissario officioso para a venda das pedras na

Bahia, era tambem o seo banqueiro e o depositario de seos valores. Tanta generosidade o confundia, o enchia de gratidão e não lhe permitia duvidar um só instante da boa fé e prohibidade de tal homem. Manifestando-lhe ultimamente o designio que formava de voltar ao seo paiz natal, notou, não sem estranheza, que nenhuma objecção lhe oppor, contentando-se apenas em manifestar o pesar que sentia pela falta que lhe ia fazer, diria elle, um tão bom e prestimoso amigo. A Elias pouco importava que elle approvasse ou não o seo designio; sua resolução era inabalavel. Mais não podendo deixar sem pesar o generoso protector a quem tudo devia, esperava encontrar tambem da sua parte alguma reluctancia em deixal-o partir, e alguma lucta de sentimentos. Agora infelismemente cahio o véo no mysterio, e comprehende o motivo infame daquelle procedimento. Todo aquella liberalidade e generosa protecção que lhe dispensava, era o luço execrando, que lhe estava armando. Tendo de retirar-se, o seo amigo e protector contou-lhe todo o dinheiro seo, que tinha em seo poder, perto de 50 contos, tudo em notas daquelle valor e padrão, que seo hospede acabava de

ver! E assim acabava elle de atravessar cheio de contentamento e de esperança duzentas legoas de sertão, cuidando trazer na algibeira a fortuna e a felicidade, quando não trasia mais do que um maço de papel sujo.

— Agora, concluiu tristimente o moço, veja la se é ou não para desesperar esta minha situação?

— É triste na verdade, mas não ainda para desesperar. O senhor é ainda muito moço e com a actividade e intelligencia de que dispõe, assim como em menos de dous annos adquirio esses quarenta ou cincoenta contos falsos, agora com mais conhecimento do mundo e o escarmento dessa dolorosa experiencia, pode tambem adquiril-os verdadeiros. O futuro é seo, meo amigo, e é vasto o campo das especulações.

— O futuro! oh! o futuro é só de Deos. Amanhã só Deos sabe o que será feito de mim?

Esta exclamação sussurrou apenas pelos labios do moço, que, por assim dizer, a soluçara dentro do coração.

Ah! de certo pouco lhe importaria a perda de milhares de contos, que fossem, se esses

contos não fossem o preço da felecidade de seo coração. Mas agora que essa felicidade lhe fugia para sempre, a perda desse dinheiro, que como um sonho se escoára de suas mãos, não era mais do que um pontapé com que o destino atirava de-denhosamente no abysmo a victima sangrada no coração.

Assim pois, seo amor, suas esperanças, sua riqueza, sua felicidade, tudo isso fôra uma illusão, uma quimera. Reaes só fôrão seos trabalhos e fadigas, suas angustias e inquietações; real era a perfidia de Lucia; real só era a sua pobreza, e a sua actual desesperação. A idéa do suicidio fixou-se no espirito do mancebo. Iria apunhalar-se aos olhos da perfida, deixando-lhe por legado a sua maldição.

A maldição de quem morre é terrivel, pensava elle, e paira eternamente sobre a cabeça do maldito.

X

A AFFRONTA

Esse dia, em que Elias se vira calcado pela pesada mão da fatalidade até o mais fundo da miseria e do infortunio, era sabbado de alleluia. É esse justamente o dia de mais festanças e folias nas povoações do interior. Á tardinha as guitarras e violões resoavão por toda a parte, as serenatas se ensaiavão, e uma alegre caleuma rumorejava por todos os cantos da nascente povoação.

Em casa do Major nesse dia tambem a reunião era mais numerosa e animada do que de ordinario, não só por ser o dia que era, como tambem por se darem alli como umas festas esponsaes, em que se ião de uma vez para sempre confirmar as solennes e reciprocas promessas do casamento de Lucia e Leonel, que tinha de ser celebrado no domingo se-

guinte, chamado de Pascoela. Nesse dia o Major dirigira convites expressos a grande parte das pessoas mais importantes do lugar. Ao toque de Ave-Maria já alli se achava reunida uma escolhida sociedade, e na pequena sala do Major reinava entre luzes e harmonias a maior animação e contentamento.

Contentamento! ? oh! sim; elle se espalhava na physionomia de todos, excepto na da infeliz Lucia, que forcejava em vão para dar a seo semblante visos senão de prazer, ao menos de socego e serenidade. No proposito de disfarçar aos olhos dos outros, principalmente aos de seo pae e de seo noivo, a angustia, que por dentro a pungia, vestira-se com todo o esmero, e até com certa garridice. Trazia vestido de alva e transparente garça, sobreposto a uma saia côr de rosa, segundo o costume encantador que estava em moda naquelle tempo. O cinto era uma larga fita azul, cujas compridas pontas brincavam sobre as roseas ondulações da saia que a envolvião. Ao vel-a assim trajada poderse-ia dizer com exactidão quasi litteral que era a aurora de um formoso dia surgindo

entre nuvens de azul e rosas. As mangas do vestido nimamente curtas deixavão-lhe ver quasi completamente nus os braços cheios, mas mimosamente torneados. Na cabeça trazia por unico enfeite uma rosa natural. Mas no meio de toda aquella faceira, mas singela casquilheira, ou fosse por um singular acaso, ou de proposito, via-se-lhe no peito uma saudade roxa; era o symbolo da seo coração.

Com o mesmo fim de disfarçar seos intimos pesares, Lucia procurava abafal-os no meio do turbilhão, conversando, dausando e brincando. Dobrado martyrio para aquella nobre alma!

Emquanto na casa do Major tudo era alegria e folguedo, luz o harmonia, sosinho e merencorio, com os cotovelos fincados sobre o parapeito da ponte que communica as duas partes da povoação, achava-se um vulto, que com a cabeça entre as mãos olhava fixamente para o ribeirão, que logo abaixo da ponte despenha-se em rugidoras catadupas. Nos cachões revoltos da torrente via a imagem das idéas que lhe turbilhonavão no cerebro, dos sentimentos tempestuosos que lhe empuchavão desencontrada e dolorosamente o coração. O

amor, a raiva, o ciúme, a vergonha, a sede de vingança, ora lhe trazia nos labios um sorriso infernal de desespero, ora exprimião-lhe dos olhos lagrimas de fel e de fogo. De quando em quando erguia a cabeça, olhava para o alto da encosta, onde se avistava a linda casinha do Major, diffundindo em borbotões, luzes e harmonias, risadas e festivas vozerias. Tornava a curvar-se sobre o para-peito, rangendo os dentes e arrancando os cabellos como um possesso; depois, com os olhos turvos namorava a torrente, que engrossada pelas chuvas dos dias precedentes roncava debaixo de seus pés. Num accesso de desespero ia precipitar-se; mas...

— Ainda não! murmurou com voz cavernosa. É preciso vel-a ainda uma vez; uma só e morrer. Quero ver tudo por meos proprios olhos; quero assistir ás exequias de minha folicidade, que lá se estão celebrando com tanta pompa e regosijo. Depois... me immolarei sobre ellas. Vamos! coragem! appresentemo-nos lá; pouca gente reparará na minha presença... ah! talvez nem ella!... que importa! vamos!

E sahio da ponte precipitadamente, enca-

minhou-se a casa, onde foi compor melhor o seo vestuario, e dirigio-se resolutamente no caminho da casa do Major.

Não estranhem os leitores a sem coriunonia cou que Elias, sem motivo algum plausivel, vae appresentar-se em casa do Major em uma noite de festim, sem a elle ter sido convidado. Nas povonções do sertão de Minas, antes que a malfadada politica de aldeia tivesse penetrado por ellas, degenerando e estragando a singeleza dos costume primitivos, as familias, pela cordial intimidade que entre ellas reinava, crão como grupos diversos de uma só familia. As portas das sallas de recepção nunca estavam feixadas. Nunca se soube o que é um criado, ou o cordão de uma campaiuha para annunciar uma visita, o muito menos um porteiro. Nos dias de regosijo e festa principalmente, as portas e janellas estavam francas para os passantes que quizessem ver ou tomar parte no regosijo, sem que ninguem lhes ombargasse o passo, por quo todos crão amigos e conhecidos intimos.

Os leitores podem fazer idéa das emoções que agitavão o espirito de Elias ao approximar-se daquella casa, e portanto me dispen-

sarão da difficil, senão impossivel, tarefa de descrevel-as.

No momento em que Elias chegou, um homem cantava, acompanhando-se ao violão. Elias estremeceo ao ouvir aquella voz; parecia-lhe já a ter ouvido em alguma parte. Demorou-se um pouco no corredor até que acabasse o canto. A porta, que do corredor dava entrada para a salla, estava aberta de par em par. Porta e corredor estavam atulhados de gente de toda a classe, que escutavão o cantor. Apenas este calou-se entre palmas e bravos, e o povo começou a mover-se e agitar-se, aproveitando-se do reboliço geral, Elias, para não ser notado, envolveo-se na turba e foi-se encaminhando para a salla. Ao chegar porem ao limiar da porta, estacou de subito, como se um relampago dando-lhe nos olhos lhe tivesse offuscado a vista. O que vira elle?..

No fundo da salla, bem defronte da porta, vio sentada Lucia com os olhos baixos e as feições um pouco abatidas, mas deslumbrante de belleza. O pudor e a commoção tinham-lhe accendido nas faces desbotadas pelo soffrimento uma ligeira côr, como a leve sombra

de rosa, que lhe ondeava na alva garça do vestido.

A seo lado e meio voltado para ella, envolvendo-a de olhares ardentes e apaixonados, estava o feliz trovador, sostenendo ainda nas mãos seo alaúde. Apenas Elias fitou-o por um momento, reconheceo no noivo de Lucia, quem?... o seo execravel protector da Bahia, o moedeiro falso, o roubador de sua fortuna! O ladrão de sua felicidade era o mesmo ladrão de sua bolsa! Depois de lhe furtar o dinheiro no Sincorá, correrá á Bagagem para roubar-lhe o coração de sua amante!... Sim era elle; elle mesmo, que ali estava rico á custa de sua miseria, feliz á custa de seo infortunio.

O primeiro impulso do coração do moço foi chegar-se a Leonel, arrancar-o pelo braço de junto da sua noiva, puchal-o para o meio da casa, e disendo-lhe: — ladrão, quero marcar-te na cara! — imprimir-lhe nas faces uma bofetada. Mas teve prudencia bastante ainda para soperar aquelle primeiro movimento. Desviou os olhos dos dous noivos e procurou pela salla o Major. Descobriu-o logo bem perto da porta sentado junto a uma mesa, e dirigio-se a elle.

— Major, dá licença ?...

— Póde chegar ; quem é ?...

— Não me conhece mais, senhor Major ?... disse o moço avizinhand-o-se.

— Ah ! o senhor Elias !... por aqui !... ha bem tempo que não o vejo, e nem tenho noticias suas. Então, por onde andou ? quando chegou ? conte-nos isso.

— Cheguei hontem, e não pude resistir ao desejo de vir vel-o e cumprimental-o, apesar de que a hora e a occasião não sejam proprias... peço-lhe desculpa...

— Obrigado. Fez muito bem ; esta casa está sempre aberta para os amigos, em toda e qualquer occasião.

— Muito lhe agradeço tanta bondade, e por estar certo della é que me attrevi a procural-o mesmo em tal occasião.

Elias fazia um esforço supremo para dominar e disfarçar a tempestade que lhe ia dentro d'alma. Por seo lado o Major tambem estava longo de sentir no coração o prazer que procurava apparentar, como apparecimento de Elias naquella occasião. Bem conhecia a mutua affeição que, á longo tempo, existia entre sua filha e o jovem uberabense, e que

era ella a causa da tristeza e do abatimento em que Lucia a tanto tempo vivia, e da repugnancia que sempre mostrára em aceitar um marido. Agora, porém, que essa repugnancia estava vencida, segundo elle pensava, e que o tempo e um novo affecto não produzindo o desejado effeito, o apparecimento inesperado daquelle rapaz não podia produzir em seo espirito agradável impressão, e não deixava de receiar que a sua presença pudesse perturbar o complemento de seus projectos. Este receio subio de ponto ao notar os olhares desvairados e o accento estranho da voz do mancebo, que debalde procurava dar a todo o seo ser um ar da mais fria indiferença.

— Nesta occasião principalmente, meo amigo, proseguio o Major continuando a conversa, sinto especial prazer em ter mais uma testemunha, e da qualidade do senhor, da felicidade de minha filha, pois tenho a satisfação de participar-lhe que muito brevemente vai-se casar com o senhor Leonel, aquelle bello e distincto cavalheiro que lá se acha junto della.

— Já disso tive noticia, e dou-lhe os meos sinceros parabens.

— É um excellente moço. Não ha quem o veja, que desde da primeira vista não fique gostando delle. Quero ter a honra de desde já o apresentar a elle.

O simples do Major pensava que com esta formal declaração dava logo *in limine* golpe de morte a toda e qualquer esperanza que ainda por ventura Elias alimentasse a respeito de sua filha. Não tinha idéa da vehemencia das paixões energicas e profundas que, em vez de cederem, mais se inflammão diante dos obstaculos que se lhes oppoem.

— Com muito gosto! vamos, senhor Major. Tambem desejo felicitar a noiva, disse Elias com um tom de amarga ironia que não escapou ao Major.

Este travou-lhe do braço, e o foi conduzindo para junto dos noivos.

— Senhor Leonel, disse elle ao chegar de frente dos noivos, tenho a satisfação de lhe apresentar este meo patricio e amigo, que acaba de chegar de fóra, o senhor Elias.

Leonel estremeceu, e olhou rapidamente para Elias. Depois reportando-se, fez um leve aceno com a cabeça, e o cumprimentou friamente.

Esta recepção fez ferver o sangue a Elias,

que resolvido a desmascarar aquelle embusteiro, dirigio-lhe resolutamente a palavra:

— Oh! senhor Leonel!... já me não conhece?... tenho infinito prazer em tornal-o a ver.

— Pois que! exclamou o Major, então já se conhecia?...

Leonel levantou-se palido, e com visível perturbação largou, ou antes deixou cahir sobre a cadeira o violão que tinha nas mãos, e bastantemente enfiado balbuciou:

— O senhor é... quem?... não me lembro de todo.

— Pois de véras não se lembra de mim, continuou Elias em voz bem alta; veja lá... olhe bem para minha cara.

— Não; de todo me não lembro; tenho má memoria, e lido com tanta gente, replicou Leonel recobrando aos poucos sua seguridade habitual.

— Pois não se lembra de Elias, o seo amigo, o seo protegido do Sincorá?

— Elias!... resmungou o bahiano como que forcejando por lembrar-se, não sei... talvez com um esforço de memoria... no Sincorá!... conheci e protegi lá tanta gente.

Aquella fatuidade e arrogancia, aquelle desdenhoso esquecimento, fosse real ou fingido, fez perder de tolo a paciencia a Elias, que bradou com toda força de seus pulmões:

— Diga antes senhor Leonel, enganei e roubei lá tanta gente!...

— Insolente! gritou Leonel; senhor Major, este homem ou é um doudo, ou está bebado; se o não fizor desapparecer immediatamente daqui, retiro-me de sua casa para nunca mais voltar...

— Cala-te, ladrão, bradou Elias; e agarrando com mão de ferro o braço de Leonel, antes que ninguem podesse estorval-o, em dous arrancos o arrastou para o meio da sala exclamando: És um ladrão, o hei de marcar-te na cara!...

Immediatamente se ouviu o estalo de uma bofetada nas faces do bahiano. Um punhal reluzio na mão deste; mas ja ambos estavam cercados e separados por uma turba immensa.

— Que desaforo, senhor Major! exclamava um; isto não se tolera! como admitte em sua casa um doudo destes!

— Prendão! prendão esse biltra, bradava

outro. Se não é algum malvado, é algum doudo, ou algum bebado.

— Este rapaz n'outro tempo mostrava ter juizo, dizia um terceiro, que conhecia Elias. Não sei como agora se lhe virou o miolo por esta maneira!... mande afferrolhal-o immediatamente; é um homem perigoso.

O Mujor dava aos diabos o momento em que se lembrára de apresentar á Leonel aquelle endiabrado rapaz, e entendendo que o despeito e o ciuume lhe tinha transtornado o juizo, tractou de dar providencias para segural-o bem.

Elias rodeado e agarrado por uma multidão de esbirros officiosos, que lhe dirigião improperios e baldões, foi dalli arrastado para a casa da prisão, em quanto Leonel, cercado por seos amigos, brandia em vão o punhal, vomitando ameaças, e basorando vinganças.

Lucia tremula e attonita assistira á aquella escandalosa scena sem della nada comprehender. Retirou-se como que assombrada para seo quarto; mas, naquelle incidente, em que todos vião um deploravel e horrivel descasto, ella entrevia como que um lampejo de espe-

rança. Ella, e só ella acreditára nas palavras de Elias, e o julgava cheio de razão.

Leonel retirou-se para sua casa, respirando vinganças, mas atterrado dentro d'alma com o apparecimento fatal daquelle moço.

Ella tinh
em sua vi
quando disse
Ella interru
não ti
nemto nad
Ella antes
que com gr
e não por
Durante e
ações e o
nemto qua
não intrada
composto a
na para de
circundanc
nem, ainda

XI

DE MAL A PROR

Elias tinha gasto cerca de quatro mezes em sua viagem do Sincorá a Bagagom. Quando disse a seo hospede que apanhára febres intermitentes na margem do S. Francisco, não tinha mentido, se bem que naquella occasião nada sentisse que dellas procedesse. Essas sezões que apanhou em caminho, forão que, com grande desespero seo, demorarão-lhe a volta por mais de dous mezes.

Durante esse penivel trajecto, foi que o publico e o governo brasileiro derão fé da grande quantidade de notas falsas que tinham sido introduzidas na circulação, e que se começaram a dar as mais energicas providencias para descobrir e capturar os fabricantes e introductores da moeda falsa. Esta noticia, porem, ainda não tinha penetrado pelos ser-

tões que Elias tinha de atravessar do Sincorá a Bagagem; por isso só ao chegar a esta povoação, pôde ter conhecimento da abominavel fraudz de qua fora victima.

Leonel era um dos agentes mais audazes e activos dessa sociedade de moedeiros falsos, cujo centro existia na Bahia, e que se ramificava pelo imperio inteiro.

Por ahí já se pode avaliar de que tempera era a consciencia daquelle homem, e de que perversidades não seria capaz. Tinha porem o dom de occultar sua perversidade debaixo das mais brilhantes e seductoras exterioridades, e a todos illudia e fascinava.

Depois de ter passado centenaes de contos de notas falsas no Sincorá e em outros pontos de sua provincia, assentou de percorrer outros pontos do imperio, proseguindo em suas criminosas especulações. Girando assim constantemente, mais facilmente poderia escapar ás investigações da policia, e no caso que ella lhe quizesse deitar a garra, por-se-ia a salvo atravessando o Atlantico. Na Bagagem, porém, o atrevido cavalheiro de industria achou nos olhos do Lucia um engodo irresistivel, que o deteve nessa localidade por

mais tempo do que desejava. Logo que a viu, tomou-se de uma paixão cega pela moça, não inspirada por um casto e sincero amor, mas filha desse desejo material e libidinoso das almas libertinas, e jurou possuil-a custasse o que custasse. Para logo conheceu a impossibilidade de seduzir e lançar no caminho da deshonra aquella alma tão nobre e altiva, aquelle coração tão casto. Mas o casamento, para Leonel, era um meio tão simples como outro qualquer de trazer-lhe aos braços a mulher que cubicasse. Abandonal-a depois, onde e quando quizesse, era para elle tambem negocio de bem pouca ponderação. Entregue a descuidosa cegueira que resulta da prosperidade e da opulencia, nem pensava na possibilidade de encontrar naquellas paragens alguma das victimas de suas fraudes, e quasi que já nem se lembrava de Elias, e ou ignorava ou já não se recordava de que paiz era elle. Estava além disso persuadido que nos sertões as leis e a justiça são impotentes contra quem quer que tenha na carteira algumas centenas de contos de réis.

O escandaloso incidente, que tinha tido

lugar em casa do Major, fizera viva impressão no espirito da população, que em pezo estigmatizava o acto violento de Elias. O Major cheio de indignação e de susto ao mesmo tempo era o mais empenhado em exigir a punição de tal attentado, a despeito da opposição de Leonel, que clamava em altas vozes que dispensava a vindicta das leis, e que alli ou em qualquer parte saberia disfarçar-se cabal e categoricamente.

Elias, que na Bagagem poucas relações tinha, passou aos olhos de todos por um louco, um desmiolado. O horrivel logro das notas falsas, de que fora victima no Sincorá, já tinha sido divulgado, mas não assim o publico quiz se convencer que Leonel pudesse ter a minima parte naquella acontecimento, tal era a satunica habilidade deste para embair a todos e captar a geral estima e confiança. Esse facto, longe de excusar a Elias, servio para explicar e confirmar a convicção em que muitos estavam, de que o rapaz endoudecera.

Ainda outra circumstancia, contribuiu para dar mais vulto a essa convicção. O Major tivera a ingenuidade de revelar em presença de muitas pessoas a paixão de Elias por sua filha.

— Bem conheço o motivo de tudo isto, disse elle, este pobre rapaz á muito tempo gostava de Lucia, e parece que tinha a louca pretensão de casar-se com ella. A paixão e o despeito transtornavão-lhe a cabeça, coitado! tenho pena dello; mas não devo tolerar que fique impune semelhante desacato...

Assim o infeliz Elias, para cumulo de males, era objecto da compaixão desdenhosa de uns, dos motejos de outros, e do odio de alguns. Somente o negociante, em cuja casa se hospedara, e a quem tinha contado sua triste aventura, tinha motivos para não acompanhar a opinião do vulgo; mas homem de espirito flegmatico, não querendo ir de encontro ao parecer de ninguém, guardava para si a sua convicção, esperando que o tempo viesse deslindar aquelle negocio, o que julgava que não poderia tardar muito.

— Tantos contratempos virarão-lhe a bóla, dizia um.

— Era um rapaz pacifico e prudente, ajuntava outro, não sei que diabo entrou-lhe na cabeça para fazer aquella estralada!

— Coitado!... observava outro, de um

dia para outro vio-se roubado em tudo que possuia, e a traçoando em seo amor... o caso é me-mo para enlouquecer.

Assim, enquanto Leonel campava insolente e orgulhoso, protegido pela estima e sympathya geral, Elias jazia em uma prisão, como um pobre maluco, que apenas merece um pouco de compaixão.

Do seio de sua prisão Elias formulou uma denuncia contra Leonel. Mas Elias era um maniaco; as autoridades desprezarão a denuncia, embora estivesse concebida em termos os mais sensatos e procedentes.

Leonel para remover toda e qualquer suspeita que alguém pudesse nutrir a seo respeito, quiz que se desse rigorosa busca em tudo, quanto era seo, em todos os valores, que trazia consigo, e nada se encontrou que o podesse comprometter.

Todavia, como bem se pode julgar, Leonel estava longe de viver tranquillo depois daquelle desacato, e esperava com a maior impaciencia e inquietação o domingo seguinte para effectuar o seo casamento, e depois, — com a noiva ou sem ella — evaporar-se. Teria desaparecido *in continenti*, se esse passo não

esse desparte
da suspeita
na confissão
tudo em
e ia tornando
mas como
da contra
esta disco
fare do e
as Biga
esta a sua
o partido
na repu
e honra
a cabo
sobre. Um
reco lar se
ta que rec
te que esta
e se retir
casamento,
de pôr
um melhor
du de
o crime
tudo poder

viesses despertar contra elle as mais bem fundadas suspeitas, não fosse um terrivel indicio, uma confissão tacita de seo crime. Via-se enleado em um labyrintho, cuja sahida se lhe ia tornando extremamente difficil.

Mas como Elias nenhuma outra prova tinha contra elle mais do que a sua palavra, e alem diso estava por poucos dias a ver-se livre do compromisso que ainda o detinha na Bagagem, ainda não julgava tão critica a sua situação que devesse tomar logo o partido extremo da fuga. Para manter-se na reputação que soubera conquistar, de leal e honrado cavalheiro, forçoso lhe era levar a cabo o odioso drama em qua se envolvera. Uma vez casado, ou a pretexto de ir arrecadar seos bens, ou em virtude de uma carta que recebesse de seo pai ou de sua mãe, que estava á morte, chamando o junto a si, se retiraria poucos dias depois muito honestamente, e sem despertar suspeitas teria tempo de pôr-se a salvo.

Para melhor disfarçar sua perfidia e mais arrhas dar de generosidade e cavalheirismo, como o crime de Elias era particular, e por elle não poleria ser accusado sem haver parte

queixosa, Leonel desistio da accusação judiciaria, mas protestando sempre que apenas o visse solto, ou havia de morrer ás suas mãos, ou havia de lavar em seo sangue a affronta de que fôra victima.

Mas seus amigos tiveram o cuidado de dissuadil-o, fazendo-lhe ver que nenhum desdouro soffria em sua honra em consequencia do desatino de um louco rematado; que elle seria tão louco como o seo offensor se fosse arriscar a sua existencia nas garras de uma fêra intractavel, por motivos de pundonor; que ninguem se vingava do couce de um burro, ou da cornada de um touro bravo.

Leonel, que não primava pela coragem, e que sabia quanto o seo adversario era vigoroso e dextro no manejo de toda a especie de armas, mostrou ceder com difficuldade a estes conselhos, reservando-se todavia interiormente o direito de tomar alguma cobarde e traiçoeira vingança, se por ventura tivesse occasião

A riqueza, principalmente quando é acompanhada de um verniz de cortezia, generosidade e cavalheirismo, é sempre cortejada e adulada.

...avel tinha
...res, que
...grado,
...manada de
...a prisão
...por qu
...passou
...spalido é
...d'alma
...raira e
...and, e dand
...transporte
...ndo a cret
...chido em a
...reis contra
...naquelles
...e combacia
...deixavão
...esto avent
...e m lastim
...ca reflecte
...fior, na
...as garr
...nham, se
...povora e
...tura bem

Leonel tinha pois uma numerosa roda de aduladores, que só para não incorrerem em seo desagrado, deixarão de cumprir um dever de humanidade para com o pobre moço, que jazia na prisão sosinho, abandonado, sem ser visitado por quasi ninguem.

Elias passou essas amargas horas, umas vezes sepultado em profundo abatimento, n'uma lethargia d'alma e do corpo, outras em accesos de raiva e exasperação, esbravejando, vociferando, e dando com a cabeça pelas paredes. Estes transportes de furor ainda mais confirmarão a crença em que estavam, de ter elle cahido em alienação mental em razão dos horribes contratempos que o tinham fulminado naquelles ultimos dias. O infeliz bem via e conhecia os motivos do abandono em que o deixavão seos conterraneos por amor de um astuto aventureiro que os soubera engodar, e os lastimava do fundo d'alma; mas não podia reflectir, sem estremecer e encher-se de furor, na sorte que esperava a pobre Lucia, nas garras daquelle bandido sem fé, sem costumes, sem consciencia; e o que mais o desesperava ainda, era o pensar que ella alli estava bem perto, ella! que era a causa

de todos os seus soffrimentos, ouvindo talvez tranquilla os seus bramidos de dôr, e reputando-o, como os demais, um louco digno apenas de commiseração.

Estas e infindas outras considerações dolorosas davão-lhe febre e delirio; sentia arder-lhe o craneo, e o coração tumido de angustias como que lhe não cabia no peito. A idéa do suicidio, que dous dias antes se lhe apresentara como o unico meio de livrar-se daquella situação infernal, já não lhe sorria. O desejo de ver-se vingado o prendia á vida, e essa vingança elle a entrevia pendente sobre a cabeça dos culpados ameaçadora e terrivel. Era esta esperança que o alentava, e o fazia supportar com alguma resignação as inclemencias da sorte, e as injustiças dos homens.

XII

MOEDEIRO FALSO

Lucia, abalada violentamente em todo o seu organismo pelo inesperado apparecimento de Elias e pela triste scena a que dera lugar na noite de sabbado, cahio em uma prostração febril e profunda, que nos primeiros dias chegou a causar serios cuidados a respeito de sua existencia. Aquella alma forte, aquella feliz e vigorosa organisação emfim succumbio á lucta atroz que a tanto tempo trazia travada com os sentimentos do coração. As vezes delirava, e então o nome de Elias lhe vagava sempre pelos labios no meio do tropél de suas ideas confusas e incoherentes. So então seu pai reconheceo que o amor de sua filha não era uma simples velleidade de criança, um capricho da imaginação, mas uma de-sas paixões vehementes e profundas, que com os obstaculos

mais se exaltão, e que nunca mais se desalojão do coração onde uma vez entrarão. Mas era tarde; o mal já estava feito, e era irremediavel.

Leonel, como era seo dever, foi visitar sua futura esposa com viva mostras da maior angustia e consternação, mas dizendo dentre de si:— Oh! se ella succumbio já, que redempção para mim! Como noivo foi sem escrupulo introduzido no quarto da enferma em occasião em que esta parecia estar mais tranquilla. Lucia em um estado de marasmo mal se porcebeo da visita que lhe era apresentada, e respondeo á sua saudação e a suas perguntas com tal indifferença, que bem mostrava não saber ella com quem estava fallando. Por fim Leonel, para despertar sua attenção, tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e debruçando-se sobre o rosto da enferma que se achava reclinada sobre o travesseiro, dirigio-lhe em tom affectuoso estas palavras:

— D. Lucia, olhe-mo; não me conhece?... sou eu; é o Leonel... é o seo esposo...

— Meo esposo! meo esposo!... quem é? ah! é Elias?

E levantando um pouco o rosto e abrindo os olhos, que até alli conservava quasi fechados no torpor da febre, fitou-os em Leonel...

— Ah! gritou ella espavorida, e recuando para o canto da cama.

Não! não é Elias! não é meo esposo!
é o ladrão!... la está a marca na
fuja, senhor! fuja daqui!..

Leonel palido e horrorisado levantou-se bruscamente, e sahio do quarto sem dizer palavra.

Para qualquer outro homem, que amasso verdadeiramente, aquella revelação do delirio, — como o sonho da esposa do conde d'Este, — teria sido um raio fulminador. Mas naquella occasião Leonel, dissipado o primeiro assombro e terror que lhe causarão as palavras delirantes de Lucia, vio nellas uma aurora de esperança, um signal de redempção. Depois do desacato que soffrera em casa do Major, tinhu-se mil vezes arrependido do compromisso que tomara pedindo em casamento sua filha, compromisso que agora o envolvia nas mais serias difficuldades; e posto que fosse grande o desejo de possuil-

a uma noite se quer, contudo maior era a necessidade que tinha de por-se a salvo, evitando algum futuro incidente que o viesse perder completamente, e não sabia que meios excogitasse para conseguir esse fim sem compromettimento seo. Quando pediu a mão de Lucia, não lhe occorrera que corria então a quaresma, e que forçoso lhe seria espaçar por tanto tempo o seo casamento. Se de tal se lembrasse, talvez não se arriscasse a tanto. O apparecimento de Elias e a scena da noite de sabbado chamavão as atenções sobre elle. As folhas da côrte começavão a fallar muito no apparecimento de notas falsas, e nos esforços e diligencias que o governo empregava por todo o imperio para descobrir e prender os moedeiros falsos. Estava-se na terça feira, e até domingo proximo Deus sabe o que poderia acontecer. Portanto, por mais lisonjeiro que fosse o conceito de que ainda gosava na Bagagem, por confiança que nelle depositassem, a posição do jovem bahiano era das mais criticas e arriscadas.

Já pelas ruas lhe tinhão constado os antigos amores de Lucia e Elias, e posto que

esse rumor vago não fosse ainda um motivo bastante solido para determinar um rompimento, todavia Leonel estava disposto a prevalecer-se delle, e agarrar-se a essa unica taboa de salvação que a sorte lhe deparara.

Póde-se pois calcular com que intima e viva satisfação sahio elle da casa do Major, posto que levasse no rosto a mascara da tristeza, depois que a revelação de Lucia, posto que resultado do delirio, veio romper de um só golpe todas as malhas da rede terrivel em que tão imprudentemente se tinha enleado.

A visita de Leonel foi feita pela manhã; o pai de Lucia não estava em casa. Nessa mesma tarde Leonel voltaria para retirar sua palavra, desfazer o contracto, e despedir-se, e nessa mesma noite desappareceria da Bagagem; tal foi o projecto, que immediatamente formulou em seo espirito.

Elias, ao sahir da prisão, tractou immediatamente de abandonar aquella terra, onde tinha visto quebrarem-se um por um todos os élos da cadeia dourada de seus sonhos, terra de maldição, como dizia elle, coito de phariseos vis e desalmados, que só rendem cultos ao

ouro e ao diamante, e que seriam capazes de entregar até o proprio Christo, se entre elles apparecesse, á sanha de seus algozes, por um punhado de ouro. Despedio os camaradas que ainda lhe restavam, vendeo animaes e bagagens que lhe eram desnecessarios, e, sem nada dizer, nem despedir-se de ninguem, montou a cavallo sózinho e subio pelo caminho que vae para o Patrocinio. Essa estrada passava pela frente da casa de Lucia a algumas braças de distancia. Ao avistal-a Elias sentio um horrivel aperto de coração. Mas um irresistivel attractivo como que o detinha alli; retardou o passo do animal, e perscrutou com as vistas todos os lados da casa a ver se avistava Lucia, ou alguém da casa; não vio ninguem. Applicou o ouvido a escuta de alguma voz, de algum rumor, que dalli partisse; mas reinava na casa o maior silencio e quietação, como se nella ninguem morasse. Ainda mais se lhe annueou o coração de melancolia.

— Adeos, Lucia! adeos! murmurou o moço lançando um triste e derradeiro olhar sobre a casa do Major. Perdoa o estouvamento que commetti; não serei eu mais que irei

perturbar teu socego e tua felicidade. Mas ah! queira Deos que em breve não experimentes o rigor do castigo do céo! Adcos!

E esmoreando o cavallo desapareceo na matta pelas voltas do caminho.

Na tarde desse mesmo dia Leonel, montado em um lindo ginete, subia o caminho da encosta que conduzia a casa de Lucia. Ia desfazer o contracto de casamento, e despedir-se, e ia altivo e resolutivo, por que de feito o motivo que tinha para assim proceder, era o mais legitimo e nobre; mas tal motivo não bastaria para demover de seus perversos designios aquella alma obcecada e habituada ao crime, se não fôra o risco que corria sua pessoa demorando-se por mais tempo na Bagagem. Sua intenção era desaparecer nessa mesma noite, para o que já déra as necessarias providencias.

Para arredar de si qualquer suspeita, deixaria uma carta para ser apresentada a todos os seus amigos, na qual lhes faria ver que retirava-se porque não lhe era possivel, nem lhe ficava airoso por modo nenhum demorar-se, nem mais um instante, em uma terra onde acabava de ser victima do mais escan-

daloso desacato e do mais profundo dissabor porque pôde passar o coração do homem. Levava cõmtudo a mais grata lembrança daquelle paiz e de seus habitantes, o protestava seu reconhecimento a todos que o honrarão com sua amizade.

Exultando com o acontecimento que lhe dava tão plausivel motivo de pôr-se a salvo sem despertar suspeitas, o jovem bahiano chegou á porta da casa do Major.

No momento de apear-se achava-se bem juncto a porta um homem de grotesca figura, pobre e andrajosamente vestido, mas calçado e com uma gravata esfarrapada ao pescoço, e da apparencia a mais benigna e submissa que se pode imaginar. Este homem, depois de tirar respeitosa e amarrotado chapéo de pello, fazer uma profunda reverencia e pegar no estribo para apear-se, desdobrou e apresentou a Leonel um papel sem lh'o entregar.

— Ah!.. ja sei! exclamou com impaciencia o mancebo sem nem ao menos olhar o papel. É alguma subscrição... é um chuveiro dellas todos os dias. Em outra occasião, meo amigo... appareça em minha casa.

— Perdoe-me V. S.; não é isso de que se trata; tenha a bondade de ler o papel.

Leonel tomou o papel, passou por elle um ligeiro lance de vista, empallideceo, e n'um instante desarmou-se lhe todo aquello ar de segurança e imponencia que o revestia. Depois com ar espontadiço olhou para todos os lados como quem queria correr. O homem lançou-lhe a mão ao punho, e disse-lhe com solemnidade:

— V. S. está preso á ordem do senhor delegado do policia.

— Infamia!... eu!... eu mesmo!? é impossivel; ha engano da sua parte, meo caro.

Dizendo isto Leonel ia entrar para a casa do Major. O homem o deteve.

— Perdão; V. S. ha de acompanhar-me.

— Vou só dar um recado, e volto neste instante.

— Não, senhor: tenho ordens apertadas.

O moço mordeu os beiços de raiva.

— Pois bem! disse, vamos lá! onde quer me levar?

E ia montar a cavallo.

— Perdão, meo senhor; tenha paciencia: V. S. ha de ir a pé. Eu vou puchando seo cavallo.

— Biltre! bradou o moço encolerizado e le-

vantando o chicote, o cavallo é meo; tenho de ir a casa, e não quero ir a pé.

E já ia pondo o pé no estribo. O meixinho apitou, e subito dous soldados, surgindo de por traz de uma cerca visinha, acudirão promptamente, e collocárão-se aos lados de Leonel. Este abaixou os olhos tremulo e convulso de raiva e de vergonha, e disse aos guardas em tom rapido:

— Vamos!.. vamos depressa! quero saber que maroteira é esta.

O que elle queria porem era evitar a vergonha e humilhação de ser visto naquellas circumstancias pelo Major e Lucia. Lucia estava doente em seo quarto; mas o Major e algumas outras pessoas de casa já tinham acudido á janella.

— O que isto, senhor Leonel!? o que é que estou vendo! exclamou o Major. Camaradas, que quer diser isto? aqui ha de certo algum engano. Que fez este homem?

— Elle melhor o sabe do que nós, senhor Major, diz um dos soldados; pergunte a elle.

— Não se inquiete, Major, diz Leonel. Estou preso, é verdade; mas ha sem duvida aqui algum equivoco. Eu vou ja deslindar tudo isto, e breve estou de volta.

E foi sahindo a passos rapidos no meio dos dous guardas, e acompanhado pelo meirinho

Nesse momento vinha descendo pela estrada que passava pela frente da casa a uns cem passos de distancia, um cavalleiro todo embuçado em seo ponche e com o rosto quasi inteiramente encoberto por seo largo chapéo desabado. Ao presenciar aquella scena, parou, deixando que primeiro pasassem a escolta e o preso. Quando ião passando por diante d'elle, ergueo o chapéo e descobrindo o rosto, clamou com um assento de vós satânico:

— Ainda bem, que a vingança do céo voio mais cedo do que eu esperava!

A esta voz Leonel, que marchava rapidamente e com os olhos cravado no chão, levantou sobresaltado a cabeça, estremeceo, cambaleou, e teria cahido, se não se tivesse escorado no braço de um dos guardas. Tinha reconhecido Elias.

Elias, que na mauha daquelle mesmo dia tinha partido com o firme proposito de nunca mais voltar a Bugagem, ao sahir da matta e avistar as vastas e formosas campinas que se estendião diante de seos olhos, sentio cobrir-lhe o coração uma nuvem da mais som-

bria tristeza, e a custo se arrancava daquelles sitios, onde deixava para sempre sepultadas suas esperanças e sua felicidade. As redeas banbaleavão frouxas ao pescoço do animal, que marchava como lhe aprazia, em quanto o cavalleiro se esquecia no abysmo de seus melancolicos pensamentos. A cada espigão que transpunha, a cada bunital que vio a traz de si pelos immensos chapadões, sentia-se lhe desfallecer a alma, e fraquear a resolução. Seo immenso amor, talvez tambem uma restea de luz de esperança, que ainda lhe bruxuleava no fundo d'alma, ou mesma algum occulto pressentimento o arrastavão para junto de Lucia. Enfim, tanto reflectio, calculou, devaneou, que depois de ter cisnado muito e andado bem pouco, — estaria apenas a tres legoas de distancia, quando já o sol descambava, — troceo bruscamente as redeas ao cavallo, e voltou a galope.

— Vamos! exclamou; quero ir ver com meos proprios olhos a consummação de minha desgraça. Sim! quero ver, assistir a tudo; e seja para ella a minha presença como imagem viva do remorso, e como prelude da vingança que não tardará a cahir do céu.

Quiz o acuso que Elias chegasse exactamente a ponto de assistir ao acto da prisão de Leonel. Depois dessa scena a que já assistimos, Elias enterrou outra vez o chapéo sobre os olhos, esporeou o cavallo e seguiu seu destino, murmurando consigo.

— Ah! Lucia! Lucia! tu me trahiste, mas nem assim meo coração pode adiar-te, e agora sinto-me feliz mais por tu ver livre das garras daquelle malvado, do que por me ver tão cabal e solomnemente vingado!

XIII

OS VIZINHOS

Depois da triste occurrencia da noite de sabbado, Lucia bem quizera mandar a Elias um bilhete, um simples recado mesmo, não para reatar relações culpaveis com seo antigo amante; seo honesto coração repellia semelhante idéa, mas para explicar seo procedimento, pedir-lhe perdão, e dizer-lhe um derradeiro e eterno adeos. Mas como? sempre rodeada de pessoas que a cercavão de cuidados as vezes importunos, não lhe era possível satisfazer esse desejo. Seo pai mesmo, receando que de novo se reavivasse um sentimento que ja suppunha quasi extincto, posto que tivesse toda a confiança na honestidade de sua filha, comtudo, á vista do estado de exaltação em que cahira sua imaginação enferma, julgou necessario observá-la com todo o cuidado e vigilancia.

Esta continua obsessão ainda mais lhe irritava o espirito, e augmentava os martyrios do coração. Ser odiada, desprezada talvez por Elias sem deparar um meio de justificar-se para com elle e pedir-lhe perdão, era a mais pungente das torturas que a atormentavam. Queria só poder lhe dizer: — Elias, tens razão de me odiar, de me amaldiçoar mesmo; mas acredita-me, eu não sou culpada; um dia saberás tudo, e estou certa que me perdoarás. Eu te amo ainda, e te amarei sempre; mas o céo não quer que sejamos um do outro. Curvo-me á impiedade de meo destino, esperando que a morte em breve virá pôr termo a meos martyrios. Adeos!... Serião estas as ultimas palavras, que lhe dirigiria, e depois se devotaria inteira ao sacrificio que lhe era imposto. Mas nem isso, nem esse extremo consolo lhe era dado, e ainda mais penivel se tornava sua situação, quando se lembrava que naquella fatal noute Elias apenas lhe rolaceáva um olhar sinistro e exprobrador.

No dia em que fora prezo Leonel, Lucia inculcando-se restabelecida, levantou-se da cama, em que a dous dias jazia; mas acha-

va-se ainda muito alquebrada para poder sahir do quarto.

Logo depois da scena da prisão o Major dirigio-se ao quarto de sua filha.

— Minha filha, disse elle, reveste-te de paciencia e de coragem; tenho mais um triste contratempo a annunciar-te.

— Qual é, meo pai?... falle! falle!...

— Não te afflijas, querida Lucia. O golpe é bem sensivel, mas creio que mais para mim, do que para ti. O negocio ha de ser sabido immediatamente, e antes que outro te conte, quero que o saibas de minha propria bocca.

— Então o que é, meo pae?... pode fallar sem susto. Eu já estou acostumada a ouvir más novas.

— Acabo de assistir á uma scena bem triste. Leonel, o teu noivo, acaba de ser preso aqui á porta de nossa casa?...

— Sim, meo pai?... exclamou Lucia, levantando-se com um brilho estranho nos olhos, que o pai tomou por: um novo accesso de delirio, e que não era mais do que o lampejo de uma allegria que quasi se parecia com a loucura.

— Sim? continuou ella. O Sr. Leonel preso? e por que, meo pai?

— Não sei ninda; mas sem duvida pelo crime de moeda falsa, de que o accusava o pobre Elias... E ninguem o accreditava!... meo Deos!... como são as cousas deste mundo!...

— E que sina a minha, meo pai! ah! não ha nada certo nem seguro neste mundo!

— Tranquillisa-te, minha filha; e dá graças ao céo que nos veio livrar talvez das garras de um embusteiro, de um monstro. Foi para nós uma felicidade.

— Foi mesmo, meo pai; foi uma felicidade muito grande. Aquelle homem, não sei por que, fazia-me medo. Uma antipathia invencivel me arredava delle... Ah!... foi como se me tirassem um peso de cima do coração!

— E como te resignava; a casar-te com elle?...

— Era um sacrificio, meo pai.

— Sacrificio!

— Sim, meo pai, um sacrificio, mas um sacrificio necessario para sua felicidade e de minha irmã; um sacrificio imposto pelo dever. Já não se lembra de assim me: o ter declarado?

— Lembro-me, Lucia; mas se soubesse que tinhas tanta repugnancia...

— Muita! muita repugnancia!

— Se eu o soubesse, antes quereria soffrer toda a sorte de miserias, do que tornar para sempre desgraçada a minha filha...

— É verdade! eu seria muito, muito desgraçada.

— E porque te não abrias commigo com toda a franqueza?

— A vista do que meo pai fallou-me, era meo dever calar-me e submetter-me.

— O' boa e querida filha... e como teo coração adivinhava! e eu, cego e cruel pai que eu era!... te ia arrastando sem piedade para tão duro sacrificio!... perdoa-me, minha Lucia. Louco e desventurado pai, que sou!...

— Meo pai, esqueçamo-nos de tudo isso; agora só devemos nos alegrar e dar graças ao céo que tão a tempo nos veio livrar das mãos daquello homem que só queria a nossa perdição.

— Tens razão, minha filha; deinos graças ao céo. Adeos; vae descansar. Ainda não estás boa, o tem necessidade de repouso. Adeos.

Apenas o Major sahio, Lucia foi lançar-se de joelhos nos pés de um crucifixo, que tinha pendurado á cabeceira do catre, e com todo o fervor de seo coração murmurou esta oração de graças :

« O' meo bo.n pai do céo, eu vos rendo infinitas graças pelo immenso beneficio que acabais de fazer-me, livrando-m: das ciladas de um malfeitor, que me queria arrojjar no abysmo da perdição e da desgraça. Eu bem sei que não merecia tão assignalado favor, mas vós sois bom, e tivestes piedade de mim. Mas lembrae-vos tambem do infeliz Elias! Ah! pobre Elias!... tem direito de me querer mal... só me falta o seo perdão. Ah! Elias!... quando souberes de tudo, tu me perdoas... »

Mal ia Lucia acabando aquella prece, que do throno do Omnipotente ia insensivelmente se desviando para a pessoa de seo amante, quando entrou Joanna no quarto.

— Estava rezando, sinhasinha?! faz bem; o rezar allivia muito o coração da gente, quando está afflictô.

— Estava, sim, Joanna; o que me queres?

— Aqui está, disse a escrava appresentando-lhe um bilheto.

Pelo sobrescripto Lucia logo conhecoo quera de Elias. O coração pulou-lho de alegria; ainda uma vez voltou á Deos seu pensamento agradecido. Sem demora abriu e leo a bilheta. Mas logo á primeira linha sua fronte se annueou, e o brilho de seos olhos se empanou de lagrimas. O bilhote dizia assim:

« Adeos, Lucia! adeos para sempre! foste bastantemente l'viana para me desprezares por um aventureiro desconhecido so porque tem algum dinheiro e uma bella apparencia. Praza ao céo que bem cedo não te arrependas, e que não venha a ser elle mesmo o algoz que me vingará de tua ingratição! Vou para bãm longe procurar esquecer-me de ti; não ssi se o conseguirei. Quando esta recoberes, já estarei mui longe daqui. Adeos! esquece-te tambem de mim. »

Lucia já esperava que naquella carta não poderião vir senão quoixas a exprobrações. Elias ignorava as circumstancias futaes que a tinham forçado a dar o — sim — a Leonel; tinha pois sobeja razão para accusal-a e queixar-se amargamente. Mas aquella partida repentina, aque'la amarga despedida para todo o sempre, lhe dilaceravão o coração. Ah! nunca

mais vel-o, nunca mais poder-se justificar para com elle, ella innocente victima que ia immolar-se em um sacrificio, que a mão de Deos acabava de affastar de cima de sua cabeça, ser condemnada a viver odiada e desprezada pelo ente a quem mais amara no mundo! Este pensamento continuamente a atormentava, e não podia perdoar a Elias a precipitada soffreguidão com que a condemnava, e se animava a abandonal-a para sempre, — sem ter-lhe ouvido uma palavra, — agora que o destino parecia querer abrir-lhes de novo o caminho da esperanza.

— Oh! exclamava ella chorando, é preciso ter bem pouco amor para proceder assim. Eu o não condemnaria tão de leve. Mas de certo elle me não ama como eu o amo.

Entretanto ainda uma vaga esperanza a alintava. Elias talvez chegasse a ter conhecimento, se é que já não tinha, do successo que trouxe ou havia de trazer inevitavelmente o rompimento de seu contracto de casamento com Leonel. Se lhe tinha verdadeiro amor, havia por certo de arrepender-se da precipitada resolução que tomára de nunca mais vel-a, e voltaria. Se não fosse o amor,

a curiosidade mesmo o furia voltar, e — quem sabe? — tambem o desejo de vingança para ter o prazer de vol-a humilhala em razão do triste desfeicho da projectada união. Fosse porém qual fosse o motivo que o trouxesse, ella só suspirava por vel-o na Bagagem; não faltaria occasião de revelar-lhe tudo o que occorrera, e o seu perdão era certo.

Como já vimos, Lucia não se enganara; a resolução desesperada de Elias apenas tinha durado algumas horas. Mas antes que Lucia o soubesse, teve de passar ainda muitos dias de cruel incerteza e inquietação.

Elias em consequencia dos profundos pezares e violentas commoções de espirito por que havia passado durante aquelles dias, soffreu um novo e grave ataque da febre intermittente que tinha apanhado em sua volta do Sincorá, ataque que o prostrou na cama por muitos dias. Não querendo incomodar nenhum dos habitantes da Bagagem, contra os quaes estava possuido do mais vivo e justo resentimento, recolhera-se a um toscó o pobre ranchinho, separado cerca de um quarto de legoa rio acima do grosso da

povoação, onde era tratado por uma pobre parda velha, sua conhecida de Uberaba, que como tantos outros tinha mudado para a Bagagem os seus penates.

Elias conhecia e trazia consigo os medicamentos necessários para combater sua molestia, e portanto dispensou o medico que a boa velha em vão instava que se chamasse. Graças a esse curativo e aos cuidados da caridosa enfermeira, no fim de oito dias achava-se inteiramente fora de perigo.

Durante essa forçada reclusão, as dores physicas o incommodavam menos do que as inquietações do espirito, e as amarguras do coração.

Lucia não lhe sahia do pensamento. Nos sonhos deliriosos da febre ella lhe apparecia, ora risonha e feliz ao lado de um esposo, amavel e brilhante cavalheiro; e então lhe escapavam bramidos roucos de raiva e desespero, que pareciam despedaçar-lhe o peito. Ora a via pobre e envolta nos andrajos da miseria, mas pura, santa e sempre fiel à lumbrança de seu amor; e então lagrimas doridas lhe rebentavam dos olhos; chorava e soluçava como uma creança. Sabia que com

a prisão de Leonel achara-se desfeito o casamento de Lucia, que o Major estava arruinado, e que a miseria em breve prazo o esperava a elle e toda a familia. Esta consideração o enchia de amargura; então mais que nunca maldizia o infame embusteiro que o illudira, praguejava contra a sorte, e blasphemava contra o céo.

Na sua pobre cabana ninguem o vinha ver, porque ninguem o suppunha alli, crendo todos em razão do seo desapparecimento, que tinha sahido da Bagagem.

Um dia disse-lhe a velha caseira:

— Meo moço, Vin. está aqui tão só, não tem com quem conversar; isto não está bom; não quer que eu chame algum de seos amigos para entreter o tempo?...

— Amigos!.. oh! minha velha, pelo amor de Deos! não me falle nos amigos da Bagagem; quizera antes ver o rosto de Satanaz.

— Pois como?... não ha por ahi nem uuaa viva alna com quem não tenha tomado caipóra?!...

— Nenhuma, minha velha, nenhuma!... mas não... miuto... havia uma; um velho e

pobre camarada. Em vão tenho perguntado por elle... ninguem me dá noticias; nem sei se é vivo ou morto.

— E é só esse?

— Ainda ha mais outra pessoa; e essa eu daria a minha vida para vê-la, ainda que fosse um instante; mas essa, ai de mim!... essa não pôde vir aqui.

— Vá vendo, que é alguma moça bonita.

— É verdade!... muito bonita; bonita como não ha nem pôde haver nenhuma.

— Mas, meo moço, Vm. está muito doente para pensar agora em moças bonitas. Pense antes na Virgem Santissima, que é quem lhe ha de valer.

— Entretanto se essa de quem fallo, me apparecesse agora aqui, estou certo que no mesmo instante eu sararia.

— Então é magica?

— É mais do que isso; é um anjo.

— Anjo!... nesse caso não me canso em ir procural-a, porque é cousa que não ha cá por este mundo.

— Não to canses mesmo, minha velha; tu não a encontrarás; nem ella virá cá. Ella é do céu; não pôde descer a este inferno em que estou penando.

A LAVADIEIRA

No dia seguinte bem cedo a boa velha veio pressurosa accordar Elias.

— Levante-se, meo moço ; o dia amanheceo bonito, e tenho uma bella noticia para lhe dar.

— Boa noticia para mim !... não é possível ! para mim neste mundo já não pode haver noticia nem boa nem má. A unica boa noticia que me poderiam dar, era que ja morri.

— Qual ! quem falla agora em morrer !... dou-lhe parte que temos agora aqui perto uma bella visinhança ; já Vm. não ficará tão sosinho.

— Visinhança ! oh ! que bella nova ! tomára que me deixem sosinho, e que eu nunca lhe veja a cara. Senão me mudarei ainda para mais longe.

— Sosinho se veja o diabo !... olhe, que

uma visinhança como esta não é para desprezar. É um velho, uma menina muito linda, e uma moça bonita como um sol. Não os conheço, nem me lembro de ter visto essa gente em parte nenhuma.

— Mas não me recordo de ter visto casa nenhuma aqui por perto, e pensei que estava livre de toda a vizinhança.

— Pois não vio uma casinha cousa de uns cem passos alli mais adiante.

— De todo não me lembro; tambem eu estava tão doente...

— Tambem a casa é tão pequena — é como esta mais ou menos — e está tão escondida no matto, que mal se avista.

— Então são tão pobres como nós?...

— Assim parece, ou talvez mais ainda, coitados; mas parece ser muito boa gente. Quando fui apunhar agoa fresca n'uma fonte que ha para lá da casa, pedirão-me para encher o pote, e estive conversando um pouco com elles. O homem estava para dentro; mas a menina é muito dada e muito meiguissima; a moça tambem é muito boa e bonita, meo moço, bonita até alli... mas não sei que tem, que anda tão triste!... comparando mal,

parece uma imagem de Nossa Senhora das Dôres.

— Pois de todo não sabes quem é essa gente? d'onde é? d'onde veio? perguntou com soffrega curiosidade Elias, a quem um subito pensamento tinha atravessado o espirito.

— Nada sei de todo.

— Um velho, uma moça e uma menina, não é o que disseste?

— Tal e qual.

— Um velho alto e cheio de corpo...

— Isso mesmo.

— A menina é morena e terá dez a onze annos. A moça é clara, alta, bem feita, olhos grandes, cabellos castanhos...

— Jastamente!... pelo que vejo, são seos conhecidos?...

— Parece-me que sim.

— Um velho, uma moça, uma menina! reflectio consigo Elias, e com estes signaes! não podem ser outros. O Major estava em vespuras de completa ruina!... infeliz familia!...

E não tiveste occasião, continhou Elias, de ouvir o nome de alguma das pessoas da familia.

— Acho que sim... espere... ah! agora me lembro... ouvi o velho chamar lá de dentro a moça pelo nome de... de... de Lucia.

— Lucia!... que nome divino acabas de pronunciar, minha boa velha! são elles mesmos! é ella!... ah! desventurada Lucia! e mais desventurado de mim, que não posso valer-te!...

— Estou vendo que essa moça é o anjo de que Vin. á pouco fallava?...

— É, minha velha; é ella mesma. E dirás ainda que os anjos não andão cá pela terra?...

Elias não teve mais socego, e levantou-se immediatamente. Só a idéa de que alli tão perto d'elle achava-se Lucia, dava-lhe vigor e alma nova. Era impetuo-o, irresistivel o desejo de vel-a; mas ao mesmo tempo a lembrança da pobreza em que ia encontral-a, o contristava e enchia-lhe de amargura o coração. Via-o-lhe ao espirito todos os tristes transe de sua vida passada, e reflectio amargamente sobre os cruezs e estranhos caprichos da sorte. Elle, que outr'ora fôra quasi que expellido da casa do Major, e considerado indigno de pôr os olhos em sua filha, elle

que a poucos dias fôra tratado desabrida e brutalmente em casa do mesmo Major por amor de um infame aventureiro, elle o via esse mesmo Major, a seo lado, tanto ou mais miseravel do que elle proprio. Se tivesse alma maldosa e vingativa, offercia-se-lhe então uma bella occasião de espesinhal-o humilhando-o com a sua visita; a sua presença por si só seria um sarcasmo vivo que devia encher de confusão e vergonha aquelle homem outr'ora tão fatuo e ambicioso. Mas Elias nada tinha de vingativo e rancoroso. Sua alma nobre era incapaz de desrespeitar o infortunio de quem quer que fo-se, quanto mais do pai daquella a quem tanto adorava.

Entretanto crescia-lhe o desejo cada vez mais impaciente de ver Lucia. Passado o abalo e a commoção violenta dos primeiros dias, e enfraquecido o corpo pela enfermidade, acalmou-se a irritação do espirito do infeliz mancebo, começou a reflectir com mais frieza, e uma voz interior como que o advertia de que Lucia era innocente, e o amava ainda como sempre, e que algum motivo muito poderoso a forçára a condescender com a vontade de seo pai.

Posto que ainda bastante fraco, Elias parecia lesto e disposto como em seos dias de perfeita saude; uma força interior o reanimava como por encanto. Seo primeiro cuidado foi ir ver, ainda que a certa distancia, a casinha em que viera habitar a familia do infeliz Major. Era uma tosca choupana, a ultima que se via á orla do caminho que seguia rio acima para o commercio do Mandim. Mas essa choupana nos olhos de Elias tinha mais encantos que um palacio; era o templo que encerrava uma divindade.

Sentado sobre a relva que se estendia pela encosta acima em frente de sua casinha, esteve por largo tempo contemplando-a e examinando-a minuciosamente; mas não vio niuguem. Apenas a fumaça que sahia pelo telhado, e algum rumor convulso de vozes attestavão que a choupana era habitada. Depois de estar alli mais de uma hora a contemplar a casa, e embebido em mil pensamentos, ora risinhos e esperançosos, ora amargos e sombrios, a porta se abriu, o Major sahio, e immediatamente a porta se fechou. Evolvido en um largo sobre-tudo, chapéo

de pelo de lebre carragado sobre os olhos, a cabeça descahida sobre o peito, arrimando-se a uma grossa bengala lá ia o pobre Major caminho da povoação.

Ao vê-lo Elias teve o mais profundo dó e sentio apertar-se-lhe o coração. Como estava a certa distancia do caminho o Major passou sem vê-lo.

— Onde irá aquelle infeliz pai, pensava Elias; que irá fazer? Irá talvez envidar os ultimos esforços para achar alguma meio de manter com decencia sua pequena familia, tão digna de melhor sorte! irá talvez vender alguma joia que ainda resta a suas filhas, para dar-lhes um pouco do pão!... E a que portas vaes bater, infeliz Major!... de uns monstros sem consciencia e sem entranhas, que folgão com a desdita alheia, como folga o urubú ao ver expirar o animal em que vae cravar o immundo bico faminto de carniça. Esses mesmos, que ainda hontem regosijavão-se em tua casa, comendo e bebendo a tua custa, hoje apenas te dignarão testemunhar-te um pouco de compaixão. Coga-os a gana do dinheiro; peores que os lobos, são capazes de devorarem-se uns aos outros por

um punhado de ouro. Major! Major! elles vos arrancarão até a camisa do corpo, e tomai bem cuidado sobre vossas filhas! elles são capazes de roubar-te mesmo esse unico thesouro de teu coração, esse ultimo consolo de teu infortunio!...

A voz da velha enfermeira o veio despertar daquellas sombrias reflexões.

— O lá, senhor Elias!... o que está ahí a banzar?... fuja desse sol, que está ficando muito quente; venha tomar seo caldo. Então? perguntou ella depois que Elias se approximou; então, vio os nossos visinhos?

— Vi somente o velho, é muito meo conhecido.

— Fallou com elle?

— Não; elle sahio de casa, e passou por mim sem ver-me: coitado! vae tão cabisbaixo! ainda hontem era rico; hoje, minha velha, talvez lhe possamos dar esmolas!

— Forte pena!... mas Deos é grande; ha de compadecer-se delles. Eu tenho mais dó é das pobres meninas, coitadinhas! tão mimosas, tão bonitiuhas! ha de custar-lhes bastante acostumarem-se com a pobreza.

— Talvez não: forão criadas na roça, e

estão acostumadas com o trabalho. O pai não tinha outra defeito senão o de ser muito fanfarrão e todo enfatuado de riqueza e fidalguia. No mais era um homem de bem, e soube dar excellente educação a suas filhas. Mas nem por isso são menos dignas da lastima.

— E porque não vao fazer-lhe uma visita, e offerecer-lhe o nosso prestimo; coitados!... Não digo hoje, mas amanhã ou depois, quando melhorar...

— Esse é o meo desejo; mas...

— Mas o que?... ha de ir; são nossos visinhos, e talvez lhes possamos prestar n'alguma cousa.

Elias bem ardia em desejos de ir ver Lucia. Mas offendido a tão pouco tempo pelo Major em seo amor proprio, sentia certa repugnancia em ir visital-o, e demais receava que elle pensasse que sua visita naquella occasião tinha por fim humilha-o e mortifical-o. Visitar Lucia na ausencia do pai, tambem sua natural delicadesa lhe não permitia, principalmente naquella condição em que ella se achava; era dever duplamente sagrado para elle respeitar-lhe o recato e a reputação.

Elias passou essa manhã a excogitar um meio de ver Lucia sem encontrar-se com o Major; mas seo cerebro abrazado e debilitado pela molestia não lhe suggerio nenhum. À tarde o accesso febril o prostrou na cama, e forçoso lhe foi renunciar por esse dia ao seo desejo.

No dia seguinte amanheceo muito melhor. O Major sahio como na vespera a mesma hora. Elias, que não ousava fazer uma visita formal à casa de seos vizinhos, começou a rondal-a em torno, mas em certa distancia respeitosa, a ver se por acaso entrevia de longe a sua querida Lucia, e esperando que o acaso lhes proporcionaria no menos um momento de entrevista. O sitio era inteiramente ermo. A casa tinha um grande cercado ou quintal quasi inteiramente occulto, e contiguo ao quintal da casa de Elias, tendo ambos nos fundos por limites o ribeirão. Elias rodeou primeiramente o cercado pelo lado exterior, passou pela frente da casa, e desceo até a margem do ribeirão, enfiando avidos e perscrutadores olhares por todas as janellas, através das cercas e dos arvoredos. Se alguém o visse,

nada poderia suspeitar; ia embuçado em seo capote, arrimado a um bastão; era um pobre enfermo em convalescença, que dava o seo passeio hygienico. Não vio ninguém.

De volta a casa lembrou-se de fazer a mesma escurião pelo lado interior do quintal de sua casa, que ficava contiguo ao dos vizinhos. Aquelle tambem estava coberto de arbustos silvestres e campoeira inculta, de maneira que, por entre as moitas, podia Elias muito a seo sabor o som ser visto observar por entre pãos mal unidos da cerca todo o quintal vizinho, e mesmo divisar algumas vezes o terreiro. Teria dado como uns trinta passos ao longo da cerca que ia morrer a beira do rio, quando ouviu vozes de mulher um pouco mais abaixo. O coração pulou-lhe cheio de alvoroço; cuidou ouvir a vóz de Lucia! Foi-se approximando com precaução até o ponto d'onde partião as vozes, collou-se á cerca, espreitou e vio...

A pequena distancia da cerca um jorro d'agon cahia por uma bica em um tanque razo alcatifado de cascalhos, no qual Lucia, com os pés descalços mergulhados n'agoa, e saia do vestido, presa por um lenço, rega-

çada quasi até os joelhos, o corpo do vestido descido, os roseos seios mal cobertos pela fina e transparente camisa, e os compridos cabellos, ajunctados atraz por um fita, cahindo-lhe pelas espádoas, estava lavando roupa.

Debruçada sobre o tanque, cujas agoas borbulhando-lhe em torno beijavão amorosas as duas columnas de alabastro nellas mergulhadas, dir-se hia Venus no momento em que nascia do espuma do mar, ou branca asaucena que ali nascera a beira da fonte, e pendia o calix a mirar-se em seo crystalino regaço. Nunca Elias, nos dias em que ella ora rica e feliz, no meio das festas e do esplendor do luzo, nunca a vira tão linda, tão fascinadora assim. O coração batia-lhe com tal violencia, que tinha medo que fosse ouvido e trahisse a sua presença alli. Entretanto quasi se envergonhava de estar alli espreitando as escondidas e profanando com suas vitas o innocente e descuidoso desalinho daquella casta creatura. Queria fugir, mas seos pés parecião estar pregados á terra, e seos olhos não podião desviar-se daquella angelica figura que os fascinava, e se

Lucia nunca dalli sahisse, Elias tambem allificaria para sempre, ou então de um salto transpondo a cerca, iria se arrojara aos pés della, se do lado de cima da bica não estivesse em pé uma escrava que com ella conservava. Era a boa e fiel Joanna, que acabava de colher nos canteiros destrocados daquella inculta horta um punhado de hervas para o parco jantar da familia, emquanto á senhora lavava roupa.

Não é só a morte que nivela as condições; o destino as vezes a antecipa, e se compraz em curvar a cabeça dos ricos e orgulhosos até beijarem o pó da terra, e colloca escravos no nivel do senhor. Mas o destino é cego, e o raio que fulmina sobre a cabeça do culpado tambem as vezes debruça sobre o lodo o lyrio puro da innocencia e da virtude.

Quando Elias as avistou, a conversa das duas estava tocando a seo fim.

— Tem paciencia, sinhasinha, dizia a escrava. Nossa Senhora do Patrocinio ha de ter piedade de nós. Querendo Deos, tudo se ha de arranjar e nos ainda havemos de voltar para nossa roça. Mas emquanto isso se não arran-

ja. aqui está sua negra velha, que ainda pode trabalhar para Vms. todos...

— Mas tu hoje és forra, Joauno; deves ir cuidar na tua vida...

— Que me importa lá isso?... por acaso eu pedi alguma alforria? entreguem-me cá a minha carta, e hão de ver como eu a faço em pedacinhos e atiro tudo no fogo.

— Isso não, Joanna!... tal não farás. Fui eu que pedi a meo pai que te forrasse, e sabes por que?...

— Eu sei lá!... de certo foi por que sinhasinha não me quer mais; quer ficar livre de mim...

— Pelo contrario, Joanna, foi para não ficar sem ti. Se não fosses forra, irias cahir nas mãos dos credores de meo pai, como todos os outros escravos da casa.

— Credo! Nossa Senhora me guarde!... então, não; quero a minha carta; quero ser livre para poder ser escrava só do minha sinhasinha. Esses diabos desses homons! Deos me perdoe!.. parece que não são baptisados. Meo senhor ja valeo a elles todos, e agora não tem um só que tenha piedade delle. Má peste, que os persiga!... Agora vou cuidar na janta... sinhasinha fica ali?

— Fico, Joanna; pode ir; vou acabar de enxaguar esta roupa.

— Deixa isso, sinhasinha. Eu logo venho acabar de lavar e estender toda essa roupa; não esteja se matando sem precisão.

— Não gosta de estar a tã, e bem sabes que não é a primeira vez que lavo roupa, e também isto me serve de distração.

— Não tem medo de ficar aqui sosinho?

— Medo de que?... quem pode vir me fazer mal aqui neste erma?

— Está bem, disse Joanna se retirando. Assim mesmo eu vou chamar sinhá Julia para ficar com Vm.

— Não é preciso, Joanna... Julia está occupada com uma costura que é preciso acabar hoje mesmo. Eu também lá vou neste instante.

Nenhuma favor melhor podia o céu fazer a Elias naquelle instante do que deixar Lucia ali sosinha; e dir-se-hia, que Lucia adivinhava, e queria ficar só, como se tivesse ajustado uma entrevista. A emoção do Elias subiu de ponto. Não fosse uma excessiva ousadio, uma profanação, teria de um salto transposto a cerca e iria cair a seos pés...

Logo que Joanna desapareceo por entre os arbustos do quintal, Lucia deixou a fonte, sentou-se sobre a grama do *quaradouro*, pousou a face em uma das mãos, e poz-se a scismar. Era um modelo perfeito para a estatua de uma naya le. Depois tirou do seio uma carta, e lançou por ella um olhar. Seos olhos arrazavão-se de lagrimas.

— Que crueldade, meo Deos, exclamou ella, deixar-me assim arrebatadamente, e abandonar-me tão sosinha e deseparada neste ermo... isto é de quem ama devêras?... e alem de tudo, a pobreza!... a miseria! Meo Deos!... não sei o que será de mim... hei de morrer de tristeza!... alli! se me dissesse ao menos para onde foi!... eu dera tudo para saber onde elle está!...

Ouvindo estas palavras, Elias não pode mais conter-se; pulou a cerca, e em dous saltos estava ao pé de Lucia.

— Eis-me aqui, Lucia!... eis-me aqui á teos pés! exclamou o mancebo.

Lucia assustada deo um grito, e ergueo-se rapidamente. Num relançe desatou da cintura o lenço com que suspendiu as saias, e com elle compoz os hombros e os seios que

trazia quasi nós. Lembrava Venus, quando do traje de nympha caçadora, em que estava disfarçada, transfigurou-se subitamente aos de Enéas em verdadeira deoza, deixando tombar-lhe aos pés as vestes roçagantes.

— Perdoa-me, minha Lucia! perdoa a minha ouzadia; ella é filha do muito amor que te consagro. Eu estava alli... eu te ouvia, e eu te amo; vê se era possivel conter-me. Se ainda me amas, tu me perdoarás.

O sobresalto de Lucia não tardou em transformar-se na effusão de uma celeste alegria.

— Se ainda o amo!... exclamou, pois duvida ainda?..

— Sou tão infeliz, que custo a acreditar em tamanha ventura.

— Compreendo. Pensa que lhe fui infiel; que trahi o nosso amor. Tinha razão para pensar assim; mas quando souber o que houve, estou certa que me ha de perdoar.

— Não tenho nada que perdoar-te; eu é que devo pedir-te perdão de meo estouvamento e precipitação. Meo coração já adivinhou tudo. Mas entretanto conta-me, minha querida Lucia, conta-me como tudo isso foi...

Aquella entrevista, que o acaso preparara,

douo apenas meia hora; mas meia hora de gozos e effusões d'alma, de delicias'inefaveis, meia hora tão cheia de amor e felicidade, que aos olhos de Elias compensou largamente dous annos de agros soffrimentos e asperos trabalhos, meia hora que elle trocava de bom grado por um seculo do viver ordinario.

Entretanto Lucia contou-lhe rapidamente a historia de seo projectado ensamento com Leonel, as sollicitações de seo pai, e as tristes circumstancias que a arrastarão a aquelle sacrificio, que alem da felicidade lhe custaria tambem a vida, mas que ella julgava necessario e de seo dever para felicidade de seo pai e de sua irmã.

— E não te lembravas, disse Elias com um triste sorriso, que nesse sacrificio arrastavas mais uma victima?...

— Oh! se me lembrava!... mas eu nem noticias tinha de ti... e, mesmo que as tivesse, a não estares em circumstancias de valer a meo pai, levarias a mal esse sacrificio, se infelizmente se consummasse?...

— Não, minha Lucia... eu não teria remedio senão admirar-te, embora se me estalasse

de dôr o coração. Mas a carta que te escrevi do Sincorá, acaso não chegou-te ás mãos?

— Chegou, Elias; mas em que momento, meo Deus! Eu acabava de dar o meo consentimento, de comprometter solemnemente a minha palavra para com meo pai; já era tarde. Faça idéa do quanto era triste e desesperadora a minha posição.

— Pobre Lucia! quanto és boa!... quanto és adoravel e sublime! se antes eu te amava, de hoje em diante eu te admiro, eu te adoro, e não me julgo digno do amor de uma creatura tão superior, de um anjo, de que o mundo não é digno.

— Se não te julgasse digno, eu nunca te amaria, e não teria passado por tantas afflicções e angustias só por amor de ti. Mas hoje sou bem feliz. Deus teve piedade de mim, arredou de meo caminho aquelle maldito homem, e restituiu-me o meo Elias...

— Oh! aquelle homem parecia enviado ao mundo por Satanaz para perturbar a nossa felicidade! Tudo que podia fazer meo prazer, minha gloria neste mundo, elle pretendia arrancar-me; parece que o perseguia uma

inveja feroz de tudo quanto era meo; queria para si o dinheiro de minha bolsa, o amor de meo coração, o ar de meos pulmões, o sangue de minhas veias. Mas o monstro apenas conseguiu roubar-me o fructo do meo suor, essa pequena fortuna que eu tinha adquirido... mas que importa isso, Lucia!... Deus ainda me conserva a mesma intelligencia, a mesma actividade e disposição, e eu saberei adquirir outra...

— Mas por piedade!... eu te peço, não me abandones mais; não vás mais procurar fortuna lá tão longe. Não quero mais que sahia de perto de mim..

— Mas, Lucia, eu sou pobre... tu tambem estás tão pobre como eu. Hoje ha um motivo ainda mais forte para que eu empregue todos os esforços em adquirir alguma cousa; e se por aqui não fôr possível, devo...

— Deves amar-me, a mim só, e a mais ninguem. Somos ambos pobres; o destino nivelou nossas condições; agora não ha mais embarço algum para nossa união!...

— Mas a pobreza, Lucia... por mim só eu a supportaria, como tenho supportado, de coração alegre; mas doer-me-hia horriavelmente

ver-te em minha companhia soffrendo as inclemencias e privações da indigencia sem poder erguer-te a uma condição mais feliz.

— Por ventura já não sou tão pobre, Elias? e deixarei de ser-o, se me abandonares?... então antes queres me ver soffrendo sosinha os rigores da pobreza, do que em tua companhia!

— Mas olha, Lucia; tu és muito moça, formosa e bem educada... não te faltarão maridos que, mais felizes do que eu, possam dar-te no mundo a posição de que és tão digna...

— Cala-te!... não digas mais ta! blasphemia, eu te peço pelo nosso amor. Antes miseravel contigo, do que millionaria com um Leonel, ou com quem quer que seja. Mas tu não irás mais para longe; fica por aqui mesmo na nossa terra; eu te peço pelo nosso amor, por tudo quanto mais queres neste mundo ou no outro... pela alma de teu pai e tua mãe... Em toda a parte se ganha com que passar a vida, e que necessidade temos nós de riquezas; o nosso amor será a nossa riqueza, e por ventura não basta elle para nos tornar felizes?

— Socega, minha querida Lucia; não irei longe. O teu amor, assim como me enche o coração de felicidade, da-me tambem toda a coragem e toda confiança no futuro. É impossível que Deus não abençoe o trabalho de quem se esforça para amparar e fazer a felicidade de um anjo, como tu és. Mas olha, Lucia, não quero, não devo pedir-te a teu orgulhoso pai, em quanto desta dextra que vou offerecer-te, não puder escorregar um pouco de ouro.

— Ah!... mas se isso não fôr possível, me abandonarás?...

— Nunca, minha Lucia, nunca! serei teu, sempre teu.

— Basta!... adeos! já estamos aqui a muito tempo; alguém pode nos ver...

— Um instante ainda: escuta, Lucia. Da minha malfadada fortuna do Sincorá restão-me ainda alguns destroços. Vou pol-os em jogo. Não sahirei destes arredores. Suberás noticias minhas, e eu virei ver-te todas as vezes que puder; não sei que presentimento me diz que seremos felizes, muito felizes. Adeos.

— Adeos!... não te esqueças de mim, e não me fujas mais.

— Não; nunca mais; eu te juro... por este beijo... mais este... e mais este ainda. Adeos!

E dizendo isto Elias cingia a moça a seu peito, e lhe deu um beijo em cada uma das faces e o ultimo na boca. Era a primeira vez que ousava tanto.

XV

ABNEGAÇÃO

O garipeiro é como o jogador; sua esperança está sempre no seio da grupiára, como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no taboleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, d'onde as mais das vezes nunca sahe. Por mais que sejam os revezes com que a fortuna os maltrate, por mais que os repilla e os calque aos pés, esses cegos e pertinazes amantes estão sempre de roxo a mendigar favores aos pés daquella cruel e caprichosa amazia.

Elias possuía ainda algum dinheiro e objectos de valor, restos que tinham escapado a depredação de seo execravel protector do Sincorá, e que podião servir de principio a novas especulações. Elias, que já tinha garimpado

muito, tinha certo pendor natural para este genero de vida; e apesar de ter dissipado o melhor de seo tempo e de seo dinheiro em explorar minas de diamantes, sem outro resultado mais do que continuas perdas, nem assim perdera a fé em que estava de que do chão havia de lhe brotar a riqueza e a felicidade. Esta era a crença firme de seo velho camarada, crença que por muito repetida não deixava de fazer profunda impressão na imaginação algum tanto fatalista e supersticiosa de seo jovem amo.

Elias costumava tambem a ter sonhos matizados de rubins e diamantes, e além disso, como já ouvimos da boca do velho Sinão; uma cigana lhe predissera que sua estrella era de pedra. O amor não contribuia menos poderosamente para inspirar-lhe aquella resolução; suspirava impaciente pelo momento em que podesse ver-se para sempre unido á Lucia, e para esse fim só é que desejava enriquecer, e enriquecer depressa. Ora, a não cahir do céu, só do seio da terra poderia ver surgir de um dia para outro uma fortuna. Demais a questão era de pouco tempo; em poucos mezes, em poucos dias, em algumas

horas mesmo poderia ficar resolvido o problema de seu destino. Elias era audaz e resoluto; com o primeiro sorriso de Lucia voltara-lhe toda a sua coragem e seguridade, toda a sua confiança no futuro.

Comprou datas, engajou praças, e começou a trabalhar com actividade e ardor inconcebível. Mas ah! aquella terra da Bagagem para elle parecia ser amaldiçoada; parecia que o diamante sumia-se do lugar onde tocavam suas plantas!

Tinha-se escoado um mez, e com elle grande parte dos recursos de Elias sem o menor resultado. Montões de cascalho bruto agglomerado em torno das grupiáras, eis o fructo unico que se via do trabalho do infeliz moço.

Durante esse tempo duas vezes vio Lucia, mas com o coração pesaroso e cheio de tristes presagios não ousou communicar-lhe o máo exito de suas explorações, e embalou-a com vagas esperanças, que elle mesmo não alimentava. Mas nem assim desistio ainda. Coragem!... — dizia elle consigo. Mais um pouco de paciencia!... mais quinze dias; mais um mez! as vezes a sorte do jogo está na ultima cartada.

E mais quinze dias, mais um mez se forão de insano trabalho, e de ancioso esperar, sem que a ingrata grupiãra lhe entreabrisse nem mesmo um leve sorriso de esperança.

Elias já tinha o coração curtido de decepções; mas nem por isso este ultimo insuccesso deixou de lhe amargar cruelmente. Depois de tantas tentativas mallogradas, depois de tantos e tão crueis revezes, esbarrava enfim na muralha impenetravel do impossivel. Cançou de lutar, e o desalento calou-lhe fundo pela alma a dentro.

— Pobre ainda, meo Deos! exclamava o infeliz; pobre sempre, e cada vez mais pobre! e não poder dar á Lucia pobre ainda mais do que eu, senão a miseria em troco de seo amor! Ah! céo de bronze, que deixas exposta nos mais duros rigores da sorte a mais pura e a mais bella de tuas creaturas! ah! terra maldita, que escondes thesouros em teu seio avaro e deixas perecer á mingoa o mais lindo dos seres, a mais formosa flôr que te adorna a face!...

Elias por si só bem pouco se importaria com a pobreza; estava affeito a supportal-a desde longo tempo. Mas cortava-lhe o coração

ver a sua querida Lucia, nascida e educada sempre no meio da abundancia, soffrendo privações e quasi reduzida a miseria, e condemnada a trabalhar com suas proprias mãos para prover á sua subsistencia, de seo pae e de sua irmãsinha. Blasphemava contra o céo e maldizia da Providencia, que lhe negava sua protecção naquella nobre e santa tarefa em que se empenhava para arrancar á miseria aquella creatura digna do céo.

Desejava morrer, e a idéa do suicidio como um phantasma lugubre lhe esvoaçava de continuo pela mente. Mas lembrava-se de Lucia, de Lucia na miseria, e comprehendia que era preciso viver para ella. Quem lhe poderia valer, se elle faltasse?... arrancar-se a existencia naquella occasião era talvez roubar a Lucia o ultimo, se bem que fraco arrimo, que lhe restava neste mundo. Naquellas circumstancias já não era sómente o simples amante de Lucia; considerava-se um irmão, um pai.

Elias, completamente desalentado, abandonou de todos os seus serviços, e estava como que de braços cruzados em frente de seo destino inexoravel a contemplar-lhe a sinistra cata-

dura, sem ousar lutar contra elle e esperando que o esmagasse.

Elias tinha se estabelecido no Commercio debaixo, chamado do Joaquim Antonio, que fica rio abaixo, a perto de uma legoa da povonção principal. A dous dias, desamparado da esperanza, tinha abandonado o trabalho, e não fazia mais do que cismar na sua triste sorte, entregue ás mais pungentes angustias e á mais cruel perplexidade.

Na tarde do segundo dia, estando á janella da casinha que habitava, envolto em suas cismas ordinarias, um rapaz entregou-lhe uma carta. Abrio-a immediatamente; era de Lucia e dizia assim:

« Meo querido Elias. A sorte começa a conspirar de novo contra nós. Eu pensava que, cahindo em pobreza, ninguem mais poria os olhos em mim, e que poderia amar-te tranquilla e livremente, sem que a turba dos pretendentes, que outr'ora me importunavão, viesse mais pertubar a nossa felicidade, e quasi que bendaria o golpe que nos reduzio a este estado, por essa doce compensação que me trazia. Eganava-me, ai de mim!... Um de meos antigos pretendentes reaparece, e sol-

licita com mil empenhos a minha mão. É um moço não muito rico, mas negociante bem principiado, e dotado, segundo dizem todos, de excellentes qualidades. Meo pai insta comigo com todas as forças para que me decida quantos antes. Tenho esgotado sem resultado algum todas as minhas excusas, e já não sei de que meios lancar mão para me defender. Infelizmente este não é um aventureiro desconhecido, um moedeiro falso, que de um instante para outro pode desaparecer entre as grades de uma cadeia. E do paiz, e geralmente conhecido e estimado por suas boas qualidades, e promette mil arranjos a meo pai. Não preciso dizer-te mais, meo querido Elias, podes ajuizar em que crueis apuros me vejo de novo enleada. Nossa pobreza augmenta de dia a dia, e eu quasi enloqueço pensando nestas cousas. Aparece, Elias; só a tua presença me poderá inspirar resolução e coragem para arrodar de nossa cabeça mais esta desgraça! Vem; eu te espero com anciedade. Adeos!... »

Acabuda esta leitura, Elias entrou em accessos de furor; percorrendo a passos largos e precipitados a pequena sala em que estava,

soltava bramidos de desespero, e chorava lagrimas de fogo, e batendo com a cabeça pelas paredes, arrancando os cabellos, vomitava blasphemias e imprecações horriveis.

— Pois bem! bradara elle, já que o céu me não favorece, já que não recompensa o trabalho honesto, condemna a virtude ás torturas da miseria, e so enriqueça os ladrões, tomarei duas pistolas, irei me postar ahi em qualquer ponto da estrada, e tomarei á força aos ladrões o que o céu desapiadado nega á um anjo. Que importa!... estou certo que em cada negociante que matar, mandarei para o inferno a alma de um ladrão, e é lá o seu lugar. É um crime! ? não... pelo menos a consciencia não me remordo... Não serei mais do que o agente da justiça do céu sobre a terra, já que nella não ha nem sombra de justiça. Infames!... não contentes de enriquecerem-se á custa do suor e das lagrimas dos pobres, ainda querem lhes roubar a felicidade, e julgão-se com direito a isso, por que sabem absorver o fructo do trabalho dos outros! Oh! por Deos, ou pelo diabo, que não ha de ser assim!... Este mundo!... este mundo é o inferno dos bons e o paraizo dos malvados...

É portanto o remedio é ou livrar-me delle para sempre, ou alistar-me no numero dos malvados... Mas... que estou eu a dizer!... ou endoudeço!... Lucia! minha Lucia! é pois verdade, que devo perder-te!... perder-te para sempre?!

Este estado de exaltação, que quasi tocava ao delirio, durou por largo tempo, até que veio a fadiga e a prostração. Porfim atirou-se na cama que tinha ali mesmo na pequena sala; já a noite ia adiantada, e graças ao torpor do cansaço dormio algumas horas. Com esse repouso acalmou-se um pouco a irritação de seu espirito. Quando accordou, já os gallos cantavam. Levantou-se, abriu a janella para refrescar a cabeça abraçada ao sopro das brizas da madrugada. Ainda não era dia. Debruçou-se sobre o peitoril e depois de estar a cismar largo tempo com a cabeça enbebida entre as mãos, murmurou consigo:

— Está decidido!... minha vida tem de ser sempre uma serie de provações e martyrio. É essa a vontade do céo, e é escusado luctar contra o destino. Portanto ou devo me desfazer della desde já, ou resignar-me á minha sorte. O meo dever de christão é cur-

var-me, e acceitar cheio de resignação o calix da amargura. Lucia, a sublime Lucia, já uma vez me deo o exemplo. Ella ia resoluta e corajosa sacrificar a sua felicidade ao bem estar de seo pai e de sua irmã. Agora o céo me impõe igual sacrificio; saibamos imital-a. Esquecel-a, deixar de amal-a, ah! não; isso não cabe no possível. Mas fugirei; irel morrer longe della, ralado de desgosto e de saudade. Se o céo não me permite possuil-a, saiba eu ao menos ser digno della.

Elias tinha tomado uma resolução santa e sublime, digna de seo nobre coração. Ia retirar todas as promessas, protestos e juramentos que fizera a Lucia, ia renunciar a todas as suas esperanças e immolar seo amor e sua felicidade ao bem estar e ao futuro da familia de Lucia. O sacrificio era duro, mas a nobreza e magnanimidade daquella acção o exaltava aos olhos da propria consciencia, e dava-lhe coragem bastante para leval-a a effeito. Iria elle mesmo em pessoa annunciar a sua amada a heroica resolução que tomára? .. nos primeiros momentos foi esse o seo pensamento; iria communicar-lhe aquelle designio que, estava certo, lhe fora inspirado pelo céo,

e que julgava de seo rigoroso dever levar a offeito. Se ella fraqueasse, se recuasse diante da enormidade do sacrificio, embora! elle não desistiria do seo proposito; lhe faria ver que seria uma acção indigna, um crime da parte d'elle estar servindo de eterno embaraço ao socego e felicidade de uma familia a quem elle, pobre e desprotegido da fortuna, não podia servir de auxilio algum. Lembrar-lhe-ia que a bom pouco tempo ella, de seo proprio moto, se havia votado a um sacrificio semelhante, porque o julgava de seo dever, e que esse dever reapareceria agora, talvez ainda com mais forte razão; emfim procuraria por todos os modos vigorar-lhe o coração, e com suas palavras o seo exemplo não lhe custaria inspirar á nobre e virtuosa alma de sua amante a necessaria coragem e resignação.

Mas Elias depois de reflectir melhor, teve medo de dar este passo e desconfiou da força de seo proprio coração. Julgou que por moio de uma carta conseguiria o mesmo resultado, evitando uma scena dilacerante, a que nem elle nem ella talvez podessem resistir. Pegou na penna, e escreveu a Lucia a seguinte carta :

« Querida Lucia. O destino me persegue, o céu me abandona, e eu nunca poderei ser mais do que um estorvo perenne para a tua felicidade e de toda a tua familia. O céu votou-me a um perpetuo martyrio; forçoso me é acceital-o e resignar-me, por que é loucura querer luctar contra a omnipotencia do destino. O mesmo sacrificio, a que não ha muito tempo te curvaste em virtude de um dever sancto, hoje de novo nos é imposto a nós ambos pelo nosso inexoravel destino. Resignemo-nos, minha querida, já que é essa vontade do céu, e pede a Deos que nos inspira a resolução e coragem necessaria para não desfalecermos no comprimento deste doloroso dever. Cumpre-nos renunciar para sempre a este amor tão puro e tão ardente que era o sonho dourado de nosso porvir, e dizer eterno adeos á esperanza e á felicidade. Embora o coração se nos rasgue entre as garras da angustia, a consciencia estará pura e serena; e se não nos é possivel ser unido: neste mundo pelo amor, ao menos procuraremos ser dignos um do outro pela virtude. Não creias que com esta triste separação vão quebrar-se os protestos e juramentos santos que proferimos nos nossos dias de esperanza; não, porque

nostras almas nunca se separarão; e sempre se amarão, porque o amor é uma chamma que o sopro do destino não pode apagar. E se acaso estão rotos os juramentos de nosso amor, foi a mão de Deus que os desatou, impondo-nos um dever mais alto e mais santo. Adeos, Lucia!... Deus me é testemunha que ao romper estes tão suaves laços, rompem-se me tambem uma por uma todas as fibras do coração. Adeos; tem coragem para intregar teu destino a quem pode amparar-te. Quanto a mim, vou para bem longe amar-te ainda sempre, até que a dor e a saudade venhão pôr termo a meos tristes dias... Elias. »

Quando Elias terminou esta carta, escripta com as lagrimas dos olhos e o fel do coração, sua fronte, coberta de palidez cadaverica, apesar do fresco da manhã que girava pela salla, gottejava bagas de suor frio. Dir-se-hia um condemnado que lavrava com a propria mão sua sentença de morte.

Elias mesmo quiz ser o portador de sua carta até a casa de sua velha enfermeira, onde encarregaria a esta de fazel-a chegar ás mãos de Lucia

O sol que surgia dardejava seus raios

horizontaes por entre as copas das arvores seculares, restos da antiga floresta que aqui e acolá projectavão sombras gigantescas pelas ribanceiras do rio, quando Elias montou a cavallo, e dirigio-se a seo destino, absorto em seos tristes pensamentos, e procurando fortalecer-se na nobre e generosa resolução que acabava de tomar. Estaria pouco mais ou menos no meio do caminho, ladeado de distancia de pequenos ranchos, que costeando a margem do ribeirão seguia para o Commercio da Caxoeira, quando em certa altura ouviu uns gemidos abafados que parecião sahir do dentro de uma miseravel choupana, quasi escondida entre a capoeira, que se avistava a uns cincoenta passos da estrada quasi á beira do rio. Parou e escutou por alguns instantes; os gemidos continuárão. Não podia haver duvida; era algum desgraçado que soffria, e morria talvez á mingoa e a fome naquelle miseravel casebre, ou tambem — quem sabe? — ali gemia a victima de algum horroroso attentado desses que tão commummente se perpetravão na Bagagem naquella época. Elias não era homem de animo a presenciar o soffrimento de quem

quer que fosse, sem procurar soccorrel-o de qualquer maneira.

Dirigio-se á choupana, apeou-se e bateo a porta.

XVI

O MORIBUNDO

Apparecco dahi a um instante, na unica janellinha que havia na casa, a cara encarquilhada de uma vellinha de aspecto repulsivo e sinistro: seos olhos grandes e redondos, o olhar frouxo, mas labrego e carregado, o nariz adunco o largo sobreposto ás faces engheladas, o cabello curto e erriçado em forma de topete, davão-lhe a apparencia de uma verdadeira coruja, aninhada naquelle par-dieiro. Elias quasi teve medo, e senão fosse dia claro, teria acreditudo na existencia das bruxas.

O que quer, meo senhor?... bradou, ou antes guinchou a vellia com vós esganiçada.

— Desejava ver a pessoa que está ali dentro a gemer; parece que soffre bastante; talvez eu lho possa ser util, e dar alguns allivios.

— Não se afflija, meo patrão: é um pobre velho que está entrevado ali no fundo de uma cama. A muito tempo que está assim, sem que ninguem possa lhe dar allivio, coitado!... dalli só para a cova. Se quer dar a elle alguma esmola, pode-me entregar, e Deos Nosso Senhor lhe dará o pago...

— Mas eu mesmo desejava vel-o; tambem entendo alguma cousa do medicina, e talvez lhe possa ensinar algum curativo com que se dê bem...

— Mas o medico que tracta delle não quer que receba visita nenhuma, nem falle com ninguem; por isso Vim. não repare, eu não lhe posso abrir a porta...

— Não tenha cuidado, eu atalharei toda a conversa, e, se for necessario, não lhe darei mesmo uma só palavra. Quero só vel-o um instante e saio immediatamente.

— Não, senhor; perdão; não pode ser. Elle é muito palrador, e vendo gente começa a tagarelar de modo que nunca mais tem fim; e fica cada vez a peor, a peor; e eu é que estou o augmentando, e isso não me faz conta.

— Mas já lhe disse que se elle fallar, me

retirarei logo, replicou com vivacidade Elias, a quem já começavam a impacientar as negativas da velha, e que mesmo já começava a desconfiar que havia ali algum mysterio sinistro que a maldita velha estava com medo que elle fosse descobrir; — Em nome do céo, abra essa porta.

— Não, senhor; já lhe disse; não pode ser.

— Ah! senhor! brabou de dentro a voz rouca e alquebrada do enfermo. Quem quer que está ali, pelo amor de Deos! entre cá dentro.

— Está ouvindo, disse Elias, elle me chama; abra essa porta.

— Não, não pode ser; quantas vezes quer que lhe diga?

E depois voltando-se para dentro e abrindo extraordinariamente os enormes olhos, como rá esbordada, bradou para o enfermo:

— Ah! velhete de uma figa! não pode calar essa boca?... é assim que pretende sarar?... parece uma creancinha!... pois olhe: se continuar assim, não sei se estarei mais para o aturar... se quer conversar com todo o mundo que passa, mando por sua cama

la no meio da estrada, e elles quo o aguentem.

— Quem está ahi na porta, entre cá por caridade; não faça caso do que ella está dizendo; por caridade!... pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo! entre... entre... quanto antes.

— Ai! ai! ai!... ullulou a velha harpia. Bemdito Deos! ainda de mais a mais variado do juizo!

— Mulher infernal, bradou Elias com força, abre-me já, se não queres que arrebente a porta.

— Arreentar! como está bonito o moço! tomara ver isso!... por ventura a casa é sua?... moço vá andando seo caminho, e não esteja tentando a Deos! já lhe disse que não abro.

E dizendo isto bateo com a janella, e trançou-a.

Elias entendeo que não devia mais esperar palavras com aquella megéra. Metteo o hombro á franzina porta que estava apenas trancada por uma fraca tranéla, e que cedeo logo ao primeiro empurrão.

— Misericordia! guinchou a velha, este

homem tem o diabo no corpo! misericórdia!
aqui d'el-rei!

Elias affastou com um empurrão a velha que se apresentára por diante querendo-lhe es- torvar a entrada e fazendo uma berraria dos diabos, e foi-se dirigindo rapidamente para a miseravel alcova, antes antro, em que jazia o desgraçado velho. Em um girão de páo roliço, desses cujos pés são forquilhas cravadas no chão naquella espelunca escura e humida, sobre um immundo colchão de palha, estava estirado um velho cuboclo, esqualido e macilento, arquejando convulsivamente e entregue nos mais dolorosos soffrimentos. Espectada á parede, juncto á cabeceira, uma negra candeia de ferro lhe dava sobre o rosto bronzeado um lugubre clarão amarelento.

— Ah!... és tu, meo pobre Simão! exclamou o moço com um tom de assombro e de angustia inexprimivel, apenas fitou os olhos na physionomia do velho. És tu, meo bom Simão! continuou sentando-se á beira do pobre leito, e tomando entre as suas as mãos do velho camarada. Perdoa-me, meo Simão; sou eu o culpado de aqui jazeres assim á mingoa!...

— Ah! meo patrão! meo patrão! bradou o velho fazendo um esforço supremo para levantar-se e erguendo ao céu os braços descarnados; bendito seja Deos!...

— Ah! já erão conhecidos!... rosnou com voz tremula a velha que se tinha postado á porta da alcova, e com os olhos esbugalhados e torvos contemplava cheia de furor aquella lugubre scena. Tanto melhor para mim!... O lá, meo moço, já que veio tomar conta da casa com tanta semi-cermonia, fique-se por ahí, e arrume-se lá com seo doente, que eu aqui não ponho mais os meos pés.

— Vae-te com Deos ou com o diabo, mulher infernal; nem nunca mais me appareças, que não fazes falta nenhuma.

— Que eu vou é sem duvida; Vm. quando veio aqui tentar a gente, já veio de má tenção... mas olhe, meo senhorsino, que talvez não leve o bocado á boca. Ás vezes a gente vae buscar lá, e sahe tosquicado.

Elias máлъ ouviu estas palavras, que a velha ao retirar-se ia resmungando entre as queixadas.

— Foi Deos, meo amo, disse o velho com voz arquejante, e nos olhos já quasi

embaçados pelas sombras da morte divisava-se um lampejo de alegria, —foi Deos, que lhe trouxe aqui agora... Eu ia morrer com o coração tão triste... ah! esta velha!... esta velha é o diabo que me entrou pela casa, Deos me perdoe!...

— Não te embaraces com ella, Simão; já lá se foi...

— Não creias, patrão; ha-de andar por ahí rondando para nos escutar.

Va ver primeiro, patrão; tenha paciencia; e volte depressa. Tenho muito que lhe contar, e não sei se a morte me dará tempo.

Elias cheio de curiosidade e assombro, sabio subtilmente da alcova, e foi rodear a cabana. A velha estava de feito do lado de fora com o ouvido collado á parede do quarto, onde se achava o morimbundo. Apenas porém presentio Elias, foi-se retirando e resmungando horriveis pragas.

— Mão fim tenhas tu, velho feiticeiro e o teo louco patrão, rosnava a velha. É esse o pago que me dás de te ter aguentado até aqui com toda a paciencia!...

— Cala-te, velha bruxa!... se te encontrar aqui mais a espreitar e escutar, tiro-te com um páo a vontade de voltar mais cá.

A velha amedrontada com ameaça de Elias, que a pouco tivera razão para crer que não ficaria só em palavra, sem nunca deixar de resmungar pragas e maldições foi recolhê-lo a sua casa que ficava a uma centena de passos.

Elias voltou pressuroso ao quarto do enfermo.

— Agora podes fallar, Simão, disse sentando-se a beirada do girão. Ninguém nos ouve; estamos completamente a sós... mas não... espera. Vou ver os meios de procurar-te algum soccorro... coitado do meo Simão !... aqui tão desembaraçado !... e nas garras desta bruxa maldita !... vou mandar ver um medico.

— Qual medico, patrão !... não tome esse trabalho... uma á duas horas de vida é o mais que me resta... se tanto...

— É o que pensas, meo pobre Simão; quem sabe?... Em todo caso não posso deixar-te morrer assim á mingoa de soccorro. Dize-me, não haverá por aqui algum vizinho que tenha prestimo, a não ser essa velha maldita ?...

— Oh ! patrão, por piedade !... não cuide

nisso... o tempo é pouco... sinto-me morrer...

— Morrer!... não; tem animo, meo Simão... eu vou...

— E quando voltar, me achará morto, e o que é peor ainda, roubado!

— Roubado!... exclamou Elias com um triste sorriso, pensando que aquillo era já o delirio da agonia.

— Sim, patrão; roubado!... fique ahi socegado... tenho muito que lhe contar, e ha de ser já. Depois faça o que quizer.

A curiosidade de Elias era grande, ansiosa, e o estado do velho camarada era com effeito extremo, e elle podia expirar de um momento para outro. Forçoso foi pois ceder á rogativa do pobre camarada que, com a voz sumida e entrecortada de gemidos, a custo pode fazer a seguinte narração:

— Quando Vm. foi-se embora para o Sincorá, meo unico cuidado foi andar engratando por todo esse rio abaixo e acima a ver se Deos me ajudava e se eu descobria alguma lavra bem rica para meo patrão. Meo patrão velho, coitado! Deos o tenha em sua gloria!... quando elle morreo, deixou Vm. pequenino a meo cuidado. Como é que eu

havia de morrer socegado se deixasse Vm. pobre e desamparado neste mundo!... Farei mim, pobre velho cançado e sozinho no mundo, o que eu quero fazer com diamante, ... era para Vm. Com o almocafre no hombro e a hateia na mão anlei provando as formações por toda essa beira de rio. Perdi muito tempo sem achar... mas, Deos louvado, sempre fazia algum vintem para ir passando o resto da vida. A resto Nossa Sra. do Patrocínio me ouviu... sempre achei o que eu e Vm. andávâmes procurando a tanto tempo. Que lavra, patrão!... é uma lavra de estrondo!... eu ia morrer com tamanho pezar, se não lhe podesse contar!... mas Deos foi de misericórdia .. agora morro socegado...

Elias ouvia atonito aquellas palavras do velho camarada e não ousava dar-lhes credito. Erão seguramento delirios da imaginação de um moribundo, e em sua incredulidade quasi que se invergonhava de tomal-as ao serio. — Pobre Sinaão!... reflectio comsigo, a razão ja o vai abandonando com a vida! Não podia conceber que á cabeceira de um miseravel moribundo a fortuna e a felicidade o esperassem, como por vezes o infortunio

costuma-se occultar entre as rosas de um festim para nos desfeixar um golpe fatal e imprevisto. Todavia não pode deixar de interromper o velho, e dirigir-lhe com avida curiosidade esta pergunta :

— Uma lavra !... tu deliras, meo pobre Simão !... onde está ella ?...

— Eu já lhe conto... ah ! se Vm. não apparecesse tão a tempo !... Vm. está duvidando ?... aqui está o que lhe ha de fazer acabar de crer... é o diamante, que eu já tinha t'rado... isto é seo... se Vm. não apparecesse, tudo isto ia parar nas mãos daquella malvada mulher, Deos me perdoe a mim e a ella !

Dizendo isto o velho, com mão tremula e convulsa, ia tirando do pescoço um pequeno saquitol de couro preso a um cordão, em forma de bentinho, e o entregou nas mãos de Elias, dizendo-lhe :

— Corte e veja para acabar de crer, e não cuidar que já estou treslendo...

Elias puchou a faca que trazia, presa á cava do collete, e cortou com cuidado o saquitol. Cahio-lhe na mão um punhado de grossos e lindos diamantes. Um lampojo de

alegria raiou nos olhos empanados do moribundo que murmurou com vós surda :

— É seo ; é tudo seo, patrão.

— Mas, Simão, disse Elias, não deixas no mundo filho, irmão, parente ou amigo, a quem queiras beneficiar?... posso eu accoitar isto sem prejuizo de ninguem?

— De ninguem, patrão, de ninguem. Eu sou sozinho no mundo. Se o patrão não apparece tão a tempo, minha herdeira era essa velha desalmada... cruz!... Deos lhe perdõe...

— E quem é esta velha!... que pretendia ella? conta-me tudo.

— Eu já lhe conto... ah!... meo Deos!... que dôr!... pare-me que já vou morrer! Meo Deos!... meo Deos!... dai-me força por mais um instante para poder acabar...

Elias olhou para o ceo, e repetio do fundo d'alma a supplica do moribundo. O velho acalmou-se um pouco e continuou :

— Ha mais de um mez que cahi entrevado e sem poder mover-me, mettime neste ranchinho onde sempre tenho morado. Achei-me sozinho e sem ter quem me tratasse; morreria aqui á fome e á mingoa, sem ninguem saber, se não fosse esta velha, unica

visinha que ha aqui mais perto e que, dando fé de mim que aqui estava abandonado, offereceo-se para me tratar. Acceitei agradecido a esmóla que me fazia e julguei que vinha mandada por Deos. O povo daqui, vendo-me assim andar arredado e sozinho e sempre a garimpar pelos mattos, tinha tomado cisma comigo e andava dizendo que eu era feiti-ceiro, tinha parte com o diabo, e que neste meo ranchinho eu tinha arrobas de diamante enterrado. A velha, que dava ouvidos a estas cousas, e tentada pelo demonio, veio um dia dar busca em meo pescoço, em quanto eu estava dormindo... eu logo accordei e bem o percebi; mas ella já tinha descoberto o negocio... foi a minha perdição... Ninguem mais entrou aqui senão ella e uma sua com-madre, tão bõa como ella, Deos a perdde! que faz as suas vezes e me fica de senti-nella, quando a outra tem precisão de sahir. Assim é mais de um mez estou aqui no fundo desta cama... ellas não me deixão sozinho um instante e não vejo outras caras senão as dellas... O certo é que cada vez vou a peor e desconfio... mas, ah! patrão, por alma do defunto patrão velho, não vá dizer a ninguem nem faça mal a essas desgraçadas...

— Mas desconfias o que?... falla, falla, Simão.

— Desconfio que estão me preparando para ir mais depressa. Nestes dias, vendo que estava mesmo ás portas da morte, disse a ellas que tinha que fazer certas declarações e pedir-lhes que me chamassem um homem para escrever o que eu queria e algumas pessoas para testemunhas... Tempo perdido!... nunca mais acharão o tal homem. Por fim pedi que me chamassem um padre; o mesmo; nunca acharão um padre para me confessar. Eu ia morrer sem confissão nas garras daquellas duas bruxas, Deos me perdoe! que estavam afflictas por me verem morto para me roubarem e deitarem meo corpo aos urubús... Mas nesta hora não devo lembrar-me das offensas, senão para perdoar. Deos louvado! Vm. appareceo, e eu lhes perdão de todo o coração.

— Ah! em que mãos estavas, meo pobre Simão!... mas a lavra, Simão? ainda não me disseste onde esta a lavra?...

— Ah!... sim... a lavra é... ai! meo Deos!...

Deo um grito, estrebuchou, seos olhos se

estalarão, escapou-lhe do peito um soluço rouquenho, e ficou immovel.

— Simão ! Simão ! gritou Elias agitando-lhe o braço. Vendo porem que não dava indício algum de vida :

Morto ! morto ! exclamou com angustia, morto e levando consigo para a sepultura o segredo de minha felicidade !

Elias, tendo-o já por morto, já se dispunha a retirar-se e a ir dar ordens para o enterro de seo velho camarada, quando um fraco gemido veio annunciar-lhe que elle ainda não estava morto. O moribundo tinha feito apenas o primeiro termo, que durou cerca de dés minutos. Elias foi examinal-o, e vio que respirava, e começava a mover os olhos.

— Patrão ? patrão !... que é delle ? forão as primeiras palavras que proferio com voz quasi imperceptivel.

— Ah ! está ahí !... quasi que não enchergo nada... A lavra é lá... rio abaixo... quasi uma legoa abaixo de Joaquim Antonio... passando tres corrigos, o terceiro do lado de cá do rio... Ha lá uma cruz de cedro que eu mesmo finquei... e cinco pedras grandes em cruz... e...

Não pode dizer mais... Estas ultimas palavras mesmo erão ditas com voz tão sumida, que Elias precisava quasi encostar o ouvido à boca do moribundo para poder ouvil-as. De novo estalou os olhos, esteiriçou-se na cama, e exhalou um suspiro convulsivo; era o derradeiro.

Elias cerrou-lhe os olhos, e ajoelhando-se no pé do misero leito com piedoso recolhimento, rezou pela alma do finado. Depois deo ao céu fervorosas graças pelo inestimavel e quasi miraculoso beneficio que acabava de fazer-lhe por intermedio de um velho e miseravel camarada.

Fechou cuidadosamente as portas e janellas da casa, montou a cavallo e partio a galope para o Commercio da Caixoeira a dar ordens para que se fizesse um interro decente a soo fiel e infeliz camarada.

XVII

A GRINALDA R O TUMULO

Desde pela manhã Lucia esperava com a mais anciosa impaciencia a vinda de seo amante. Achava-se cada vez mais enleada em crueis apuros, e todos dias seo pai a apertava vivamente para que se decidisse a aceitar por marido o negociante que havia sollicitado sua mão.

Bem via ella que o horisonte de novo se annueava e que outra vez o céu ia-lhe impor o cruel dever de immolar, desta vez irremissivelmente, o seo amor á felicidade de sua familia. Mas desta vez sua alma, ou porque já estivesse cançada de tantos embates e prostrada pelo desalento, ou porque seo amor mais avivado pela presença de Elias e fortalecido pela esperauça dominasse despoticamente em seo coração, já não sentia

aquella coragem que a tinha sustentado a primeira vez em sua nobre dedicação.

— Mas, reflectia ella consigo, eu então era só. Não tinha noticias de Elias, que andava por longe terras; não podia saber se ainda amava-me e nem mesmo se era vivo ou morto; podia dispor livremente de meo destino. Mas, agora que elle se acha perto de mim, que sei que vive e vive só para amar-me, e tanto direito tem adquirido ao meo amor, posso eu, sem consultal-o, sem dizer-lhe uma palavra, sacrificar o meo futuro, que é tambem o d'elle, á um pezar eterno?... oh! não! certo que não!... eu traiçoeira o amor que me consagra e a confiança que em mim tem, e mereceria bem que de novo me desprezasse e amaldiçoasse.

Tranquilizada um pouco por este subterfugio que lhe suggeria a sua consciencia de amante, Lucia se excusava para com seo pai com algumas evasivas, procurando ganhar tempo até que tivesse occasião de achar-se com Elias para, de accordo com elle, resolver o terrivel dilema em que estava empenhado o futuro de ambos.

Mas o sol já descabria muito de meio dia

e Elias não se apresentava. A posição de Lucia tornava-se cada vez mais triste e afflicta, e recresciaão as instancias, rogos e ameaças de seo pai, que nem dia assentara de levar ao ultimo extremo a resignada paciencia e submissão de sua filha.

Os homons de alma fraca e espirito acanhado, quando de ricos que erão cahem em estado de pobreza, tornão-se irritaveis, intolerantes, injustos e até as vezes crueis. O rancor de que se achão possuidos contra o destino que os maltrata e do qual uão se podem vingar, elles o desabafão contra as pessoas que com elles vivem e lhes são sujeitas. O Major, encolerizado com as delongas e hesitações de Lucia, perdeu aquella prudencia e bonhomia que sempre o caracterisava, e calcando aos pés o decoro e o respeito que sempre guardava para com os sentimentos de sua filha, acabrunhou-a com um montão de impertinentes reprehensões e crueis exprobrações :

— Filha indocil e caprichosa !... bradava elle em accessos de colera, que não sabe sacrificar uma paixōosinha indigna e ridicula aos verdadeiros interesses e ao socago

e felicidade de minha velhice!... pensa acaso que não estou percebendo que ainda tráz arraigada no coração essa afeição vergonhosa por esse pobre diabo, que ahí anda a tóa sem cira nem beira, e que tem sido constantemente o phantasma perturbador de meo repouzo e da felicidade de minha familia! Se nesta desgraçada terra houvesse policia e um recrutamento em regra, não andaria por ahí passeando livremente essa e outros vadios dessa laia, que não tem outra mais do que perturbar a paz das familias!... Ah! nunca pensei que a minha filha querida, que eu creei aos meos braços e ao meo collo, com tanto esmêro e tanto mimo, viesse amargarar-me assim o resto de meos dias!...

E Lucia, a pobre Lucia, com os olhos baixos e coberta de vergonha, ouvia toda aquella explosão da colera paterna, tremula e transida de horror como quem ouve o estalar da trovada, e só respondia com lagrimas e soluços. Seo coração já não tinha força para resistir a tão rudes embates; forçoso lho era curvar-se a esse novo sacrificio que o coração repollia, mas a consciencia aconselhava.

Levada ao ultimo extremo pelas crueis e duras palavras do Major, Lucia, com a fronte rubra a um tempo de pejo e de indignação, com o coração a transbordar de amargura e desespero, atirou-se aos pés de seo pai.

— Eis-me aqui, meo pai!... bradou com voz rouca e cortada de soluços. Eis aqui não a sua filha, mas a sua escrava. Faça della o que bem lhe approuver!

Nesse momento ouve-se o tropel de um cavalleiro que apea-se e bate á porta. Este incidente correo o panno sobre aquella triste e dolorosa scena; Lucia levantou-se euchugando á pressa as lagrimas e procurando compor o rosto transtornado pelos crueis emoções do momento. O Major foi tranquillamente abrir a porta que da rua ou da estrada dava immediatamente para a pequena sala em que se achavão; mas empalideceo ao reconhecer no visitante o mancebo contra o qual á poucos instantes a colera lhe tinha feito vomitar os mais injuriosos improperios. Elias, graças ao bafejo extraordinario que recebera da fortuna á cabeceira de seo camarada moribundo, apresenta-se com ar altivo e resolutivo; dir-se-hia que ouvira as

injúrias de que a pouco fôra o alvo, e d'ellas vinha exigir prompta satisfação. Mas, não era nada disso.

Elias, depois de ter dado com minucioso cuidado as necessarias providencias para que se fizesse o enterro a seu velho camarada com a possivel decencia, montou de novo a cavallo, e sem ao menos parar na casa de sua velha enfermeira, dirigio-se á toda a pressa á chonpana do Major. Já não erão precisas as entrevistas furtivas; os tímidos e occultos manejos já não tinhamo lugar. Era tempo de apresentar-se francamente, e declarar sem dissimulação as suas pretensões.

Quando Elias se apresentou ao limiar da porta, Lucia não pode conter um grito de surpresa. O Major recuou um pouco desconcertado, murmurando consigo: Este homem!... meo Deos!... este homem é como um espectro que surge sempre diants do mim em occasões destas. Depois, recuperando o sangue frio, complimentou cortezmente e disse-lhes:

— Oh! senhor Elias, muito me honra a sua visita... mas, desculpe-me a franqueza, continuou com sorriso sardonico, não posso dissimular-lhe que nesta occasião ella não me parece de muito bom agouro.

— Não?... sinto muito, senhor Major; mas não admira que eu que sempre tenho sido infeliz, não possa agourar senão desgraças. Mas agora... não sei qual possa ser o motivo...

— Não se lembra que a ultima visita com que me honrou, foi em vespas de casar-se minha filha Lucia?...

— Oh! se me lembro!... perfeitamente.

— E lembra-se tambem que esse casamento se desfez de um modo bem triste?...

— Como se fosse hoje, senhor Major..

— Pois bem; e agora que estou de novo em vespas de ca-al-a, eis que me apparece a sua visita. Sou algum tanto supersticioso, o não deixo de ficar um pouco apprehensivo...

— E não é sem fundamento a sua apprehensão, Senhor Major. Já que me falla com tanta franqueza, permitta-me que lhe retribua na mesma, e fique sabendo que o meo apparecimento hoje em sua casa não está longe de ser o annuncio de um novo desmancho de casamento.

— Devéras, senhor Elias! ? exclamou o Major com um sorriso que exprimia a um tempo

estranheza,, desdem e zombaria. Devéras! então ainda desta vez espera que temos pela barba algum moedeiro falso?..

— Pouco importa, retorquiu Elias sorrindo. Se não é moedeiro falso, o noivo de agora não deixa de ser um usurpador que pretende roubar o que lhe não pode pertencer. Da primeira vez foi a policia quem se encarregou de desmanchar o casamento; desta vez, porem, serei eu mesmo.

O Major estava pasmo, e não sabia o que pensar da audacia e impavidez com que o moço proferia aquellas palavras que a seus olhos erão verdadeiros despropositos. Estará louco este homem? pensava; ou prevalecendo-se do estado de pobreza e desvalimento em que me acho, vem agora vingar-se insultando-me?..

Lucia tambem, entre atonita e contente, não podia bem atinar com a significação daquelle inesperado incidente, e ardia por ouvir da boca de Elias a explicação de tao extraordinario procedimento; mas não lhe ficando bem dirigir-lhe a palavra, o interrogava com os olhos, onde reluzia a mais anciosa e viva curiosidade.

— Seguramente, replicou o Major depois de um instante de silencio, o senhor está gracejando; mas permitta-me que lhe advirta que nem a occasião, nem o assumpto são proprios para zombarias.

— Perdão, senhor Major! .. não zombo, nem sou capaz de zombar com ninguem um negocio e melindroso. Repito-lhe que venho desmanchar um casamento, por que venho aqui de proposito para pedir a mão de sua filha para outra pessoa que tem mais direito a ella do que esse pretendente com quem a quer casar, e que em ponto nenhum lhe é inferior.

O assombro do Major crescia de ponto, ao mesmo tempo que se augmentava o contentamento de Lucia, que começava a entrever o desfeicho daquella scena.

— Então o senhor, proseguio o Major pausadamente e barregando nas palavras; então o senhor veio á minha casa de proposito para embargar o casamento de minha filha com a pessoa a quem eu quero dal-a!?... Devéras, meo senhor?... o senhor mesmo?...

— Sim, senhor! eu mesmo! repetio Elias com segurança.

— E quem lhe dá esse direito?...

— Perdão; não venho exigir; venho pedir.

O Major hesitou um momento na resposta que devia dar; passou a mão pelas barbas grisalhas e respondeu:

— Se vem pedir, o caso é diferente... Todavia, por mais que o senhor me diga isto, me parece uma farsa, e acabamos com ella, eu não posso por modo algum faltar á minha palavra já comprometida com outra pessoa.

— E a senhora D. Lucia?... não conta com ella?... desculpe-me a pergunta. Dizendo isto Elias fitava os olhos em Lucia.

— Não posso deixar, respondeu o Major, de estranhar o desembaraço com que o senhor se intromette nos negocios de minha familia; contudo devo declarar-lhe...

O Major ia responder que sim; mas Lucia fixou-lhe um olhar, que parecia dizer-lho: não minta. O Major prosequio algum tanto embaraçado:

— Devo declarar-lho que ella, infallivelmente, dará o seu contentimento; tenho disso certeza.

Elias olhou para Lucia; esta lhe fazia com a cabeça um signal negativo.

— Que certeza tem disso, senhor Major? já a consultou?

— Tenho toda a certeza. Demais, já que começamos a explicar-nos com toda a franqueza, continuemos da mesma sorte; não desfazendo em nenhuma outra pessoa, o noivo a quem destino minha filha é um moço muito distincto, activo e intelligente, e que já possui alguma cousa; aqui pela Bagagem não conheço outro que esteja em melhores, nem mesmo em iguaes condições. Poder-se-há dizer outro tanto desse que a pretende, e que julgais com mais direito de que o outro. Estamos pobres, como sabe; por mim, que já pouco tenho a viver, pouco me importaria a pobreza. Mas custar-me-hia muito resignar-me a ver minha Lucia soffrer as privações da pobreza, podendo dar-lhe uma posição mais commoda e brilhante na sociedade. Seria uma crueldade que nunca me perdoaria a mim mesmo.

— Tem razão de sobra, senhor Major; nem vou contra isso. Então é muito rico esse moço?... quanto possuirá elle pouco mais ou menos?

— Principiou a negociar a pouco tempo,

e já possui talvez mais de vinte contos livres. Aqui para o sertão não é máo começo.

— E se esse outro, que também pretende á mão da sua filha, possuir tanto ou mais do que isso.

— Embora!... a minha palavra é sagrada; não é motivo bastante para eu fallar á cila.

— Mas, senhor Major, sua filha ainda não deo palavra no noivo que lhe quer dar. E supponhamos que ella já tivesse hypothecado sua palavra e seo amor a este de quem lhe fallo, e que fosse elle o noivo da escolha de seo coração?

— Ah! nesse caso... eu sei?... mas... acabemos com este mysterio; quem é esse pretendente?... onde está esse noivo?

— Pergunte-o á sua filha, senhor Major; ella tanto como eu, lh'o poderá dizer.

Lucia corou extraordinariamente, e baixou os olhos.

— Ah!... exclamou o Major como accordando de um sonho, não é preciso que me digão nada; já o adivinhei... é o senhor mesmo... mas será possível...

— Sim, senhor Major; o senhor o disse; sou eu mesmo. O que acha nisso de estranho?

— Nada... O que somente me maravilha o não posso conceber, é como o senhor, que ninda hontem era tão pobre como eu me vejo agora, podesse de um dia para outro adquirir uma fortuna...

— Cahio-me do céu, senhor Major; posso assim dizer. E não foi para mim que o céu a enviou, foi para sua filha, que é um dos seus anjos, que o céu a enviou. Era para ella que eu a muitos annos, com esforços e diligencias inauditas, a procurava. A caprichosa fortuna, que de um dia para outro o reduzio á pobreza, quiz tambem de um momento para outro tornar-se rico. Foi uma compensação, senhor Major; e o céu quer que este pouco, que agora a fortuna me concede, seja consagrado a tirar da miseria a familia a quem ella tão cruelmente despojou.

— Senhor Elias, disse o Major commovido, desculpa-me... eu tenho sido victima de tantas decepções, de tantas mistificações neste mundo...

— Comprehendo, atalhou o moço, duvida ainda do que eu digo. Tem muita razão, senhor Major. Quer uma prova, não é assim? Eil-a aqui.

Dizendo isto, Elias tirou do bolso um pequeno embrulho. e o entregou ao Major.

— Bem vê. accrescentou elle, que só o jogo, o testamento ou o garimpo nos podem tornar ricos de um dia para outro.

— São na verdade magnificos brilhantes, disse o Major depois de abrir o embrulho. Só aqui ha um valor de muito mais de vinte contos.

— E a lavra de onde sahirão ainda não está esgotada, disse Elias.

— Já vejo que o céu os destinava um ao outro, e de maneira nenhuma me posso oppôr ao vosso casamento, visto que as cousas tocadas pela mão de Deos se encaminhão de modo tão visivel para esse fim. Não me é preciso perguntar á Lucia se consente nesse casamento. Á muito sei de vossa mutua affeição, e que era ella a causa da repugnancia de Lucia em acceitar outros enlacs. O céu me é testemunha de que eu, dentro d'alma, não desapprovava esse amor, e que sempre fiz justiça ás suas qualidades e bons sentimentos, senhor Elias. Mas este mundo, esta sociedade tem taes exigencias... e eu tambem, eu que em minha vida singela e

uniforme nunca sondei o oceano das paixões humanas, não podia conhecer todo a alcance de tal amor, e pensava, insensato que eu era! que contrariando os affectos de minha filha, procurava-lhe a verdadeira felicidade. Mas espero, meos filhos, que me perdoarão e não me quererão mal por isso.

— Esqueçamos o passado, senhor Major, esse passado, que para nós ambos tem sido bem triste e bem cheio de transe de amargura. Tinha um motivo justo de proceder assim; eu o reconheço; e tanto o reconheço, que ainda hoje, ao levantar-me do leito onde passara a noite em lagrimas, torturado de angustias e o desalento n'alma, vendo-me pobre, sem futuro e sem esperança depois de mil vãs tentativas e desesperados esforços para adquirir alguma cousa, parti para aqui com a firme resolução de renunciar para sempre ao meo amor e a todas as minhas esperanças de felicidade, desligar-me de todos os juramentos e protestos que nos dias de esperança fizera á sua filha, com o meo exemplo e minhas palavras aconselhal-a, alentál-a, para que se resolvesse a aceitar o esposo que podia amparal-a neste mundo,

e esquecess, o desgraçado que não podia servir senão de estorvo a sua felicidade e á de sua familia.

— Que bello e generoso procedimento! exclamou o Major, já sinto-me orgulhoso em o ter por genro.

Lucia, sem dizer palavra, olhava fixamente para Elias com os olhos nadando em ternura e em arroubos de felicidade.

— Mas o céo se conduziu de nós, continuou Elias, e no curto caminho do Commercio de baixo para aqui, a fortuna por um modo extraordinario surri-me junto ao leito de morte de um pobre velho, e encontrei n'um momento e sem procurar aquillo que a tanto tempo procurava em vão com esforços inauditos. Esqueça-se do passado, senhor Major, e abençoe o nosso a:nor; eu tambem de tudo me esquecerei, e pode estar certo que encontrará em mim sempre um filho submisso e affectuoso, e suas filhas, uma um marido terno e extromoso, e outra um irmão dedicado.

O Major commovido no intimo do coração pelo generoso procedimento e pelas nobres palavras do mancebo, lançou-se em seos braços.

— Sejam felizes, exclamou com as lagrimas nos olhos, sejam felizes, meus filhos!... o céu abençoe o vosso amor.

Logo de-do o dia seguinte Elias tratou de empregar toda a diligencia para descobrir a mina indicada por seo velho camarada no leito de morte. No fim de alguns dias de pesquisas, com bastante trabalho e paciencia, descobrio-a enfim no fundo de um grotão escuro e coberto de espessa matta. Não havia trilha algum que lá conduzisse. O velho e astuto caboclo mui de proposito tinha tido o cuidado de não deixar vestigio algum por onde pudesse ser descoberto o thesouro que não queria que pertencesse a mais ninguem senão a seo joven patrão. Elias immediatamente deo serviço e o resultado não desmentio as palavras do velho caboclo. Em poucos dias elle tinha quadruplicado o legado que na hora da morte recebera das mãos do fiel e dedicado Simão. Mas, cousa singular! logo depois a lavra se esgotou, e por mais serviços que dessem, ninguem conseguiu descobrir o

minimo diamante. Dir-se-hia que a providencia tinha alli depositado aquelle pequeno thesouro unicamente para servir de recompensa á virtude daquelles dous fieis e dedicados amantes.

Quinze dias depois do acontecimento que teve lugar na pequena choupana do Major, na pequena e unica capellinha que então havia na Bagagem, celebrava-se um casamento sem pompa alguma e com a maior simplicidade; mas o jubilo e contentamento que se irradiava na physionomia dos noivos e de todos que presenciavão aquella solenidade, davão-lhe um ar festivo, e annunciavão que era um casamento feliz. Era com effeito um sympathico e formoso par, diguo de todas as venturas da terra, e de todas as benções do céo.

Ao sahirem da igreja, os noivos, separando-se da comitiva que os acompanhava, desviarão para um lado da igreginha, e eucaminharão-se para uma cova que ali se via recentemente aberta, junto a qual havia tambem uma cruz nova de madeira.

Ajoelharão-se junto dolla, e nessa postura estiverão resando por algum tempo. Ao levan-

tarem-se a moça despregou o mais lindo ramo de sua grinalda de noiva e o depositou em um dos braços da cruz; no outro o marido collocou um ramalhete de perpetuas e saudades. E o povo que, cheio de interesse e admiração contomplava aquella nobre e tocante scena, os bemdizia de todo o coração.

FIM

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII

INDICE

	PAG.
I.—A Fazenda	5
II.—A Cavalhada	19
III.—Na Roça	41
IV.—O Garimpeiro	62
V.—O Bahiano	83
VI.—A Recusa	93
VII.—O Sacrificio	104
VIII.—Elias	114
IX.—Alem de queda, couce	127
X.—A Affronta	137
XI.—De Mal a Peior	153
XII.—Moedeiro falso	163
XIII.—Os Vizinhos	176
XIV.—A Lavadeira	188
XV.—Abnegação	211
XVI.—O Moribundo	226
XVII.—A Grinalda e o Tumulo	242

FIM DO INDICE